

2021

ÍNDICE GLOBAL DA FOME

FOME E SISTEMAS ALIMENTARES EM SITUAÇÕES DE CONFLITO



Ajuda
em Ação



welt
hunger
hilfe

CONCERN
worldwide

CRÉDITOS

Edição portuguesa realizada por:



Edição portuguesa:

Joana Brandão, Mário Santos

Tradução do inglês original:

José Dias Ferreira

Adaptação gráfica:

SocialCo

Em colaboração com:



Nota do tradutor:

Para a tradução dos termos técnicos relacionados com a fome e a alimentação, foi utilizada como referência a nomenclatura utilizada nos relatórios da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) sobre o Estado da Segurança Alimentar e da Nutrição no Mundo.

O relatório em português está disponível em:

<https://www.globalhungerindex.org/pdf/pt/2021.pdf>

Traduzido com a autorização de Concern Worldwide y Welthungerhilfe.

A Ajuda em Ação é responsável pela exatidão e qualidade da tradução.

A versão original em inglês, bem como as versões nas várias línguas,

podem ser encontradas em: <http://www.globalhungerindex.org>

Ajuda em Ação Portugal

<http://www.ajudaemacao.org>

Avenida da Liberdade, 38-4º

1250-145 Lisboa

+351 211 201 639

geral@ajudaemacao.org

Desde 1981, a Ajuda em Ação trabalha para erradicar a pobreza e a desigualdade, ajudando a melhorar a proteção, nutrição e educação de quase um milhão e meio de crianças e suas famílias. Está atualmente ativa em 18 países da América Latina, África e Ásia e, durante os últimos cinco anos, em Espanha e Portugal.

Desde 2018, a Ajuda em Ação é membro da Alliance2015, uma rede europeia de ONG.

2021

ÍNDICE GLOBAL DA FOME

FOME E SISTEMAS ALIMENTARES EM CENÁRIOS DE CONFLITO

Klaus von Grebmer, Jill Bernstein, Miriam Wiemers, Tabea Schiffer, Asja Hanano, Olive Towey, Réiseal Ní Chéilleachair, Connell Foley, Seth Gitter, Kierstin Ekstrom, e Heidi Fritschel

Autores convidados

Dan Smith e Caroline Delgado, Instituto Internacional de Estudos para a Paz de Estocolmo



Bonn / Dublin
Outubro 2021

Uma publicação revista por pares



CONCERN
worldwide



Uma criança regressa de uma distribuição gratuita de pão num campo em Idlib, Síria, para pessoas deslocadas pela guerra civil do país. Enquanto a distribuição de alimentos responde a necessidades imediatas, medidas a longo prazo, como a construção ou reabilitação de padarias, podem assegurar o autoabastecimento e criar oportunidades de emprego durante períodos de conflito prolongado

PREFÁCIO

À medida que o ano 2030 se aproxima, a concretização do compromisso mundial para a Fome Zero está tragicamente distante. As projeções atuais baseadas no Índice Global da Fome mostram que o mundo, como um todo - e 47 países em particular - não conseguirão cumprir as suas metas de Fome Zero até 2030.

Relatórios recentes já fizeram soar o alarme. O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo sublinha que a subalimentação estava a aumentar mesmo antes da pandemia da COVID-19, que só exacerbou a insegurança alimentar. O Relatório Global sobre Crises Alimentares aponta para a crescente magnitude e gravidade das crises alimentares em 2020 e para as perspectivas sombrias para 2021. O Programa Alimentar Mundial adverte que 41 milhões de pessoas estão “à beira da fome.”

O IGF 2021 acrescenta-se agora a esta análise. Acompanha os indicadores-chave utilizados para medir o progresso em direção à fome zero a nível nacional, regional e global, refletindo múltiplas dimensões da fome ao longo do tempo. Aponta para uma situação de fome extrema, resultado do cocktail tóxico da crise climática, da pandemia COVID-19, e de conflitos violentos cada vez mais graves e prolongados. Estas forças abrandaram ou inverteram os progressos anteriores, o que foi menos sustentável do que esperávamos.

No contexto da Cimeira das Nações Unidas sobre os Sistemas Alimentares de 2021, o relatório do IGF deste ano mergulha num dos maiores desafios políticos de 2021: como conseguir uma mudança significativa para os 155 milhões de pessoas consideradas extremamente inseguras do ponto de vista alimentar, as 133.000 pessoas que enfrentam uma catástrofe alimentar potencialmente fatal, e os 10 países classificados pelo IGF como *alarmantes* ou *extremamente alarmantes*, 8 dos quais estão devastados por conflitos.

O conflito violento está entre os maiores causadores da fome. Afeta praticamente todos os aspetos dos sistemas alimentares, desde a produção, colheita, processamento, e transporte até ao fornecimento, financiamento, comercialização e consumo de meios de produção. Além disso, em muitos casos os efeitos do conflito violento e das alterações climáticas cruzam-se entre si para exacerbar os riscos e vulnerabilidades das comunidades. O foco do ensaio deste ano de Caroline Delgado e Dan Smith do Instituto Internacional de Investigação sobre a Paz de Estocolmo é a interseção de conflito e fome, e as medidas que devemos tomar para os quebrar, a fim de contribuir para um planeta mais pacífico e seguro do ponto de vista alimentar.

Os autores defendem a integração de uma perspectiva de construção da paz na criação de sistemas alimentares resilientes e de uma perspectiva de segurança alimentar e nutricional na construção da paz.

Afirmam que o progresso em matéria de paz e segurança alimentar é possível mesmo nas circunstâncias mais desfavoráveis, e mesmo intervenções de pequena escala por parte de agentes humanitários, de desenvolvimento e de paz podem contribuir em grande medida para a construção da paz. Identificam quatro prioridades para um progresso eficaz: uma abordagem flexível e ágil baseada numa compreensão profunda dos contextos locais; um compromisso de trabalhar em parcerias que reúnam agentes locais, governos nacionais e organizações internacionais; formas integradoras de trabalhar ao longo do nexo humanidade-desenvolvimento-paz que incluam intervenientes relevantes; e um financiamento flexível, baseado nas necessidades, intersectorial e plurianual.

Dada a complexa mistura de desafios que temos perante nós, é imperativo que enfrentemos imediatamente os três principais motores da fome - conflito, alterações climáticas e a devastação económica provocada pela COVID-19 - indo além de promessas vazias, meias medidas e soluções temporárias. Em última análise, os conflitos devem ser resolvidos através de soluções políticas e mudanças sociais, e o direito internacional deve ser reforçado para assegurar a responsabilização pelas violações do direito à alimentação, inclusive em situações de conflito. Os agentes internacionais devem usar a sua influência para impelir os Estados para uma boa governação. Temos de construir resiliência nos nossos sistemas alimentares, inclusive através da adaptação e mitigação do clima. De forma mais decisiva, necessitamos urgentemente de uma maior solidariedade global para responder e superar a atual pandemia, que certamente não será a última.

Aprendemos nos últimos anos que o progresso humano não é inevitável. A combinação de alterações climáticas, a COVID-19, e os conflitos está a fazer-nos regressar a um mundo que pensávamos ter deixado para trás. A pobreza extrema aumentou pela primeira vez em 20 anos, e a fome, algo que pensávamos que tínhamos relegado para a história, está de volta.

Mas a narrativa ainda pode ser alterada.

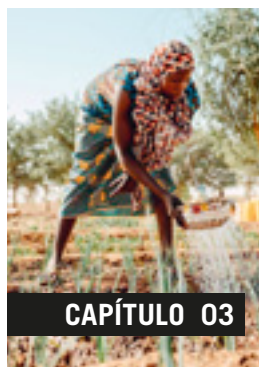
Não faltam ambições, expressas numa multiplicidade de acordos e cimeiras internacionais: não só a Cimeira das Nações Unidas sobre Sistemas Alimentares, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, o Acordo de Paris sobre alterações climáticas, e a Resolução 2417 do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre conflitos e fome, mas também a próxima Cimeira de Tóquio sobre Nutrição para o Crescimento de 2021 e a 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas. É tempo de concretizar estas aspirações para concretizar o direito à alimentação para todos e não deixar ninguém para trás.



Mathias Mogge
Secretário-Geral
Welthungerhilfe

Dominic MacSorley
Diretor Executivo
Concern Worldwide

ÍNDICE



RESUMO	5
CAPÍTULOS	
01 Tendências Globais, Regionais e Nacionais	6
02 Fome e Sistemas Alimentares em Cenários de Conflito	24
03 Recomendações políticas	34
APÊNDICES	
A O conceito do Índice Global da Fome	37
B Fórmula de cálculo das pontuações do Índice Global da Fome	40
C Fontes de dados para os componentes do Índice Global da Fome, 2000, 2006, 2012, e 2021	41
D Dados subjacentes ao cálculo das pontuações do Índice Global da Fome de 2000, 2006, 2012 e 2021	41
E Pontuações do Índice Global da Fome de 2000, 2006, 2012, e 2021, e variação desde 2000	44
F Pontuações do IGF dos países em 2021 por região	45
BIBLIOGRAFIA	49
PARCEIROS	54

RESUMO

O Índice Global da Fome (IGF) de 2021 aponta para uma situação terrível de fome num mundo a braços com múltiplas crises. O progresso em direção à Fome Zero até 2030, já demasiado lento, está a mostrar sinais de estagnação ou mesmo de ser revertido.

A luta contra a Fome está Perigosamente Aquém dos Seus Objetivos

Com base nas atuais projeções do IGF, o mundo como um todo - e 47 países em particular - não conseguirá atingir um baixo nível de fome até 2030. Conflitos, alterações climáticas, e a pandemia COVID-19 - três das forças mais poderosas e tóxicas que provocam a fome - ameaçam aniquilar qualquer progresso que tenha sido feito contra a fome nos últimos anos. Os conflitos violentos, que estão profundamente interligados com a fome, não mostram sinais de abrandamento. As consequências das alterações climáticas estão a tornar-se cada vez mais aparentes e dispendiosas, mas o mundo não desenvolveu nenhum mecanismo eficaz para mitigar, e muito menos para inverter esta situação. E a pandemia da COVID-19, que se agravou em diferentes partes do mundo ao longo de 2020 e 2021, mostrou até que ponto somos vulneráveis ao contágio global e às suas consequências sanitárias e económicas associadas.

O Progresso Global está a Abrandar, e a Fome Permanece Obstinadamente Alta em algumas regiões

As provas mostram retrocessos atuais contra a fome e apontam para problemas futuros. Embora as pontuações do IGF revelem que a fome global tem vindo a diminuir desde 2000, os progressos estão a abrandar. Enquanto a pontuação do IGF para o mundo caiu 4,7 pontos, de 25,1 para 20,4, entre 2006 e 2012, caiu apenas 2,5 pontos desde 2012. Após décadas de declínio, a prevalência global de subnutrição - um dos quatro indicadores utilizados para calcular a pontuação de IGF - está a aumentar. Esta mudança pode ser um prenúncio de retrocesso noutras medidas da fome. Tanto na África a Sul do Sara como no Sul da Ásia, a fome é considerada *grave*. A África a Sul do Sara tem as taxas mais elevadas de subnutrição, raquitismo infantil, e mortalidade infantil de qualquer região do mundo. O elevado nível de fome no Sul da Ásia é em grande parte causado pela subnutrição infantil, particularmente quando medida pela emaciação infantil. Nas regiões da Europa e da Ásia Central, América Latina e Caraíbas, Ásia Oriental e do Sudeste Asiático, e Ásia Ocidental e Norte de África, os níveis de fome são *baixos* ou *moderados*.

A fome Permanece Grave, Alarmante ou Extremamente Alarmante em Quase 50 Países

Um país, a Somália, sofre de um nível de fome *extremamente alarmante*. A fome está em níveis *alarmantes* em 5 países - República Centro-Africana, Chade, República Democrática do Congo, Madagáscar e Iémen - e provisoriamente classificada como *alarmante* em mais 4 países (Burundi, Comores, Sudão do Sul e Síria). A fome foi identificada

como *grave* em 31 países e é provisoriamente classificada como *grave* em mais 6 países. Desde 2012, a fome aumentou em 10 países com níveis *moderados*, *graves* ou *alarmantes* de fome, em alguns casos refletindo uma estagnação do progresso e noutros sinalizando a intensificação de uma situação já precária. Catorze países alcançaram melhorias significativas na fome, com uma redução de 25% ou mais entre as suas pontuações do IGF entre 2012 e 2021. Contudo, grandes variações no estado nutricional das crianças, mesmo dentro das fronteiras dos países, são generalizadas e podem ser obscurecidas por médias nacionais.

Conflitos Violentos Provocam a Fome

As ligações bidirecionais entre a fome e o conflito estão bem estabelecidas. O conflito violento é destrutivo para praticamente todos os aspetos de um sistema alimentar, desde a produção, colheita, processamento e transporte até ao fornecimento, financiamento, comercialização e consumo de meios de produção. Ao mesmo tempo, o aumento da insegurança alimentar pode contribuir para o conflito violento. Sem resolver a insegurança alimentar, é difícil construir uma paz sustentável, e sem paz a probabilidade de acabar com a fome global é mínima.

Quebrar as Ligações entre Conflito e Fome pode Fazer Progredir tanto a Segurança Alimentar como a Paz

É possível começar a quebrar os laços destrutivos entre conflito e fome e construir resiliência, mesmo no meio de conflitos e vulnerabilidade extrema. Trabalhando em conjunto, agentes tais como estados, grupos comunitários, organizações não governamentais (ONG) locais e internacionais, e agências das Nações Unidas podem criar condições para a segurança alimentar e a paz sustentável. Integrar eficazmente uma perspetiva de construção da paz na criação de sistemas alimentares resilientes e uma perspetiva de segurança alimentar na construção da paz exigirá que os agentes externos tenham um conhecimento bem fundamentado do contexto e atuem com sensibilidade face às realidades dos conflitos em curso. É importante reforçar a ação liderada localmente e refletir as preocupações e aspirações locais ao mesmo tempo que se trabalha através de parcerias que reúnem diversos agentes e os seus respetivos conhecimentos. O financiamento deve ser flexível, a longo prazo e adaptável a contextos fluidos frágeis e afetados por conflitos. Finalmente, é crucial abordar o conflito a nível político e julgar a utilização da fome como arma de guerra.

01



Uma mulher peneira os grãos comestíveis numa aldeia “Nutrition Smart Village”, uma iniciativa de alívio que promove a agricultura sensível à nutrição, no distrito de Chhatarpur, Índia. As pessoas têm sido severamente atingidas pela COVID-19 e pelas restrições relacionadas com a pandemia na Índia, o país com a maior taxa de emaciação infantil a nível mundial.

TENDÊNCIAS GLOBAIS, REGIONAIS E NACIONAIS

Mensagens-Chave

- **A luta contra a fome está perigosamente mal encaminhada.** Com base nas atuais projeções do IGF, o mundo como um todo - e 47 países em particular - não conseguirá atingir um baixo nível de fome até 2030.
- **A segurança alimentar está a ser atacada em múltiplas frentes.** O agravamento dos conflitos, os fenômenos climáticos extremos associados às alterações climáticas globais e os desafios econômicos e sanitários associados à pandemia da COVID-19 estão todos a conduzir à fome.
- **Após décadas de declínio, a prevalência global da subalimentação - uma componente do Índice Global da Fome - está a aumentar.** Esta mudança pode ser um indicador importante da reversão de outras medidas de combate à fome.
- **A África a Sul do Saara e o Sul da Ásia são as regiões do mundo onde os níveis de fome são mais elevados.** A fome, em ambas as regiões, é considerada *grave*.

→ **Dezenas de países sofrem de fome grave.** De acordo com as pontuações do IGF e designações provisórias de 2021, com base em dados de 2016-2020, a fome é considerada *extremamente alarmante* num país (Somália), *alarmante* em 9 países, e *grave* em 37 países.

→ **A desigualdade - entre regiões, países, distritos e comunidades - é generalizada e, não controlada, impedirá o mundo de alcançar o mandato dos ODS de “não deixar ninguém para trás”.**

É difícil ser-se otimista em relação à fome, em 2021. As forças que agora conduzem à fome estão a dominar as boas intenções e os objetivos nobres. Entre as mais poderosas e tóxicas destas forças estão os conflitos, as alterações climáticas e a COVID-19 - três fatores que ameaçam aniquilar qualquer progresso que tenha sido feito na luta contra a fome nos últimos anos. Os conflitos violentos, que estão profundamente interligados com a fome, não mostram sinais de abrandamento. As consequências das alterações climáticas estão a tornar-se cada vez mais aparentes e dispendiosas, mas o mundo não desenvolveu nenhum mecanismo totalmente eficaz para abrandar, muito

CAIXA 1.1 SOBRE AS PONTUAÇÕES DO ÍNDICE GLOBAL DA FOME

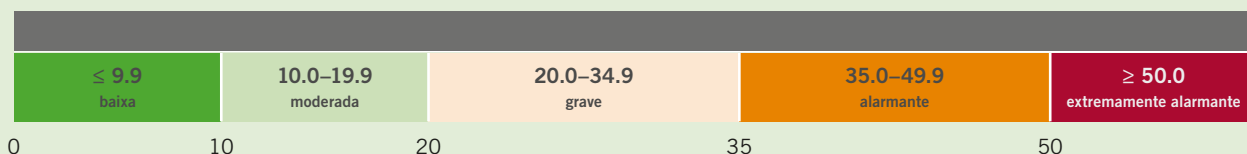
O Índice Global da Fome (IGF) é uma ferramenta para medir e acompanhar a fome de forma abrangente a nível global, regional e nacional. As pontuações do IGF baseiam-se nos valores de quatro indicadores:

- subalimentação - a percentagem da população com consumo calórico insuficiente (os dados são da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura)
- emaciação infantil— a percentagem de crianças com menos de cinco anos que têm baixo peso para a sua altura, o que reflete subnutrição aguda (os dados relativos à emaciação e ao raquitismo infantil são da UNICEF, da Organização Mundial de Saúde, do Banco Mundial e do Programa de Inquéritos Demográficos e de Saúde)

→ raquitismo infantil— a percentagem de crianças com menos de cinco anos que têm baixa altura para a sua idade, o que reflete subnutrição crónica

→ mortalidade infantil— a taxa de mortalidade de crianças com menos de cinco anos, que reflete em parte a mistura fatal de nutrição desadequada e ambientes pouco saudáveis (os dados são do Grupo Interagências das Nações Unidas para a Estimativa da Mortalidade Infantil).

Com base nos valores dos quatro indicadores, o IGF determina a fome numa escala de 100 pontos, em que 0 é a melhor pontuação possível (sem fome) e 100 é a pior. A pontuação do IGF de cada país é classificada por *gravidade*, de *baixa* a *extremamente alarmante*. A pontuação de 2021 do IGF inclui dados relativos a 2016-2020.



Nota: As pontuações do IGF só são comparáveis dentro de cada relatório anual, não entre relatórios de anos diferentes. Para acompanhar o desempenho do IGF de um país ou região ao longo do tempo, a sua pontuação de IGF em 2021 pode ser comparada com as suas pontuações de IGF em 2000, 2006, e 2012, como se mostra neste relatório. Para uma explicação detalhada do conceito do IGF, os intervalos de datas e o cálculo das pontuações, e a interpretação dos resultados, ver os Apêndices A e B.

menos para inverter esta situação. (Raiser et al. 2020). E a pandemia da COVID-19, que se agravou em diferentes partes do mundo ao longo de 2020 e 2021, mostrou o quão vulneráveis somos ao contágio global e às suas consequências para a saúde e economia associadas. À medida que lutamos para conter a atual pandemia, devemos ser realistas de que esta não será a última. Impulsionados por estes fatores - assim como por uma série de fatores subjacentes, tais como a pobreza, a desigualdade, os sistemas alimentares insustentáveis, a falta de investimento na agricultura e no desenvolvimento rural, as redes de segurança inadequadas e a má governação - os progressos na luta contra a fome mostram sinais de estagnação e até mesmo de inversão. É neste contexto dramático que a situação da fome se está a desenrolar no mundo como um todo, em regiões globais e em países individuais.

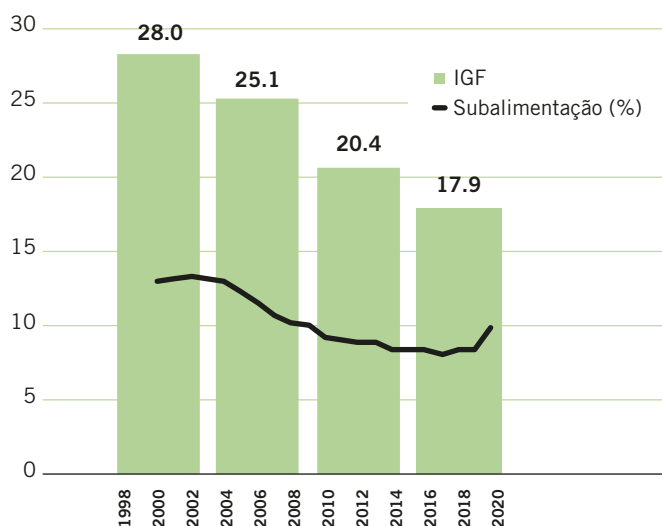
O mundo

A luta contra a fome está perigosamente mal encaminhada. Com base nas atuais projeções do IGF, o mundo como um todo - e 47 países em particular - não atingirá um baixo nível de fome até 2030.¹ Destes países, 28 estão localizados na África a Sul do Saara, estando os restantes países repartidos entre o Sul da Ásia, Ásia Ocidental e Norte de África, Leste e Sudeste Asiático, e América Latina e Caraíbas. Projeções recentes da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) corroboram estas conclusões: tendo em conta os efeitos da pandemia da COVID-19, prevê-se que 657 milhões de pessoas (quase 8% da população mundial) estejam subalimentadas em 2030 - cerca de 30 milhões mais do que se a pandemia não tivesse ocorrido (FAO, IFAD et al. 2021). Do mesmo modo, o mundo não está no bom caminho para cumprir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) sobre nutrição infantil. Apenas 25% de todos os países estão no bom caminho para cumprir o objetivo de reduzir para metade o número de crianças afetadas pelo raquitismo até 2030, e apenas 28% dos países estão no bom caminho para cumprir o objetivo de reduzir a emaciação infantil para menos de 3% e mantê-lo neste nível (UNICEF, OMS, e Banco Mundial 2021b). As últimas projeções sobre mortalidade infantil mostram que 53 países necessitam de acelerar os progressos se quiserem atingir a meta do ODS de reduzir as taxas de mortalidade de menores de cinco anos para 2,5% ou menos até 2030 (UN IGME 2020b).

As evidências mostram os atuais recuos contra a fome e sugerem problemas futuros. Embora os resultados do IGF mostrem que a fome global tem estado em declínio desde 2000, coincidindo com

¹ As projeções para 2030 são projeções lineares baseadas nas atuais pontuações de IGF em 2000, 2006, 2012, e 2021 para cada país, e apenas os países com dados suficientes para o cálculo destas pontuações foram incluídos na análise. Estas projeções não são comparáveis às projeções de relatórios anteriores devido a alterações na disponibilidade de dados e revisões dos dados existentes. Por exemplo, o relatório do ano passado tinha pontuações de IGF em 2020 para 107 países, enquanto o relatório deste ano tem pontuações de IGF em 2021 para 116.

FIGURA 1.1 PONTUAÇÕES MUNDIAIS DO IGF E PREVALÊNCIA MUNDIAL DA SUBALIMENTAÇÃO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS



Nota: As pontuações do IGF para o ano 2000 incluem dados de 1998-2002; as pontuações do IGF de 2006 incluem dados de 2004-2008; as pontuações do IGF de 2012 incluem dados de 2010-2014; e as pontuações do IGF de 2021 incluem dados de 2016-2020. Os dados sobre subalimentação são da FAO (2021). Os valores da subalimentação incluem dados de países de alto rendimento com baixos níveis de fome, que são excluídos do IGF. Para uma lista completa de fontes de dados para o cálculo das pontuações de IGF, ver Apêndice C.

um declínio da pobreza extrema nesse período, o progresso está a abrandar. Enquanto a pontuação do IGF para o mundo caiu 4,7 pontos, de 25,1 para 20,4, entre 2006 e 2012, caiu apenas 2,5 pontos desde 2012. Os últimos dados sobre a prevalência da subalimentação - um dos quatro indicadores utilizados para calcular a pontuação do IGF - revelam um ligeiro aumento a partir de 2018 e um aumento acentuado em 2020 (FAO, IFAD et al. 2021; Figura 1.1).² Os dados sobre a subalimentação podem ser um indicador importante de uma reversão mais ampla do progresso contra a fome.

Os conflitos continuam a ser um dos principais responsáveis pela fome (ver Caixa 1.2 e Capítulo 2). Mais de metade das pessoas que enfrentam subalimentação vivem em países afetados por conflitos, violência ou fragilidade (FAO, IFAD et al. 2021). Entre os 155 milhões de pessoas em situação de crise alimentar, emergência, ou catástrofe em 2020, o conflito foi o principal responsável pela fome de 99,1 milhões de pessoas em 23 países (FSIN e GNAFC 2021).³ O conflito

² Dos dados utilizados para calcular as pontuações do IGF no relatório deste ano, os efeitos da pandemia da COVID-19 refletem-se apenas nos dados sobre a prevalência da subalimentação, tornada possível pela metodologia "nowcast" da FAO. Os dados sobre raquitismo e emaciação infantil ainda não refletem, em grande parte, os efeitos da pandemia devido aos obstáculos na recolha de dados dos inquéritos aos agregados familiares no contexto das políticas de distanciamento físico. Na altura da conclusão deste relatório, os últimos dados publicados sobre a mortalidade infantil do Grupo Interagências das Nações Unidas para a Estimativa da Mortalidade Infantil eram de 2019.

³ Estes dados sobre insegurança alimentar baseiam-se no sistema de Classificação Integrada de Fases de Segurança Alimentar (IPC), tal como consta do *Relatório Global sobre Crises Alimentares* (FSIN e GNAFC 2021).

é um fator de previsão consistente da desnutrição infantil, particularmente quando medido pelo raquitismo infantil (Brown et al. 2020). O conflito também aumenta a mortalidade infantil diretamente através de lesões e traumas e indiretamente através de diarreia, sarampo, malária, infecções das vias respiratórias inferiores, e desnutrição associada a más condições de vida e infraestruturas de saúde deterioradas (Kadir et al. 2018).

As alterações climáticas já estão a aumentar a insegurança alimentar através de temperaturas mais elevadas, da alteração dos padrões de precipitação e de eventos climáticos extremos mais frequentes, e espera-se que os efeitos aumentem ao longo do tempo (Mbow et al. 2019). Os níveis de fome são significativamente mais elevados nos países mais sensíveis a pluviosidade e temperaturas extremas características das alterações climáticas, particularmente em economias altamente dependentes da agricultura (FAO, IFAD et al. 2021). Uma análise recente mostra que as alterações climáticas poderiam aumentar o número de pessoas com fome crónica em 2050 em 78 milhões relativamente a uma situação sem a atual crise climática. Prevê-se que a África a Sul do Saara seja afetada de forma desproporcionada.

O investimento em investigação e desenvolvimento agrícola, gestão da água e infraestruturas rurais poderia contrariar este aumento da fome, mas isto exigiria um acréscimo de 25,5 mil milhões de dólares por ano para além dos níveis de financiamento atualmente previstos (Sulser et al. 2021). A mitigação e adaptação às alterações climáticas requerem uma forte vontade política e o cumprimento dos acordos climáticos.

A pandemia da COVID-19 está a agravar a segurança alimentar, com o âmbito total dos impactos ainda não totalmente conhecido. A pandemia está a aumentar a insegurança alimentar de várias formas, incluindo através da perda de rendimentos causada por infeções, quarentena, confinamentos ou restrições de movimento impostas pelo governo, perturbações nos sistemas alimentares ou no fornecimento de alimentos, e aumentos nos preços dos alimentos causados por estas perturbações (Amare et al. 2021). As restrições implementadas para salvar vidas e evitar o colapso dos cuidados médicos resultaram num choque profundo para a economia global. Devido em parte ao impacto económico da pandemia, o número de pessoas em situação de insegurança alimentar aguda aumentou em quase 20 milhões em 2020, em comparação com o ano anterior, e os choques económicos foram um

CAIXA 1.2 COVID-19 E NUTRIÇÃO: O QUE SABEMOS ATÉ AGORA

A pandemia está a agravar a desnutrição não só através da insegurança alimentar, mas também através da redução do acesso aos cuidados de saúde, imunização, tratamento da desnutrição e cuidados pré-natais. Um inquérito de 2020 mostrou que as perturbações induzidas pela pandemia nos serviços de saúde foram generalizadas. Aproximadamente metade dos países inquiridos comunicaram perturbações parciais ou graves nos serviços concebidos para gerir a desnutrição. Sessenta a 70% dos países relataram perturbações nos serviços de imunização de rotina (OMS 2020). Um inquérito aos agregados familiares em 23 países revelou que mais de um terço dos inquiridos relatou atrasos, faltas ou incapacidade de completar visitas de cuidados de saúde essenciais desde o início da pandemia da COVID-19 (Alliance2015 2021). A doença e a infeção contribuem para a desnutrição e embora seja difícil avaliar o impacto dos serviços de vacinação sobre o raquitismo, a emaciação e a falta de peso das crianças, aquela é considerada um componente importante da prevenção da desnutrição (Prendergast 2015). Verificou-se que os cuidados pré-natais foram pelo menos parcialmente interrompidos em 56% dos países analisados (OMS 2020). Esta perturbação pode ter implicações profundas no estado nutricional das crianças, dado que ficou demonstrado que os cuidados pré-natais diminuem significativamente a probabilidade de baixo peso à nascença, raquitismo e insuficiência de peso infantil em países de baixo e médio rendimento. (Kuhnt e Vollmer 2017).

Os efeitos da pandemia sobre a desnutrição infantil ainda não foram medidos de forma abrangente, dadas as barreiras à recolha de dados antropométricos, mas as estimativas sugerem impactos consideráveis. Uma estimativa do impacto da pandemia nos sistemas económicos, alimentares e de saúde sugere que poderá haver mais 9,3 milhões de crianças emaciadas e 2,6 milhões de crianças raquíticas em 2020-2022 em países de baixo e médio rendimento, em comparação com as expectativas pré-pandémicas (Osendarp et al. 2021). As regiões do mundo que se prevê serem as mais fortemente afetadas são aquelas onde a subnutrição infantil já é mais grave, incluindo a África a Sul do Saara e o Sul da Ásia. (Ntambara e Chu 2021).

Prevê-se que a mortalidade infantil aumente em resultado da pandemia, principalmente devido aos efeitos indiretos da COVID-19. As perturbações dos serviços de saúde reprodutiva, materna, neonatal, infantil e adolescente, que ocorreram na maioria dos países como resultado da pandemia, demonstraram aumentar a mortalidade entre as crianças com menos de cinco anos de idade (OMS 2020). O aumento da emaciação infantil e a diminuição da cobertura da intervenção nutricional associada à pandemia podem causar entre 47.000 e 283.000 mais mortes de crianças entre 2020 e 2022 nos países de rendimento baixo e médio (Osendarp et al. 2021). A vasta variedade de situações reflete a incerteza permanente da realidade, que não tem precedentes nos tempos modernos.

condutor mais significativo da insegurança alimentar aguda em 2020 do que em 2019 (FSIN e GNAFC 2021). Outro estudo recente concluiu que a pandemia exacerbou a insegurança alimentar em muitas áreas do mundo, em parte porque a redução dos rendimentos levou a uma diminuição da acessibilidade aos alimentos e, em última análise, reduziu a escolha e a diversidade alimentar (Béné et al. 2021). As projeções e evidências até à data sugerem também que a pandemia agravou a mortalidade infantil e várias formas de desnutrição através de múltiplos canais (ver caixa 1.3). Dada a grande desigualdade no acesso às vacinas entre países e regiões, os mais pobres continuarão provavelmente a sofrer um fardo desproporcionado da pandemia no futuro.

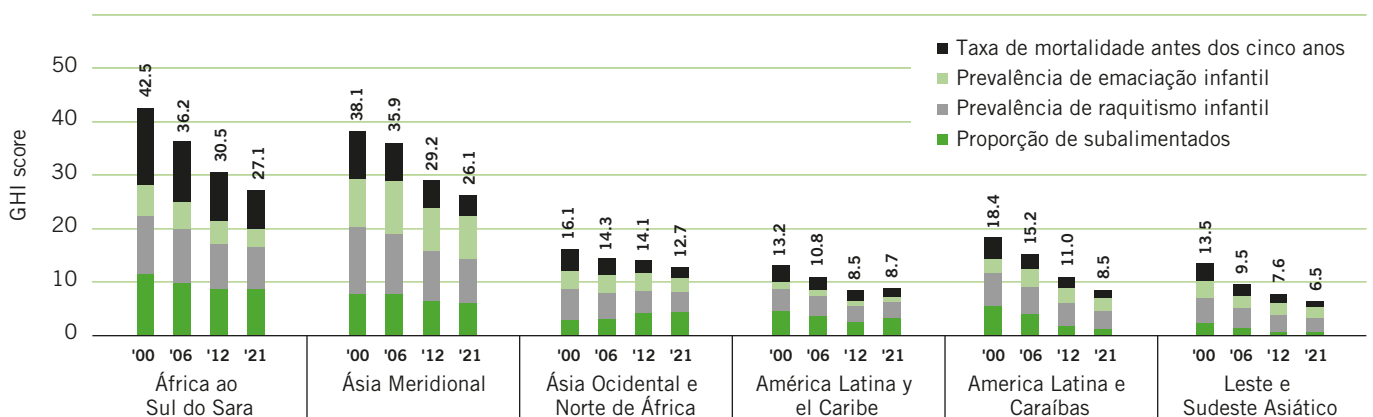
As regiões

A África a Sul do Saara e o Sul da Ásia são as regiões do mundo com os níveis de fome mais elevados, com pontuações do IGF de 27,1 e 26,1, respetivamente (Figura 1.2). Estes níveis de fome são considerados graves, e contrastam com os da Europa e Ásia Central, América Latina e Caraíbas, Ásia Oriental e do Sudeste Asiático, e Ásia Ocidental e Norte de África, cada um dos quais com uma pontuação do IGF na faixa baixa ou moderada. A pontuação IGF da África a Sul do Saara em 2000 foi substancialmente maior do que a do Sul da Ásia, e nessa altura seis dos sete países do mundo com níveis de fome extremamente alarmantes encontravam-se em África a Sul do Saara. Contudo, entre 2000 e 2006, a África a Sul do Saara conseguiu melhorias em cada um dos indicadores do IGF, enquanto no Sul da Ásia a prevalência de subalimentação estagnou e a taxa de emaciação infantil aumentou, colocando estas duas regiões em pé de igualdade. As pontuações do

IGF de 2006, 2012 e 2021 para as duas regiões, e a sua taxa de diminuição, são comparáveis.

A África a Sul do Saara tem as mais altas taxas de subalimentação, raquitismo infantil e mortalidade infantil de todas as regiões do mundo. A sua taxa de subalimentação crescente, que aumentou de 19,6% em 2014-2016 para 21,8% em 2018-2020 (FAO 2021), é motivo de grande preocupação. Embora os dados disponíveis sugiram que o raquitismo infantil ainda está a diminuir lentamente na região, de 34,8% em 2015 para 32,4 em 2020, quase um terço das crianças ainda são raquíticas, ou demasiado baixas para a sua idade, indicando uma subnutrição crónica (UNICEF, OMS, e Banco Mundial 2021a). Talvez a situação mais preocupante, a África a Sul do Saara é a única região do mundo que deverá registar um aumento do número de pessoas subalimentadas até 2030, quando se prevê que a sua população subalimentada exceda a da Ásia (FAO, IFAD et al. 2021). Cada um dos principais fatores impulsionadores da fome está a impor desafios extraordinários à região. Prevê-se que as alterações climáticas empurrem mais 78 milhões de pessoas para a fome em 2030, em relação às projeções sem a crise climática, prevendo-se que mais de metade deste fardo venha a ser sentido pela África a Sul do Saara. (Sulser et al. 2021). Os efeitos a longo prazo da pandemia da COVID-19 deverão incluir mais 30 milhões de pessoas subalimentadas em 2030 do que se fosse outro o caso, mais uma vez com mais de metade destas pessoas previstas na África a Sul do Saara (FAO, IFAD et al. 2021). Embora as projeções do impacto dos conflitos na fome em 2030 não estejam disponíveis, sabemos que o nível de conflitos na região é elevado e que a situação não está a melhorar: a partir de 2019, África

FIGURA 1.2 PONTUAÇÕES REGIONAIS DO ÍNDICE GLOBAL DA FOME EM 2000, 2006, 2012, E 2021, COM CONTRIBUIÇÃO DE COMPONENTES



Fonte: Autores.

Nota: Ver Apêndice C para fontes de dados. As pontuações regionais do IGF são calculadas utilizando agregados regionais para cada indicador e a fórmula descrita no Apêndice B. Os agregados regionais para cada indicador são calculados como médias ponderadas da população, usando os valores do indicador referidos no Apêndice D. Para países sem dados de subalimentação, as estimativas provisórias fornecidas pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) foram utilizadas apenas no cálculo dos agregados, mas não são referidas no Apêndice D. O Apêndice F indica que países estão incluídos em cada região.

tinha o maior número de crianças a viver numa zona de conflito de qualquer outra região, e era a única região do mundo que não registava uma diminuição da violência política entre 2019 e 2020 (Save the Children 2020; ACLED 2021a).

O elevado nível regional de fome no Sul da Ásia é em grande parte causado pela subnutrição infantil, particularmente quando medida pela emaciação infantil. Com 14,1%, a taxa de emaciação infantil do Sul da Ásia a partir de 2020 é a mais elevada de todas as regiões do mundo. Os valores mais elevados seguintes pertencem à África a Sul do Saara, com 5,9%, e à Ásia Ocidental e Norte de África, com 5,1% - estas taxas são problemáticas, mas dramaticamente inferiores às do Sul da Ásia. Entretanto, a taxa de raquitismo infantil do Sul da Ásia, a 31,8%, é quase tão elevada como a da África a Sul do Saara. Mais de metade das crianças do mundo que sofrem de emaciação e mais de um terço das crianças que sofrem de raquitismo estão localizadas no Sul da Ásia (UNICEF, OMS, e Banco Mundial 2021a). Uma análise recente revelou que as mães do Sul da Ásia sem educação e as de baixa estatura tinham mais probabilidades de ter filhos raquíticos (Wali, Agho e Renzaho 2020). Isto sugere uma explicação mais profunda da persistente desigualdade da subnutrição entre géneros, no Sul da Ásia. As mulheres no Sul da Ásia enfrentam desigualdades em múltiplos domínios, incluindo a política pública, as estruturas sociais, o local de trabalho, a saúde, a nutrição, e a segurança global. Estas desvantagens, por sua vez, contribuem para a insegurança alimentar e nutricional não só para as mulheres, mas também para os seus filhos (Rao 2020).

A Ásia Ocidental e o Norte de África, com uma pontuação moderada do IGF em 2021 de 12,7, ainda não atingiram um baixo nível de fome. A prevalência da subalimentação na região tem registado uma tendência ascendente nos últimos anos, de 8,0% em 2007-2009 para 10,9% em 2018-2020 (FAO 2021). A taxa de raquitismo infantil da região em 2020, de 17,8%, e a sua taxa de emaciação infantil em 2020, de 5,1%, são consideradas como sendo de preocupação/significado moderados em termos de saúde pública (UNICEF, OMS, e Banco Mundial 2021a; de Onis et al. 2019). A pontuação do IGF para a região está a subir no Iémen, que tem uma pontuação *alarmante* do IGF de 45,1 em 2021, e no Iraque, que tem uma pontuação *grave* de IGF em 2021 de 22,8. As populações destes dois países, que se encontram no meio de conflitos violentos ou estiveram envolvidas neles nos últimos anos, constituem quase 10% da população da região como um todo.

A América Latina e Caraíbas, cuja pontuação do IGF em 2021 é classificada como baixa, é a única região que registou um aumento da sua pontuação no IGF desde 2012. Este aumento muito pequeno, de uma pontuação de IGF de 8,3 em 2012 para uma pontuação de IGF de 8,4 em 2021, pode ser atribuído a uma tendência problemática

de subalimentação crescente. Após anos de declínio, a prevalência da subalimentação na região aumentou de 5,7% em 2013-2015 para 7,7% em 2018-2020 (FAO 2021). Os seus valores de subnutrição e mortalidade infantil estão a diminuir lentamente, mas se não existirem esforços substanciais e sustentados para apoiar a nutrição e a saúde das crianças, o aumento da prevalência da subalimentação pode traduzir-se em piores resultados para as crianças.

A pontuação do IGF em 2021 da Ásia Oriental e do Sudeste Asiático é baixa e está a diminuir com o tempo, mas uma análise mais aprofundada revela uma preocupante desigualdade sub-regional. A situação da nutrição infantil na Ásia Oriental é muito melhor do que no Sudeste Asiático. Por exemplo, a emaciação infantil em 2020 foi de 8,2% no Sudeste Asiático e de apenas 1,7% na Ásia Oriental. Da mesma forma, o raquitismo infantil foi de 27,4% no Sudeste Asiático, em comparação com apenas 4,9% na Ásia Oriental (UNICEF, OMS, e Banco Mundial 2021a). Embora os agrupamentos regionais sejam úteis para considerar tendências gerais, este tipo de desagregação a nível sub-regional também é crucial, tal como a desagregação a nível de país e subnacional.

A Europa e a Ásia Central têm a pontuação mais baixa do IGF em 2021 de todas as regiões, com 6,5, contra 7,6 em 2012. Embora se situe relativamente bem nos indicadores do IGF, a Europa de Leste e Ásia Central é uma região de transição, com um estatuto de segurança alimentar ainda ténue. A prevalência de insegurança alimentar *moderada* ou *grave* na Europa de Leste - uma medida alternativa de insegurança alimentar desenvolvida pela FAO⁴ —aumentou de 10,4% em 2019 para 14,8% em 2020. Entretanto, a prevalência de insegurança alimentar *moderada* ou *grave* na Ásia Central aumentou de 13,2% para 18,0% neste período (FAO 2021). Estes aumentos refletem a pressão que a pandemia da COVID-19 e os confinamentos associados exerceram sobre estas populações e mostram a necessidade de programas de redes de segurança fortes durante as crises e as recessões, mesmo em regiões com níveis relativamente baixos de fome.

⁴ A prevalência de insegurança alimentar moderada ou grave baseia-se na Escala de Experiência de Insegurança Alimentar, uma escala de segurança alimentar baseada na experiência utilizada para produzir uma medida de acesso aos alimentos em diferentes níveis de gravidade, que pode ser comparada entre contextos (FAO, IFAD et al. 2021).

Os países

Segundo o IGF de 2021, dos 116 países com dados suficientes para calcular as últimas pontuações do IGF, um país, a Somália, sofre de um nível de fome *extremamente alarmante*, 5 têm níveis de fome *alarmantes* - República Centro-Africana, o Chade, a República Democrática do Congo, o Madagáscar e o Iémen - e 31 países têm níveis *graves* de fome. Há muito mais países onde a situação da fome pode ser igualmente preocupante, mas as lacunas de dados impedem o cálculo das suas pontuações exatas do IGF. Destes, a fome é provisoriamente classificada como *alarmante* noutros quatro países - Burundi, Comores, Sudão do Sul, e Síria - e *grave* em mais seis países - Guiné, Guiné-Bissau, Níger, Uganda, Zâmbia e Zimbabué. (Caixa 1.4).⁵

A Somália tem o nível mais alto de fome de acordo com a classificação do IGF em 2021 - a sua pontuação de IGF de 50,8 é considerada *extremamente alarmante*. Com 59,5 por cento, a prevalência de subalimentação na Somália em 2018-2020 foi a mais elevada de todos os países com dados disponíveis. (O valor para o país seguinte com níveis mais elevados, a República Centro Africana, foi mais de 10 pontos percentuais mais baixo, com 48,2 por cento). Nos últimos anos, a Somália tem enfrentado múltiplas crises que aumentaram a sua insegurança alimentar, incluindo secas, inundações, gafanhotos do deserto, e os efeitos da pandemia da COVID-19 que teve início em 2020 (Riddell 2020). O país tem estado envolvido numa guerra civil nos últimos 30 anos, e embora os combates tenham abrandado um pouco nos últimos anos, é considerado um estado frágil e disputado por múltiplas milícias que lutam pelo poder (Day 2020). Após ter sofrido uma fome devastadora que matou mais de 260.000 pessoas em 2011, a Somália enfrentou novamente a ameaça de fome em 2017 e 2018, que foi evitada por uma resposta eficaz das organizações internacionais, do governo somali e da sociedade civil (Clayton, Abdi Ibrahim e Yusuf 2019; PAM 2021b).

O Iémen, com a segunda maior pontuação de IGF em 2021 em 45,1, enfrenta um nível *alarmante* de fome e ameaça de fome em 2021. Todos os indicadores do IGF do Iémen são preocupantes, com uma prevalência de subalimentação de 45,4%, uma taxa de raquitismo infantil estimada em 51,4%, uma taxa de emaciação infantil estimada em 15,1%, e uma taxa de mortalidade infantil para crianças com menos de cinco anos de idade de 5,8%. Desde 2014/2015 que o Iémen está mergulhado numa guerra civil caracterizada pela escalada

da violência, restrições às importações através dos portos do país, e uma quase cessação no pagamento dos salários do governo, afetando até 30 por cento da população. Estes fatores geraram uma crise de segurança alimentar no Iémen (Tandon e Vishwanath 2020). Em 2021, de acordo com o Programa Alimentar Mundial, mais de 5 milhões de iemenitas estão à beira da fome e dezenas de milhares de iemenitas já enfrentam condições semelhantes às da fome. (PAM 2021e).

Com 43,0, considerado *alarmante*, a República Centro-Africana (RCA) tem a terceira maior pontuação de IGF em 2021 dos países com dados suficientes para inclusão no ranking. A prevalência da subalimentação na RCA é de 48,2 por cento, o que significa que quase metade da população não tem regularmente acesso a calorias suficientes. Quarenta por cento das crianças são raquíticas, 5,3% das crianças sofrem de emaciação, e 11,0% das crianças morrem antes de atingirem a idade de cinco anos. A RCA está envolvida numa guerra civil desde 2013, e embora tenha sido assinado um acordo de paz em 2019, a situação é ainda frágil/volátil, com uma violência renovada por parte de grupos rebeldes a representar uma ameaça para o país (Semba 2021). Os principais fatores responsáveis pela insegurança alimentar na RCA são a violência e a insegurança civil e a consequente deslocação da população; a perturbação do mercado causada pela pandemia da COVID-19, agravada pelas obstruções na cadeia de abastecimento perpetradas por grupos armados; e a baixa produção agrícola, ela própria exacerbada pela instabilidade no país (IPC 2021a).

O Chade tem a quarta maior pontuação de IGF em 2021 neste relatório - 39,6, o que é considerado *alarmante*. Embora a pontuação do IGF do Chade tenha diminuído em relação a 2012, o ano de referência histórico mais recente para a pontuação do IGF neste relatório, a prevalência de subalimentação aumentou entre 2014-2016 e 2018-2020. A atual prevalência da subalimentação do Chade, com 31,7%, indica que quase um terço da população não tem acesso regular a calorias suficientes. Inquéritos realizados em 2019 revelam que a desnutrição infantil é uma grande preocupação: a taxa de raquitismo infantil do Chade, de 35,1%, é considerada muito elevada em termos de importância para a saúde pública, e a sua taxa de emaciação infantil, de 13,0%, é considerada elevada (de Onis et al. 2019).⁶ Com uma taxa de mortalidade de crianças com menos de cinco anos de 11,4%, é um dos poucos países do mundo em que mais de 1 em cada 10 crianças morre antes dos cinco anos de idade. A insegurança alimentar no Chade é provocada por conflitos, insegurança e condições climáticas extremas, exacerbadas pelo impacto da pandemia da COVID-19. O Chade acolhe aproximadamente meio milhão de refugiados - principalmente do Sudão e da República Centro-Africana - para os quais a insegurança alimentar constitui uma grande preocupação (FSIN e GNAFC 2021).

⁵ Existem vários recursos neste relatório para avaliar a forma como os países se comportam ao longo do tempo, relativamente a outros países e de acordo com múltiplos indicadores. Para compreender como os países incluídos no IGF se comparam entre si, a Tabela 1.1 mostra a classificação numérica dos níveis de fome dos mais baixos aos mais altos, para cada país com uma pontuação do IGF em 2021. O Apêndice F mostra as pontuações do IGF em 2021, do valor mais alto para o mais baixo, dentro de cada região, para permitir uma avaliação da situação da fome dos países em relação aos países vizinhos. O Apêndice D mostra os valores dos indicadores do IGF - a prevalência da subalimentação, da emaciação, do raquitismo e da mortalidade infantil - para cada país, incluindo os seus valores históricos.

⁶ Os valores são médias dos valores de raquitismo e de emaciação dos dois inquéritos.

TABELA 1.1 PONTUAÇÕES DO ÍNDICE GLOBAL DA FOME ATÉ À CLASSIFICAÇÃO DO IGF EM 2021

Classificação ¹	País	2000	2006	2012	2021	Classificação ¹	País	2000	2006	2012	2021
pontuações do IGF de 2021 inferiores a 5, classificados coletivamente de 1-18.2.2	Bielorrússia	<5	<5	<5	<5	67	Gabão	21.0	20.2	18.6	16.6
	Bósnia e Herzegovina	9.3	6.7	<5	<5	68	Filipinas	25.0	20.4	20.5	16.8
	Brasil	11.5	7.4	5.5	<5	69	Camboja	41.1	27.1	24.2	17.0
	Chile	<5	<5	<5	<5	69	Eswatini	24.5	23.2	21.8	17.0
	China	13.3	9.0	<5	<5	71	Myanmar	39.8	31.6	22.9	17.5
	Croácia	<5	<5	<5	<5	72	Gâmbia	29.0	27.5	22.1	17.6
	Cuba	<5	<5	<5	<5	73	Indonésia	26.1	29.5	23.0	18.0
	Estônia	<5	<5	<5	<5	74	Camarões	35.7	30.9	23.1	18.6
	Kuwait	<5	<5	<5	<5	75	Ilhas Salomão	20.0	18.2	20.2	18.8
	Letônia	5.5	<5	<5	<5	76	Bangladesh	34.0	28.9	28.6	19.1
	Lituânia	<5	<5	<5	<5	76	Nepal	37.4	30.9	23.1	19.1
	Montenegro	—	6.5	<5	<5	78	Rep. Dem. Popular do Laos	44.1	31.9	25.7	19.5
	Macedônia do Norte	7.5	7.7	<5	<5	79	Guatemala	28.4	24.6	22.0	19.6
	Roménia	7.9	5.9	5.0	<5	*	Tajiquistão*	—	—	—	10-19.9*
	Sérvia	—	6.1	5.3	<5	80	Namíbia	25.3	25.8	26.6	20.2
	Eslováquia	6.0	5.3	<5	<5	81	Malawi	43.1	33.5	26.2	21.3
Turquia	10.2	6.5	5.0	<5	82	Benim	34.0	27.7	24.0	22.2	
Uruguai	7.4	6.7	5.0	<5	82	Venezuela (Rep. Bolivariana da)	14.6	11.2	7.4	22.2	
19	Argentina	6.4	5.6	5.2	5.3	84	Costa do Marfim	33.3	37.1	30.0	22.3
19	Costa Rica	7.0	5.5	<5	5.3	85	Mauritânia	31.9	28.9	23.6	22.6
21	Uzbequistão	24.3	16.6	9.5	5.9	86	Iraque	23.9	23.9	27.5	22.8
22	Tunísia	10.3	7.8	7.0	6.0	87	Quênia	36.7	31.2	25.4	23.0
23	Bulgária	8.6	8.1	7.8	6.1	88	Botsuana	26.7	26.2	24.3	23.2
23	Mongólia	30.2	23.4	12.8	6.1	89	Togo	39.1	36.5	25.3	23.7
25	Federação Russa	20.7	15.9	8.8	6.2	90	Etiópia	53.5	43.4	33.5	24.1
25	Albânia	10.1	7.1	6.4	6.2	91	Burkina Faso	44.9	35.8	29.7	24.5
27	Geórgia	12.3	8.8	<5	6.3	92	Mali	41.7	36.8	24.8	24.7
28	Cazaquistão	11.2	12.3	8.1	6.4	92	Paquistão	36.7	33.1	32.1	24.7
29	Arábia Saudita	11.0	12.1	8.2	6.8	92	Tanzânia (República Unida da)	40.6	33.6	29.1	24.7
29	Ucrânia	13.0	7.1	6.9	6.8	95	Sudão	—	—	29.8	25.1
31	Argélia	14.5	11.7	8.9	6.9	96	Coreia (RPD)	39.5	33.1	29.1	25.2
32	Arménia	19.3	13.3	10.4	7.2	97	Angola	65.0	46.9	27.8	26.0
33	Azerbaijão	25.0	15.9	10.6	7.5	98	Ruanda	49.3	38.3	31.0	26.4
33	Paraguai	11.7	11.6	9.5	7.5	99	Djibuti	44.3	36.9	35.4	27.4
35	Irão (República Islâmica do)	13.5	8.9	8.1	7.7	99	Lesoto	32.5	29.6	24.6	27.4
36	República Dominicana	15.1	13.2	10.2	8.0	101	Índia	38.8	37.4	28.8	27.5
36	Peru	20.6	16.4	9.2	8.0	102	Papua Nova Guiné	33.6	30.3	33.7	27.8
38	Jordânia	10.8	8.1	8.5	8.3	103	Afganistão	50.9	42.7	34.3	28.3
39	México	10.2	8.6	7.8	8.5	103	Nigéria	39.5	32.5	30.4	28.3
40	Fiji	9.6	9.0	8.1	8.6	105	Congo (República do)	34.9	34.6	28.5	30.3
40	Jamaica	8.6	9.0	9.1	8.6	106	Moçambique	48.0	38.2	31.5	31.3
40	Quirguistão	18.3	13.9	11.7	8.6	106	Serra Leoa	57.7	52.7	34.7	31.3
43	Marrocos	15.5	17.5	9.6	8.8	108	Timor-Leste	—	46.1	36.2	32.4
44	Colômbia	10.9	11.4	9.3	8.9	109	Haiti	42.0	43.6	35.2	32.8
44	El Salvador	14.7	12.0	10.4	8.9	110	Libéria	48.1	40.0	35.0	33.3
44	Panamá	18.7	15.0	10.1	8.9	*	Guiné, Guiné-Bissau, Níger, Uganda, Zâmbia e Zimbabué*	—	—	—	20-34.9*
44	Trinidad e Tobago	11.0	11.3	10.8	8.9	111	Madagáscar	42.8	41.6	34.3	36.3
48	Líbano	11.6	13.2	12.3	9.7	112	Rep. Democrática do Congo	50.6	45.3	42.3	39.0
48	Turquemenistão	20.1	14.8	11.9	9.7	113	Chade	50.8	51.2	45.7	39.6
*	República da Moldávia*	—	—	—	0-9.9*	114	República Centro-Africana	48.9	48.0	40.5	43.0
50	Suriname	15.1	11.4	10.4	10.4	115	Iémen	41.0	38.8	38.4	45.1
51	Guiana	17.1	15.6	12.1	10.7	*	Burundi, Comores, Sudão do Sul, e República Árabe da Síria*	—	—	—	35-49.9*
52	Cabo Verde	15.4	11.9	12.3	10.8	116	Somália	58.1	57.9	65.1	50.8
53	Tailândia	18.5	12.3	12.4	11.7	— = Os dados não estão disponíveis ou não são apresentados. Alguns países não existiam nas suas fronteiras atuais no ano ou período de referência em questão.					
54	Maurícias	15.2	14.0	13.0	12.2	Nota: Como sempre, as classificações e pontuações do índice desta tabela não podem ser comparadas com exatidão com as classificações e pontuações do índice de relatórios anteriores (ver Apêndice A).					
55	Omã	14.7	13.8	11.6	12.3	Para o relatório do IGF de 2021, foram avaliados dados de 135 países. Destes, havia dados suficientes para calcular as pontuações do IGF de 2021 e classificar 116 países (a título de comparação, 107 países foram classificados no relatório de 2020).					
56	Egito	16.3	14.4	15.2	12.5	* Para 19 países, as pontuações individuais não puderam ser calculadas e as classificações não puderam ser determinadas devido à falta de dados. Sempre que possível, estes países foram provisoriamente designados por gravidade: 1 país é designado como baixo, 1 como moderado, 6 como grave, e 4 como alarmante. Para 7 países, não puderam ser estabelecidas designações provisórias (ver Caixa 1.4).					
57	Bolívia (Estado Plurinacional da)	27.7	23.3	15.6	12.7	¹ Classificado de acordo com a pontuação do IGF de 2021. Aos países com pontuações idênticas em 2021 é atribuída a mesma classificação (por exemplo, a Argentina e a Costa Rica estão ambas classificadas em 19º lugar).					
58	Honduras	21.8	19.6	13.8	12.8	² Aos 18 países com pontuações do IGF de 2021 inferiores a 5 não são atribuídas classificações individuais, mas são coletivamente classificados de 1-18. As diferenças entre as suas pontuações são mínimas.					
58	Malásia	15.4	13.7	12.4	12.8	■ = baixa □ = moderada □ = séria □ = alarmante ■ = extremamente alarmante					
60	África do Sul	18.1	17.6	12.7	12.9						
61	Vietname	26.3	21.8	16.0	13.6						
62	Equador	19.7	18.9	12.8	14.0						
62	Nicarágua	22.3	17.4	14.9	14.0						
64	Gana	28.4	22.0	17.9	14.9						
65	Sri Lanka	21.9	20.0	20.6	16.0						
66	Senegal	34.0	24.1	19.2	16.3						

CAIXA 1.3 AVALIAR A GRAVIDADE DA FOME EM PAÍSES COM DADOS INCOMPLETOS

No relatório do IGF deste ano, 19 países que cumpriram os critérios de inclusão naquele índice tinham dados insuficientes para permitir o cálculo de uma pontuação de IGF em 2021. Para abordar esta lacuna e dar uma imagem preliminar da fome nos países com dados em falta, a tabela na página XX apresenta designações provisórias da gravidade da fome. Estas designações são baseadas nos valores dos indicadores do IGF disponíveis, a última designação de gravidade do IGF conhecida do país,⁷ a última prevalência conhecida da subalimentação do país, a prevalência da subalimentação na sub-região em que o país está localizado e/ou um exame das edições de 2019, 2020 e 2021 do *Relatório Global sobre Crises Alimentares* (FSIN 2019; FSIN e GNAFC 2020, 2021).⁸

Em alguns casos, faltam dados devido a conflitos violentos ou agitação política (FAO, IFAD et al. 2017; Martin-Shields e Stojetz 2019), que são fortes indicadores de fome e subnutrição (ver Caixa 1.2 e Capítulo 2). Os países com dados em falta podem muitas

vezes ser aqueles que enfrentam os maiores problemas relacionados com a fome. Dos 4 países provisoriamente designados como *alarmantes* - Burundi, Comores, Sudão do Sul e República Árabe da Síria - é possível que, com dados completos, um ou mais deles se enquadrem na categoria *extremamente alarmante*. No entanto, sem informação suficiente para confirmar que este é o caso, classificamos de forma conservadora cada um destes países como *alarmante*.

⁷ Valores de subalimentação, pontuações de IGF e classificações de gravidade de IGF anteriormente publicadas não são considerados válidos uma vez que tenham sido emitidos relatórios de substituição, mas foram utilizados como pontos de referência para considerar a plausibilidade de um país se enquadrar numa vasta gama de valores de subalimentação e pontuações de IGF.

⁸ Os *Relatórios Globais sobre Crises Alimentares* referem insegurança alimentar aguda, que é diferente da fome crónica, medida pela prevalência da subalimentação. Contudo, os GRFC de 2019, 2020 e 2021 foram utilizados para confirmar se um país passou por crises de fome extremas, tais como fome, ameaça de fome e/ou crises de fome recorrentes em 2018, 2019 e 2020.

DESIGNAÇÕES PROVISÓRIAS DE GRAVIDADE DA FOME E DADOS EXISTENTES PARA PAÍSES COM DADOS INCOMPLETOS

País	Designação provisória da gravidade do IGF de 2021	Raquitismo Infantil, 2016–2020 (%)	Emaciação Infantil, 2016–2020 (%)	Mortalidade Infantil, 2019 (%)	Última classificação do IGF	Última prevalência do valor de subalimentação (%)	Prevalência sub-regional da subnutrição (%)	Intervalo de prevalência dos valores de subalimentação para designação provisória (%)
Moldávia (Rep. da)	Baixa	5.4*	2.7*	1.4	Baixa (2017)	8.5 (2017)	<2.5	0.0–13.8
Tajiquistão	Moderada	17.5	5.6	3.4	Grave (2017)	30.1 (2017)	3.2	0.0–22.6
Guiné	Grave	30.3	9.2	9.9	Grave (2019)	16.5 (2019)	14.8	0.0–31.6
Guiné-Bissau	Grave	27.9	6.5	7.8	Grave (2019)	28.0 (2019)	14.8	5.5–41.4
Níger	Grave	47.1	9.8	8.0	Grave (2019)	16.5 (2019)	14.8	0.0–25.6
Uganda	Grave	28.9	3.5	4.6	Grave (2019)	41.0 (2019)	26.6	16.2–52.1
Zâmbia	Grave	34.6	4.2	6.2	Alarmante (2019)	46.7 (2019)	26.6	8.4–44.3
Zimbabué	Grave	23.5	2.9	5.5	Grave (2019)	51.3 (2019)	26.6	18.1–54.0
Burundi	Alarmante	54.0	4.8	5.6	Extremam. alarmante (2014)	67.3 (2014)	26.6	33.9–69.8
Comores	Alarmante	36.0*	8.8*	6.3	Alarmante (2014)	65.3 (2014)	26.6	37.2–73.1
Sudão do Sul	Alarmante	—	—	9.6	—	—	26.6	**
República Árabe da Síria	Alarmante	—	—	2.2	Moderada (2014)	6.0 (2014)	14.6	**
Bahrein	Sem designação	3.9*	6.6*	0.7	—	—	14.6	N/A
Butão	Sem designação	22.4*	3.8*	2.8	—	—	14.1	N/A
Guiné Equatorial	Sem designação	25.7*	3.7*	8.2	—	—	30.5	N/A
Eritreia	Sem designação	—	—	4.0	Extremam. alarmante (2014)	61.3 (2014)	26.6	N/A
Líbia	Sem designação	29.4*	8.2*	1.2	Baixa (2014)	1.4 (2014)	6.6	N/A
Maldivas	Sem designação	15.3	9.1	0.8	—	—	14.1	N/A
Catar	Sem designação	1.9*	3.7*	0.7	—	—	14.6	N/A

Fonte: Autores, com base nas fontes constantes do Anexo C e em publicações anteriores do IGF incluídas na bibliografia.

Nota: Os anos entre parênteses mostram quando a informação relevante foi publicada no relatório do IGF.

* Estimativa dos autores; ** Designação baseada no FSIN (2019), FSIN e GNAFC (2020, 2021), e consulta de peritos.

N/A = não aplicável; — = não disponível.

Com uma pontuação de 39,0 do IGF em 2021, a República Democrática do Congo (RDC) também enfrenta um nível *alarmante* de fome. A insegurança alimentar é provocada por conflitos contínuos, deslocamentos populacionais em grande escala, baixo poder de compra dos agregados familiares, e danos às culturas devido a pragas, e tem sido exacerbada pelas medidas tomadas para conter a pandemia da COVID-19 (FSIN e GNAFC 2021). Embora a RDC tenha vivido a sua primeira transição pacífica do poder presidencial em 2019, ainda enfrenta grandes desafios ao longo do percurso para o desenvolvimento (IFAD 2019). A situação da segurança agravou-se em várias províncias orientais em 2020. A violência originou elevados níveis de deslocamento: no final de 2020, 5,3 milhões de pessoas foram deslocadas dentro do país - o nível mais elevado em África (IDMC 2021). Na segunda metade de 2020, a combinação da grande população da RDC com a insegurança alimentar generalizada levou à maior crise alimentar do mundo em termos do número de pessoas afetadas (FSIN e GNAFC 2021).

Madagáscar é o único país com uma pontuação *alarmante* de IGF em 2021 (36,3) que não está a viver um conflito.⁹ A insegurança alimentar do país é provocada por anos consecutivos de seca devido às alterações climáticas globais, que estão a empurrar áreas no sul do país para a iminência da fome em 2021 (PAM 2021a,c). A sua taxa de subalimentação, de 43,2%, é uma das cinco taxas mais elevadas para 2018-2020 e tem vindo a aumentar continuamente desde 2010-2012, quando era de apenas 28,3% (FAO 2021).

Apesar do compromisso com o objetivo de alcançar a Fome Zero até 2030, ainda há demasiados países a viver níveis de fome crescentes. A fome aumentou em 10 países com níveis *moderados*, *graves*, ou *alarmantes* de fome desde 2012, o último ano de referência histórica no relatório deste ano. Estes 10 são a República Centro Africana, República do Congo, Equador, Lesoto, Madagáscar, Malásia, Omã, África do Sul, Venezuela e Iémen. No caso de vários destes países com pontuações *moderadas* do IGF em 2021, este resultado indica uma estagnação do progresso ao longo do percurso em direção a um nível baixo de fome ou Fome Zero. O Equador e a África do Sul, por exemplo, sofreram reduções substanciais da fome entre 2000 e 2012, apenas para assistir à interrupção dos seus progressos e à sua inversão parcial de acordo com os seus resultados de 2021. Para os países com níveis *alarmantes* de fome que registam um aumento da fome - República Centro Africana, Madagáscar e Iémen - estes aumentos representam uma intensificação de situações já de si perigosas.

Há várias histórias de sucesso de países que reduziram substancialmente a fome nos últimos anos e décadas (Figura 1.3). Catorze países registaram uma redução de 25% ou mais entre as suas pontuações do

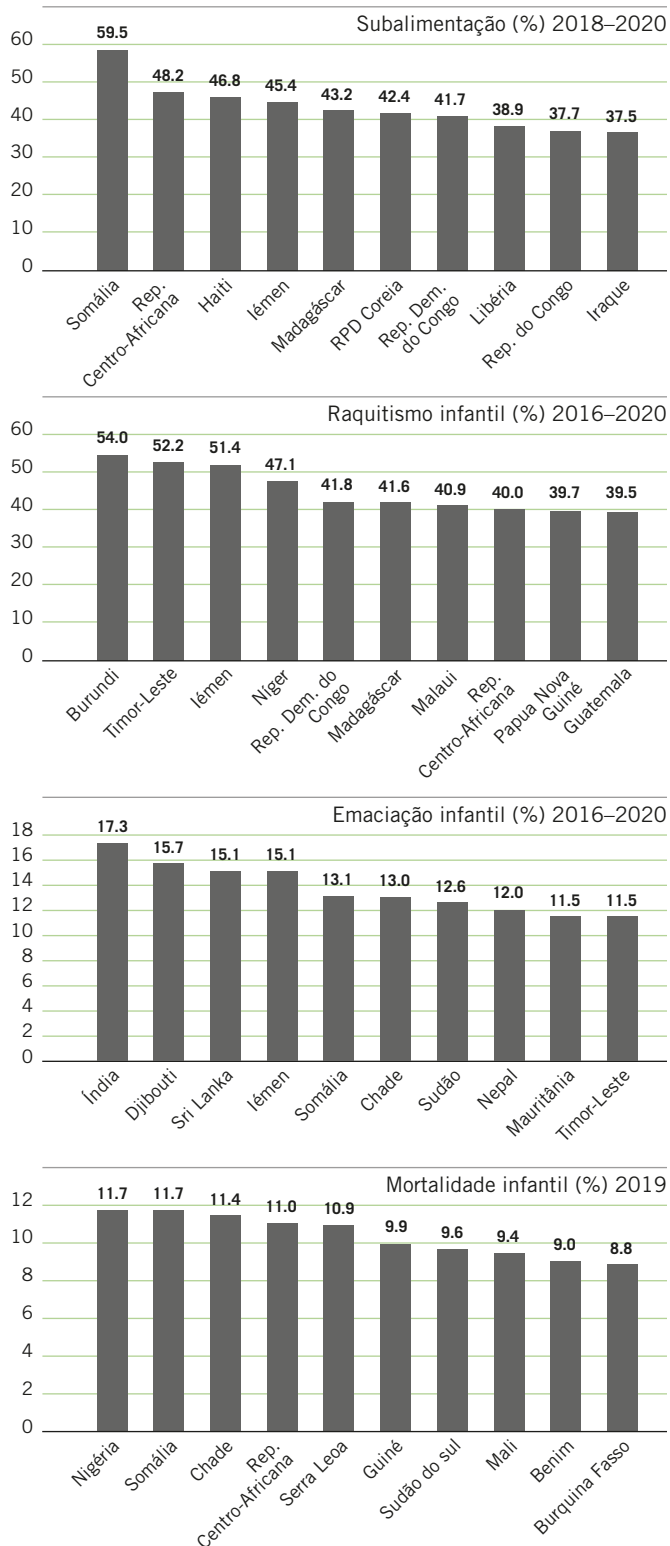
⁹ Comores - que carece de dados suficientes para o cálculo do IGF de 2021, mas que está classificado provisoriamente como um país com um nível de fome alarmante, também não sofre conflitos.

IGF de 2012 a 2021. Por exemplo, o Bangladesh registou um declínio impressionante nas pontuações do IGF em termos absolutos desde 2012, caindo de 28,6 pontos, considerados *graves*, para 19,1 pontos, considerados *moderados*. A sua taxa de raquitismo infantil caiu substancialmente nas últimas décadas, de 51,1% em 2000 para 28,0% em 2019. Estas melhorias são sustentadas pelo firme compromisso, determinação e ação do governo para combater a desnutrição como parte do percurso do país rumo ao estatuto de país desenvolvido até 2041 (Haddad e Khondker 2020). A Mongólia diminuiu a sua pontuação de IGF em mais de 50% entre as suas pontuações de 2012 e 2021, caindo para uma pontuação de IGF em 2021 de 6,1, considerada *baixa*. No entanto, como resultado da pandemia da COVID-19, a insegurança alimentar doméstica está a aumentar, obrigando as famílias a reduzir a qualidade e quantidade dos alimentos que consomem (FAO, UNICEF et al. 2021). Quando estiverem disponíveis dados sobre o impacto da pandemia no raquitismo, na emaciação e na mortalidade infantil, e como os dados sobre a prevalência da subalimentação mostram cada vez mais os efeitos da pandemia, será importante considerar estes efeitos sobre o recente progresso da Mongólia e de outros países que registaram progressos recentes.

O estado de cada um dos indicadores do IGF (prevalência da subalimentação, do raquitismo infantil, da emaciação infantil e da mortalidade infantil) fornece uma visão da natureza específica da fome em cada país (ver Figura 1.4 e Apêndice D). Por exemplo, o Haiti, com uma pontuação de IGF de 32,8, tem a terceira maior prevalência de subalimentação do que qualquer outro país no relatório do IGF deste ano, no entanto, mais de 50 países apresentam taxas mais elevadas de raquitismo e mais de 70 países têm taxas de emaciação mais elevadas. Apesar dos valores moderados de raquitismo e emaciação infantil do Haiti em relação a outros países, outros indicadores de nutrição infantil, como as taxas de anemia infantil e a percentagem de crianças que beneficiam de dietas apropriadas, revelam que a nutrição infantil é, mesmo assim, um grande desafio no Haiti (IHE e ICF 2018). Timor-Leste, pelo contrário, tem a segunda mais elevada taxa de atrofiamento infantil neste relatório, mas 22 países têm prevalência de valores de subalimentação que excedem a taxa de Timor-Leste de 22,6 por cento. Para enfrentar os seus desafios em matéria de nutrição infantil, Timor-Leste deve abordar as questões subjacentes, aumentando a diversidade alimentar e o consumo de alimentos nutritivos; melhorando o ambiente de água, saneamento e higiene (WASH); empoderando as mulheres; e expandindo a gestão baseada na comunidade da programação de desnutrição aguda (Bonis-Profumo, McLaren e Fanzo 2019).

O IGF é mais adequado para medir a fome nos últimos anos e décadas, enquanto outros instrumentos são mais adequados para avaliações em tempo real e projeções a curto prazo da fome. Estes instrumentos mostram que as crises de fome mais graves em 2021 estão a ocorrer na Etiópia, Iémen, Sudão do Sul, e Nigéria (FEWS

FIGURA 1.3 ONDE OS INDICADORES DA FOME SÃO MAIS ELEVADOS



Fonte: Autores (ver Apêndice C para fontes de dados).

NET 2021).¹⁰ As medições da insegurança alimentar aguda, de fontes como a Classificação Integrada de Fases da Segurança Alimentar (IPC), a Rede de Sistemas de Alerta Precoce da Fome (FEWS NET), e as medições a longo prazo da fome, como o IGF, complementam-se umas às outras. As primeiras permitem a identificação de crises e a detecção de necessidades imediatas, enquanto as últimas mostram as tendências da fome e da subnutrição ao longo do tempo.

No Interior das Fronteiras do País

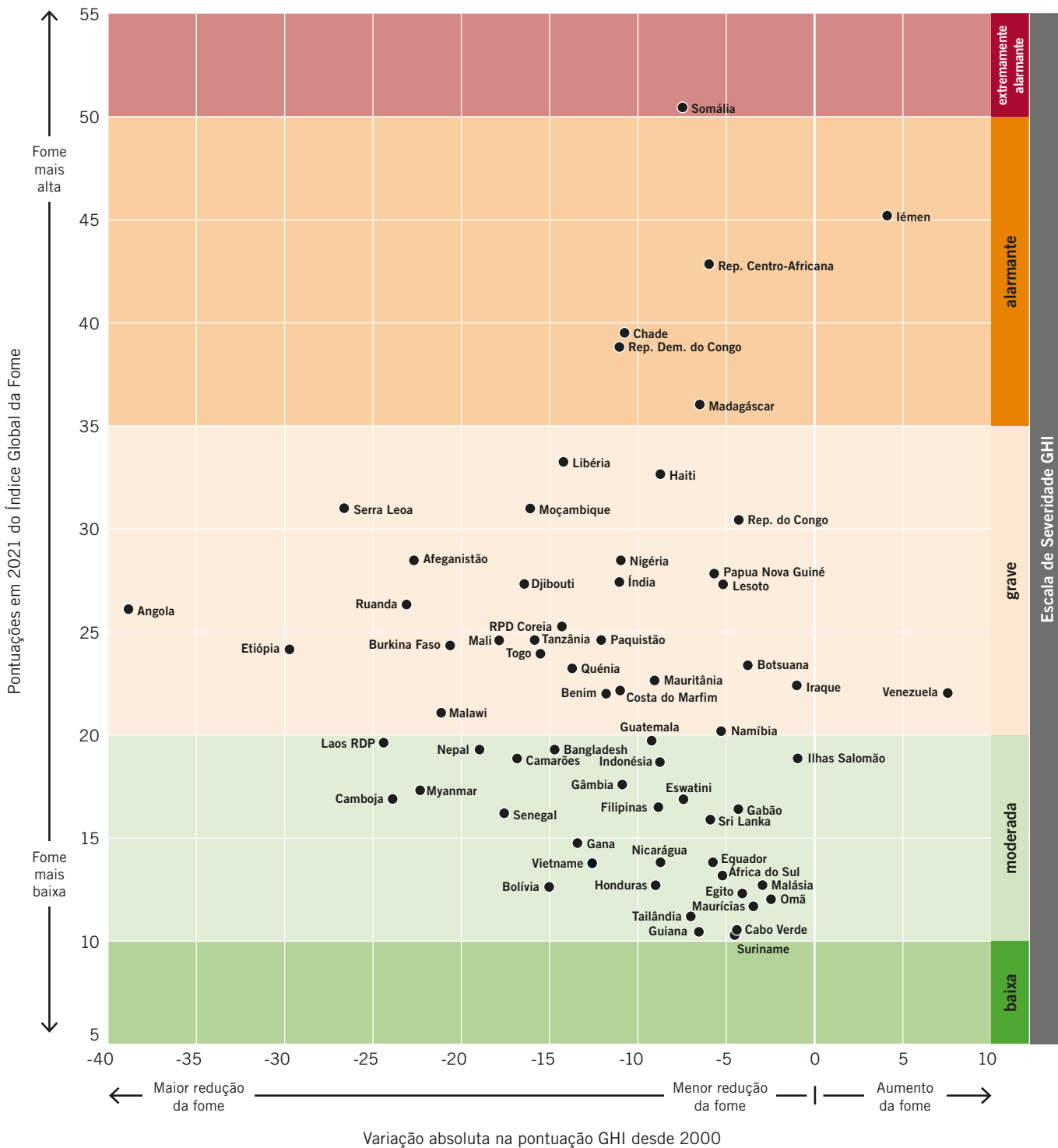
A desigualdade na nutrição infantil é generalizada, e as crianças sofrem desnecessariamente com dietas inadequadas e uma saúde deficitária em todos os cantos do mundo. A Figura 1.5 ilustra as disparidades entre as crianças com menos de cinco anos de idade em 74 países no que diz respeito ao raquitismo infantil. Para cada país com dados disponíveis, esta figura mostra as taxas de raquitismo para os estados ou áreas com os níveis mais altos e mais baixos de raquitismo, bem como a média nacional - quanto mais longa for a linha negra, maior será a disparidade nas taxas de raquitismo no país. Para além da desigualdade na nutrição e saúde, a dimensão da diferença entre os níveis de raquitismo dentro do país resulta de vários fatores, tais como o número de estados ou províncias em que um país está dividido para efeitos do inquérito, a dimensão da população nacional e a área terrestre, e o nível médio nacional de raquitismo. Mesmo em países no limite inferior da faixa de raquitismo, tais como Cuba e a Turquia, os níveis de raquitismo em algumas áreas estão perto dos 20%.

Dados subnacionais sobre emaciação infantil revelam países onde as médias nacionais moderadas escondem níveis elevados ou muito elevados de subnutrição infantil aguda. Nos Camarões, por exemplo, a taxa média de emaciação infantil entre 2018 e 2019 foi 4,3% a nível nacional, mas atingiu 10% nas regiões de Extrême-Nord e Adamaoua (ambas no norte do país). Pelo contrário, as regiões de Sud-Ouest e Ouest tinham taxas de emaciação infantil inferiores a 1 por cento (OMS 2021). As regiões do norte do país têm níveis de pobreza mais elevados, são mais afetadas pelos conflitos, recebem mais refugiados de países vizinhos e são mais vulneráveis às alterações climáticas do que outras partes do país (Banco Mundial 2019).

Os níveis de mortalidade infantil são também desiguais dentro das fronteiras nacionais, indicando que as hipóteses de sobrevivência das crianças podem ser muito diferentes consoante o estado ou departamento em que se vive. Uma recente compilação de dados subnacionais sobre mortalidade infantil revela que, de 22 países em África e no Sul da Ásia, a Nigéria tem a maior disparidade na mortalidade de

¹⁰ O IGF utiliza os dados mais atualizados disponíveis nas agências das Nações Unidas e outras organizações internacionais (ver Apêndice C para as fontes de dados e intervalos de datas para cada um dos indicadores utilizados no IGF). As pontuações do IGF em 2021 baseiam-se nos dados mais recentes para cada indicador entre 2016-2020, embora os dados dos indicadores de 2021 não estejam disponíveis até pelo menos 2022. As pontuações do IGF em 2021 referem-se assim ao ano de publicação, e não ao ano a partir do qual os dados são obtidos.

FIGURA 1.4 PONTUAÇÕES DO IGF DE 2021 E PROGRESSOS DESDE 2000



Fonte: Autores.

Nota: Esta figura ilustra a variação nas pontuações do IGF desde 2000 em valores absolutos. Apresenta países onde existem dados disponíveis para calcular as pontuações de 2000 e 2021 do IGF e onde as pontuações de 2021 do IGF mostram níveis de fome moderada, grave, alarmantes ou extremamente alarmantes. Alguns dos prováveis maus desempenhos podem não aparecer devido à falta de dados.

menores de cinco anos. Embora a taxa de mortalidade de menores de cinco anos do país seja em média 11,7% a nível nacional, a nível estatal varia entre 26,1% no estado de Kebbi e 5,8% em Bayelsa. Os progressos na redução da mortalidade infantil também podem variar dentro dos países. A taxa de mortalidade de menores de cinco anos no Quênia diminuiu 57% entre 1990 e 2019, com taxas decrescentes na maioria dos concelhos, mas a taxa no concelho de Nyandarua aumentou 32% nesse período (ONU IGME 2021).

A prevalência da subalimentação não é calculada regularmente a nível subnacional, mas os esforços emergentes para o fazer já começaram e revelam variações subnacionais. No Paquistão, por exemplo, as taxas de 2018-2019 variaram entre 12,7% de subnutridos na província de Khyber Pakhtunkhwa e 21,5% no Punjab (Afridi et al. 2021). No Vietname, a prevalência da subalimentação em 2016 variou entre 8,6% na região do Sudeste e 15,6% na região das Terras Altas Centrais (Kim et al. 2021). Em parte, porque a prevalência da subalimentação está incluída no quadro de monitorização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, estando em curso esforços de desenvolvimento de capacidades para permitir aos governos nacionais calcular a prevalência da subalimentação nos seus países, inclusive a nível subnacional, e estes esforços têm o potencial de aumentar a disponibilidade destes dados (FAO 2020).

A desigualdade dentro dos países é um desafio persistente, tornado mais urgente pelas restrições de movimento e perturbações dos serviços associadas à pandemia da COVID-19. As pandemias têm agravado as desigualdades ao longo da história (Sedik e Xu 2020; Béné et al. 2021). Embora o impacto total da pandemia da COVID-19 sobre a desigualdade ainda não tenha sido compreendido, há sinais iniciais de que a desigualdade pode agravar-se através de múltiplas dimensões. Por exemplo, a pandemia pode exacerbar a desigualdade de género, uma questão crónica e generalizada. A diferença de género na prevalência da insegurança alimentar moderada ou grave aumentou durante a pandemia; esta taxa é agora 10% mais elevada entre as mulheres do que entre os homens (FAO, IFAD et al. 2021). Há evidências provenientes da África do Sul de que o emprego feminino tem sido mais afetado negativamente do que o masculino (Casale e Posel 2021). Entretanto, a interrupção da escolaridade tem o potencial de afetar mais significativamente as raparigas do que os rapazes, uma vez que as raparigas são forçadas a casar precocemente, assumem partes desproporcionadas do trabalho doméstico, ou são sujeitas a violência sexual (Burzynska e Contreras 2020). Cada um destes aspetos da desigualdade de género tem o potencial de aumentar a insegurança alimentar e a subnutrição a longo prazo. Em termos mais gerais, o impacto desproporcionado da pandemia nos mais pobres e vulneráveis está a aumentar a desigualdade entre ricos e pobres (Binns e Low 2021).

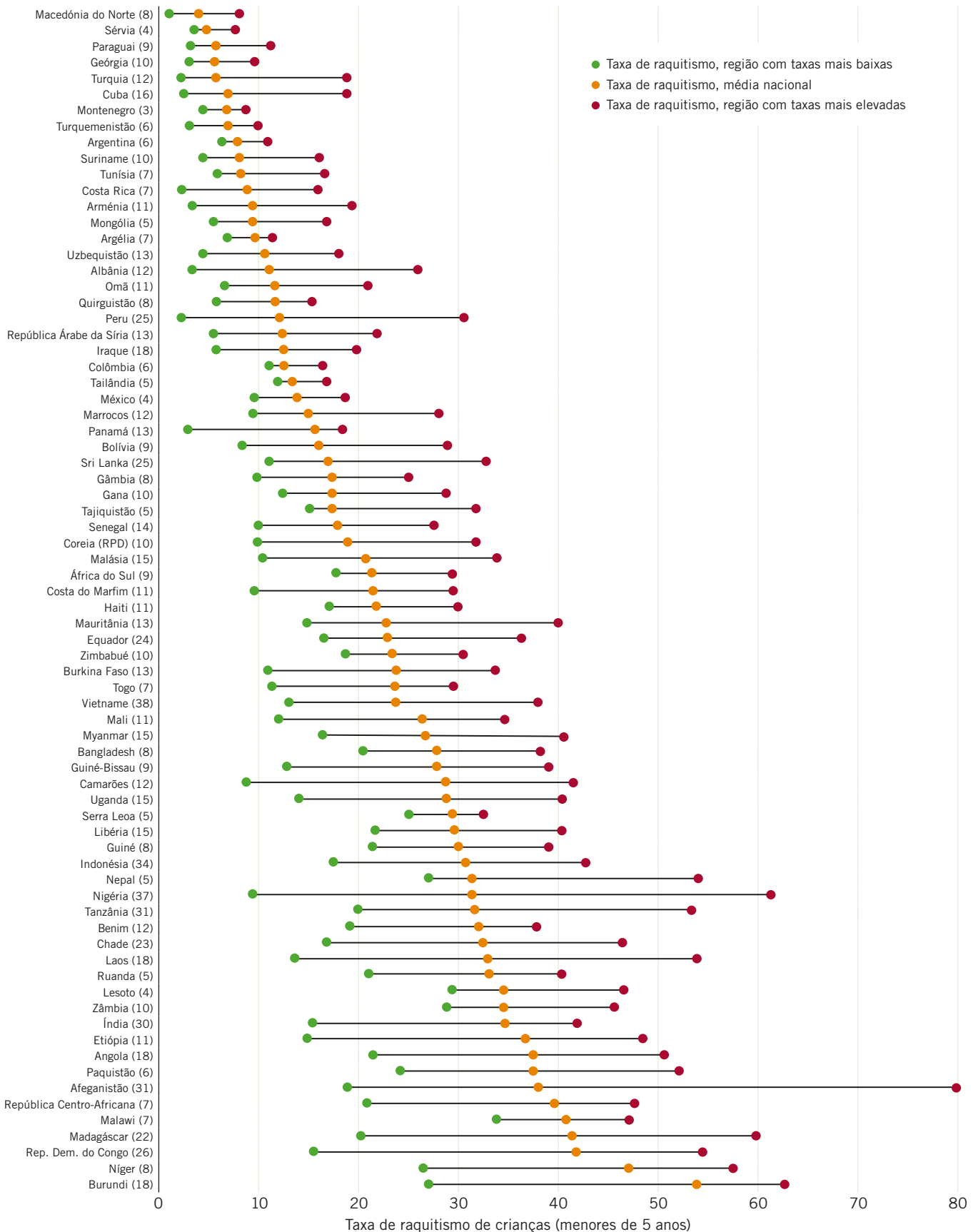
A fome e a subnutrição tendem a ser mais elevadas nas zonas rurais do que nas zonas urbanas, mas não é claro de que forma a pandemia

da COVID-19 irá afetar esta dinâmica a longo prazo. Uma comparação da insegurança alimentar de acordo com a Escala de Experiência de Insegurança Alimentar (FIES) no Mali urbano e rural antes e durante a pandemia da COVID-19 revela que nos primeiros meses da pandemia em 2020, a insegurança alimentar aumentou mais nas zonas urbanas do que nas zonas rurais, apagando a anterior desigualdade entre rural e urbano de insegurança alimentar. Os participantes em inquéritos urbanos atribuíram o aumento à pandemia. As áreas urbanas foram severamente mais atingidas pela pandemia, dadas as medidas de distanciamento social mais rigorosas praticadas em cidades densamente povoadas. Além disso, a pandemia ocorreu num ponto do ciclo agrícola em que o processamento pós-colheita constituía a atividade predominante, afetando negativamente a atividade económica em áreas urbanas mais do que em áreas rurais (Adjognon et al. (2021). Pelo contrário, um efeito a curto prazo da pandemia na Nigéria foi um maior aumento da insegurança alimentar entre as famílias em zonas remotas e afetadas por conflitos, do que em zonas urbanas. Embora as famílias em áreas urbanas tenham sofrido uma maior queda na atividade económica, isto não resultou numa queda proporcional na segurança alimentar (Amare et al. 2021).

Conclusão

Agora, mais do que nunca, é evidente que o mundo não está no bom caminho para atingir o objetivo da Fome Zero até 2030 e que os ganhos do passado foram construídos sobre uma base insustentável. Para alcançar os ODS e verdadeiramente “não deixar ninguém para trás”, nós - a humanidade - temos de enfrentar vigorosamente os crescentes desafios dos conflitos, alterações climáticas, e recessões económicas, bem como fatores estruturais como a pobreza e a desigualdade, que levam as pessoas a enfrentar a fome e a desnutrição. Embora a eliminação dos atuais conflitos pareça fora do nosso alcance, podemos dar passos graduais para quebrar o ciclo da fome e do conflito, reconhecendo e comprometendo-nos a fazer face os desafios únicos que os sistemas alimentares têm de enfrentar em cenários de conflito. Através de medidas de mitigação e adaptação, a devastação das alterações climáticas globais poderá ser atenuada ou mesmo travada. Embora a recessão induzida pela COVID-19 tenha sido extrema e única em muitos aspetos, as recessões económicas são inevitáveis e exigirão redes de segurança melhores e mais universalmente disponíveis para prevenir a fome e a desnutrição no futuro. Vivemos num mundo de desafios e choques, e os nossos sistemas alimentares devem ser construídos para resistir e recuperar destes desafios de forma a proporcionar segurança alimentar e nutricional a todas as pessoas. A fome e a desnutrição continuam, não por falta de soluções, mas sim por falta de vontade política e de recursos para implementar as soluções disponíveis e respeitar, proteger e cumprir o direito à alimentação.

FIGURA 1.5 A GAMA DE TAXAS DE RAQUITISMO INFANTIL DENTRO DOS PAÍSES



Fonte: Autores. Com base em inquéritos incluídos na UNICEF, OMS, e Banco Mundial (2021a), OMS (2021), UNICEF (2021), e MEASURE DHS (2021) de 2016-2020. Os países incluídos são aqueles com dados subnacionais de raquitismo disponíveis para 2016-2020. Se tiver sido concluído mais do que um inquérito para um país durante este período, é utilizado aquele com os valores subnacionais mais recentes.

Nota: O número entre parênteses a seguir ao nome de cada país indica o número de unidades subnacionais nas quais o país foi dividido para efeitos do inquérito, o que pode influenciar o grau de disparidade que é revelado.

CAIXA 1.4 CONFLITO E FOME

O conflito é um dos principais fatores responsáveis pela fome.

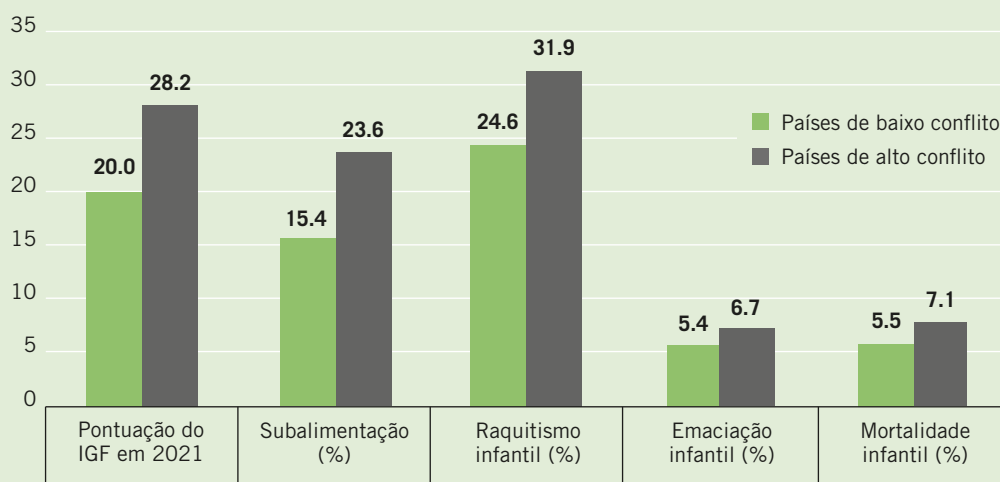
Juntamente com os fenômenos climáticos extremos e as recessões económicas, o conflito é um dos fatores-chave que conduzem à insegurança alimentar e à desnutrição a nível mundial (FAO, IFAD et al. 2021; FSIN e GNAFC 2021). Mais pessoas foram sujeitas a crises alimentares em 2020 devido a conflitos do que a qualquer outro fator, incluindo choques económicos e fenômenos climáticos extremos (FSIN e GNAFC 2021). Em África, os países com elevados níveis de conflito, medidos em função das fatalidades relacionadas com o conflito, têm pontuações de IGF mais elevadas e bem piores para cada um dos indicadores deste índice do que os países com baixos níveis de conflito (ver figura). Enquanto o conflito pode conduzir à fome, a fome também pode conduzir ao conflito, e a relação entre os dois é complexa (Brück e d'Errico 2019).

A natureza do conflito e da fome provocada pelo conflito está a mudar. Como referido no relatório do IGF de 2015, “O Conflito Armado e o Desafio da Fome”, as fomes calamitosas - aquelas que causam mais de um milhão de mortes - foram eliminadas, e as grandes fomes - aquelas que causam mais de 100.000 mortes

- foram drasticamente reduzidas (von Grebmer et al. 2015). No entanto, a natureza dos conflitos e da insegurança alimentar provocada por eles alteraram-se nos últimos anos. O conflito é agora frequentemente caracterizado pela luta de múltiplos intervenientes estatais e não estatais e tende a ser mais localizado do que no passado, afetando apenas algumas partes de um país, tendo como resultado que o impacto na segurança alimentar também tende a ser mais localizado (Holleman et al. 2017).

Os conflitos são devastadores para as crianças, aumentando a subnutrição e a mortalidade infantil. Na Somália, os dados sobre conflito e nutrição entre 2007 e 2010 mostraram que o conflito aumentou tanto o raquitismo infantil como a emaciação infantil (Kinyoki et al. 2017). Na Nigéria, a análise da insurreição de Boko Haram mostrou que os estados em conflito tinham taxas de emaciação infantil de 23% em 2013, mas essas taxas teriam sido tão baixas quanto 10% se não tivesse havido conflito (Dunn 2018). No Iémen, a investigação revela que à medida que o conflito se intensifica, a prevalência da emaciação infantil aumenta, mas este efeito pode ser, pelo menos parcialmente, superado através de transferências monetárias para as famílias (Ecker, Maystadt e

TAXAS MAIS ELEVADAS DE VÍTIMAS MORTAIS DEVIDO A CONFLITOS ASSOCIADAS A UMA CRESCENTE FOME EM ÁFRICA



Fonte: Autores, com dados de ACLED (2021b). Para fontes dos valores dos indicadores do IGF, conforme utilizados no cálculo das pontuações do IGF, ver Apêndice C.

Nota: Os dados referem-se a 44 países em África com dados suficientes sobre vítimas mortais causadas por conflitos e pontuações e valores indicadores do IGF. Os países foram classificados por número de mortes causadas pelo conflito por 100.000 pessoas entre 1997 e 2020, sendo a metade inferior designada “países de baixo conflito” e a metade superior designada “países de alto conflito”. As pontuações do IGF e os valores indicadores aqui apresentados são médias para os países de cada grupo. O valor é limitado aos países em África, a fim de incluir países que são de certa forma comparáveis e controlar parcialmente outros fatores, para além do conflito, que podem conduzir à fome.

Guo 2019). No Afeganistão, a emaciação infantil é mais elevada nas regiões afetadas pelo conflito, mesmo quando se controla por outros fatores (Akseer et al. 2019). A investigação existente mostra consistentemente que o conflito aumenta o raquitismo infantil (Martin-Shields e Stojetz 2019; Brown et al. 2020). Evidências provenientes de África sugerem que o conflito armado aumenta o risco da mortalidade infantil através dos seus efeitos sobre a saúde materna, o risco de doenças infecciosas e desnutrição, e os efeitos mantêm-se para as crianças nascidas até 100 quilómetros do local do conflito e para as crianças nascidas até oito anos após a conclusão do conflito. Os impactos destrutivos do conflito nas infraestruturas dos serviços de água e saneamento, recursos de cuidados de saúde e segurança alimentar podem contribuir para efeitos crónicos e a longo prazo do conflito (Wagner et al. 2018).

O conflito pode aumentar a insegurança alimentar através dos seus efeitos negativos na produção agrícola. O conflito pode afetar diretamente a agricultura quando as culturas são destruídas ou levadas para grupos militantes, os meios de produção são destruídos ou impedidos de chegar aos agricultores, a terra é inacessível a estes e não pode ser utilizada normalmente, o equipamento e infraestruturas agrícolas são danificados, e a mão-de-obra agrícola é reduzida devido a ferimentos, morte ou deslocação. Por exemplo, no caso da insurreição de Boko Haram no nordeste da Nigéria, a produção agrícola diminuiu, em grande parte devido à reduzida disponibilidade de mão-de-obra agrícola contratada no contexto de deslocações forçadas, riscos de segurança e mortes causadas pelo conflito. (Adelaja and George 2019).

A incerteza associada ao conflito pode desencorajar o investimento económico e reduzir o bem-estar, mesmo para aqueles que não são diretamente afetados pela violência. Em alguns casos, quando grupos armados não estatais assumem o controlo de uma região, o nível de violência diminui - é na luta pelo controlo que a violência recrudescer. No entanto, a presença de grupos armados cria medo e incerteza que levam a mudanças no comportamento individual e familiar. Por exemplo, na Colômbia, que atravessou uma longa guerra civil na segunda metade do século XX, os agricultores que viviam em áreas controladas por grupos armados substituíram a sua produção de culturas perenes relativamente lucrativas, tais como plantas de café e árvores de fruto, por culturas sazonais e de subsistência. Estas soluções exigiam investimentos mais baixos e eram menos rentáveis, mas permitiam uma rotação mais rápida e retornos mais imediatos para as famílias no contexto de ameaças contínuas (Arias, Ibáñez e Zambrano 2019). No Burundi, durante a sua brutal guerra civil entre 1993 e 2004, mesmo as famílias relativamente ricas em regiões de alto conflito tendiam a investir em culturas de baixo

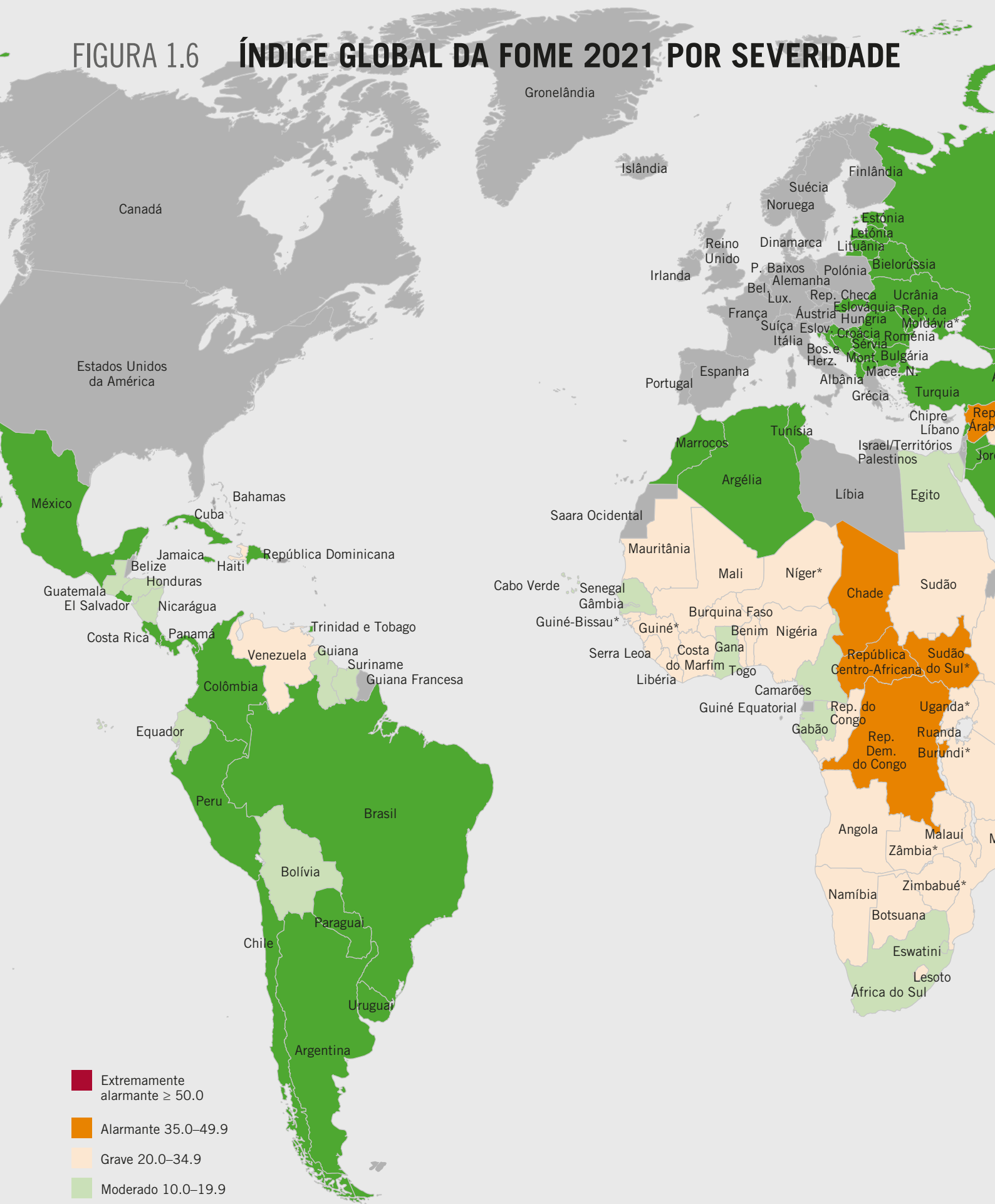
risco e de baixo retorno, em vez de investirem em gado, dado que cerca de um terço a metade de todo o gado foi saqueado ou morto durante a guerra do país (Bundervoet 2010). No norte do Uganda, as despesas de consumo alimentar foram reduzidas não só para as famílias diretamente afetadas pela insurreição do Lord Resistance Army, mas também para as famílias a pelo menos 10 quilómetros de distância; esta situação manteve-se durante seis anos após o fim do conflito (Adong et al. 2021).

O conflito pode forçar as pessoas a fugir das suas casas, deixando os deslocados mais vulneráveis à fome e à subnutrição.

Um estudo sobre os efeitos do conflito de Boko Haram na Nigéria revelou que em Yobe, um dos estados mais afetados pelo conflito, a desnutrição aguda era 57 por cento mais elevada para as crianças de famílias deslocadas internamente do que para as crianças das comunidades de acolhimento. Estes efeitos foram explicados por um aumento da fome e uma menor diversidade alimentar das famílias deslocadas (Iacoella e Tirivayi 2020). No entanto, os efeitos das deslocações na nutrição infantil não são necessariamente todos negativos. Uma análise dos resultados da nutrição das crianças deslocadas internamente em África revelou que em alguns casos os níveis de nutrição eram piores para as crianças deslocadas do que para as suas contrapartes não deslocadas, mas noutros casos, tais como quando as agências de ajuda apoiavam a nutrição das crianças nos campos, mas não nas comunidades vizinhas, aquelas recebiam um melhor regime alimentar. (Salami et al. 2020).

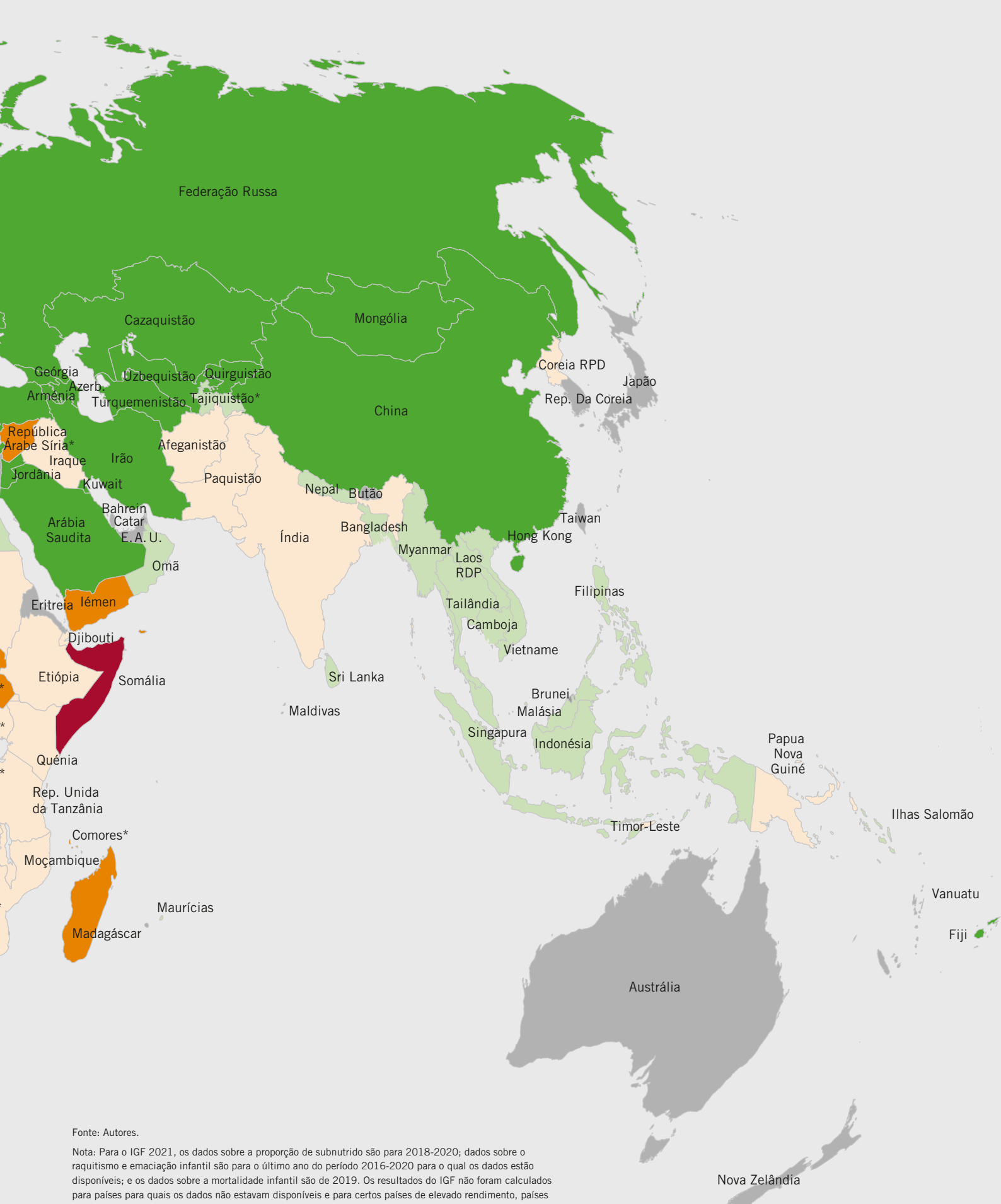
Como descrito no Capítulo 2, o progresso em direção à paz e segurança alimentar é possível, mesmo nas circunstâncias mais desfavoráveis. No entanto, isto requer uma reflexão cuidadosa sobre os contextos locais e o recurso a uma perspectiva de construção da paz enquanto se estabelecem sistemas alimentares resilientes e uma perspectiva de segurança alimentar enquanto se constrói o caminho para a paz.

FIGURA 1.6 ÍNDICE GLOBAL DA FOME 2021 POR SEVERIDADE



- Extremamente alarmante ≥ 50.0
- Alarmante 35.0–49.9
- Grave 20.0–34.9
- Moderado 10.0–19.9
- Baixo ≤ 9.9
- Não incluídos ou não designados (ver Apêndice A e Caixa 1.4 para detalhes)

* Designação provisória de gravidade, ver Caixa 1.4 para detalhes



Fonte: Autores.

Nota: Para o IGF 2021, os dados sobre a proporção de subnutrido são para 2018-2020; dados sobre o raquitismo e emaciação infantil são para o último ano do período 2016-2020 para o qual os dados estão disponíveis; e os dados sobre a mortalidade infantil são de 2019. Os resultados do IGF não foram calculados para países para quais os dados não estavam disponíveis e para certos países de elevado rendimento, países com populações pequenas, e territórios não independentes; ver Apêndice A para detalhes.

Os limites e nomes apresentados e as designações utilizadas neste mapa não implicam aprovação ou aceitação oficiais por Welthungerhilfe (WHH) ou Concern Worldwide.

Citação recomendada: von Grebmer, K., J. Bernstein, D. Smith, C. Delgado, M. Wiemers, T. Schiffer, A. Hanano, O. Towey, R. Ní Chéilleachair, C. Foley, S. Gitter, K. Ekstrom, y H. Fritschel. 2021. "Figura 1.6: Global Hunger Index de 2021 por Gravedad." Mapa del Global Hunger Index de 2021: A fome e os sistemas alimentares em cenários de conflito. Bonn: Welthungerhilfe; Dublin: Concern Worldwide.



Num mercado de aldeia no Sudão do Sul, uma mulher ganha a vida vendendo frutas e legumes. Ao aumentar a segurança dos meios de subsistência, os sistemas alimentares resilientes contribuem para a construção da paz. Assim, especialmente em contextos afetados por conflitos, os mercados locais desempenham um papel importante na recuperação das famílias tanto dos vendedores como dos consumidores.

FOME E SISTEMAS ALIMENTARES EM CENÁRIOS DE CONFLITO

Caroline Delgado e Dan Smith

Instituto Internacional de Estudos para a Paz de Estocolmo

Mensagens-chave

- O número de conflitos violentos ativos está a aumentar. Os conflitos violentos continuam a ser o principal indutor da fome, exacerbado pelas alterações climáticas e pela pandemia da COVID-19.
- Os sistemas alimentares nos países afetados por conflitos são frequentemente caracterizados por um elevado nível de informalidade, fraqueza estrutural e vulnerabilidade ao choque.
- Sem alcançar a segurança alimentar, será difícil construir uma paz sustentável, e sem paz a probabilidade de acabar com a fome global é mínima.
- As ligações nos dois sentidos entre conflito e aumento da insegurança alimentar e entre paz e segurança alimentar sustentável são únicas para cada caso e muitas vezes complexas.
- A boa notícia é que é possível começar a quebrar os laços destrutivos entre conflito e fome no meio de um conflito em curso. Mesmo onde existe uma vulnerabilidade extrema, é possível começar a construir resiliência.
- Quebrar os laços entre conflito e fome e aproveitar o potencial dos sistemas alimentares para contribuir para a paz exigirá boas provas contextuais, um conhecimento bem fundamentado do cenário, e cooperação entre os agentes da paz, humanitários e do desenvolvimento.
- Para integrar uma perspetiva de construção da paz na criação de sistemas alimentares resilientes e uma perspetiva de segurança alimentar na construção da paz, propomos quatro prioridades:
 1. uma abordagem flexível e ágil que reflita as perceções, aspirações e preocupações locais;
 2. uma ênfase no trabalho em parcerias que reúnam agentes locais, nacionais, e internacionais, com os seus diferentes conhecimentos;
 3. um trabalho integrador através de polos que reúnam agentes-chave e construam coligações suficientemente inclusivas para promover a paz e a segurança alimentar; e
 4. o compromisso dos principais Doadores em retirar fundos de silos separados e concentrá-los no trabalho de integração.

As ligações bidirecionais entre Conflito e Fome

A falha dos sistemas alimentares e o conseqüente aumento da fome estão entre as questões mais prementes do nosso tempo. O mundo está a ficar muito aquém do que é necessário para alcançar a Fome Zero - o segundo dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas. Os números são dramáticos: em 2020, 155 milhões de pessoas estavam em situação de grave insegurança alimentar - um aumento de quase 20 milhões em relação ao ano anterior. Cerca de 30 milhões de pessoas estavam à beira da morte por fome, o que significa que não sabiam de onde vinha a sua próxima refeição (FSIN e GNAFC 2021). Apesar da devastadora pandemia da COVID-19, o conflito violento continuou a ser o principal indutor da fome global em 2020 (WFP USA 2021).¹ O número de conflitos violentos ativos está a aumentar, e estão a tornar-se cada vez mais graves e prolongados (Pettersson e Öberg 2020). Além disso, há um padrão de conflito violento crescente cerca de dois a três anos após uma grande crise económica - como foi o caso após a crise

Sem resolver a insegurança alimentar, será difícil construir uma paz sustentável, e sem paz a probabilidade de acabar com a fome global é mínima.

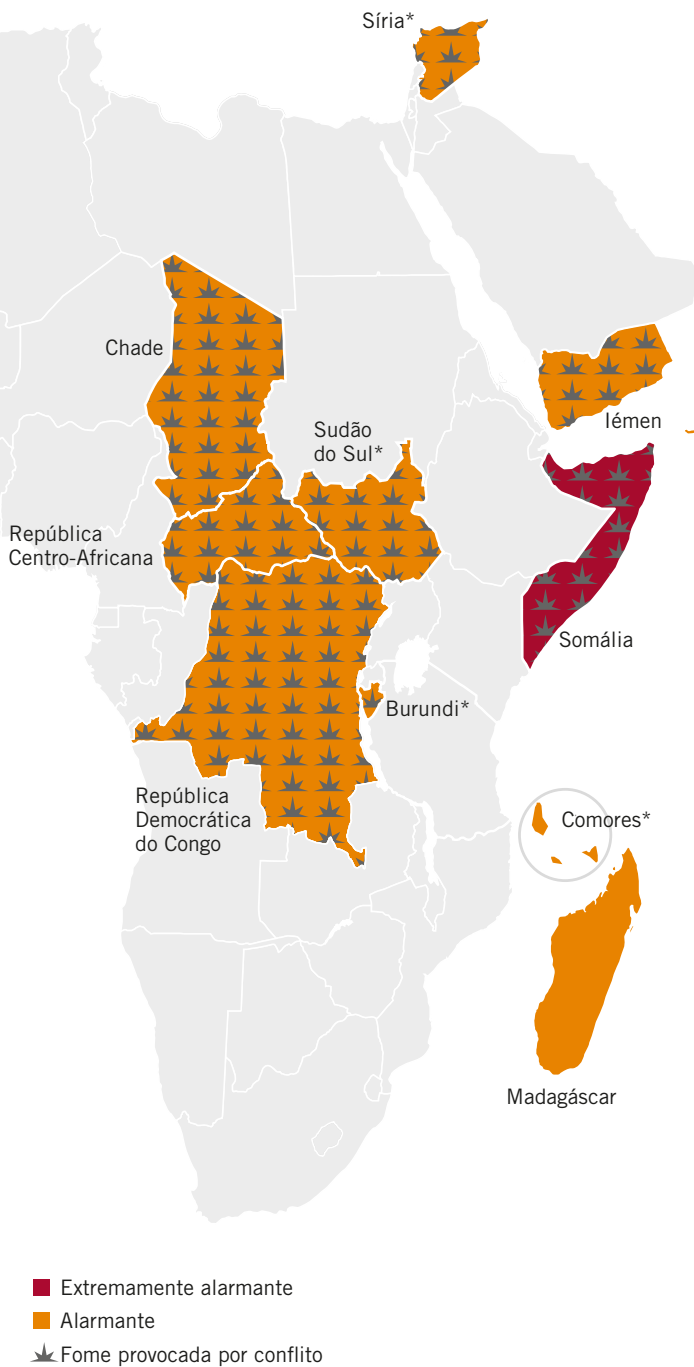
financeira de 2008-2009, a crise financeira asiática de 1997, e o choque dos preços do petróleo em meados da década de 1970 - por isso há razões para preocupação de que o número de conflitos armados possa vir a aumentar nos próximos dois a três anos.² Uma lista dos países que enfrentam as piores crises alimentares é uma série de pontos quentes violentos: Afeganistão, República Democrática do Congo, Nigéria, Sudão do Sul, Síria, Iémen - todos são flagelados pela violência e fome contínuas numa escala trágica (FSIN e GNAFC 2021). Dos 10 países cuja pontuação de IGF 2021 reflete níveis *alarmantes* ou *extremamente alarmantes* de fome, o conflito é um dos principais motores em 8 (Figura 2.1).

¹ Neste ensaio usamos o termo "conflito violento" como um termo genérico para conflito político e criminal envolvendo violência. Abrange situações que vão desde guerras entre Estados a revoluções, insurreições, genocídios e guerras civis, bem como violência criminal, política e comunal. O conflito violento raramente afeta um país uniformemente; dentro de um país afetado por um conflito, existem frequentemente áreas de paz e estabilidade relativas.

² Com base nas estatísticas do Programa de Dados de Conflitos de Uppsala (<https://ucdp.uu.se/>), reportado em Smith (2021, 19).

Nota: os pontos de vista expressos no capítulo são os dos autores. Não refletem necessariamente os pontos de vista da Welthungerhilfe ou da Concern Worldwide.

FIGURA 2.1 A SOBREPOSIÇÃO DA FOME E DO CONFLITO EM 10 PAÍSES COM ÍNDICE DE FOME ALARMANTE E EXTREMAMENTE ALARMANTE



Fonte: Autores, baseados nas classificações do IGF 2021, FAO, IFAD et al. (2021).

* = designação provisória (ver Caixa 1.3).

O contexto humanitário mais amplo está a deteriorar-se rapidamente, refletindo um risco crescente de conflito violento, um número crescente de pessoas que sofrem de fome em todo o mundo, o impacto em curso das alterações climáticas, e os efeitos da pandemia da COVID-19. O primeiro ano da pandemia distorceu décadas de desenvolvimento. Despoletou a mais profunda recessão global em quase 100 anos (OCHA 2021a). Empurrou entre 88 e 115 milhões de pessoas para uma pobreza extrema em 2020, com estimativas a alertar que mais 25-35 milhões poderiam cair em pobreza extrema em 2021 (Banco Mundial 2020). Esta situação inverte décadas de progresso na redução da pobreza. O horizonte de médio a longo prazo é obscurecido pelas alterações climáticas e por fenómenos meteorológicos extremos, que são também impulsionadores da fome e irão aumentar o risco de conflito nos próximos anos. Embora a situação atual seja grave, os dirigentes das principais organizações humanitárias alertam para uma agenda humanitária ainda mais crítica (Jochum 2020; OCHA 2021b; SIPRI 2020).

As ligações nos dois sentidos entre a fome e o conflito estão bem estabelecidas e para além de qualquer dúvida (FSIN e GNAFC 2021; Holleman et al. 2017; Martin-Shields e Stojetz 2019). O conflito violento tem um impacto devastador nos sistemas alimentares, uma vez que “afeta negativamente quase todos os aspetos de um sistema alimentar, desde a produção, colheita, processamento e transporte até ao fornecimento, financiamento, comercialização e consumo de fatores de produção” (FAO, IFAD et al. 2021, 54). A insegurança alimentar duradoura é um legado principal da guerra (Messer e Cohen 2007). Ao mesmo tempo, o aumento da insegurança alimentar pode contribuir para conflitos violentos. Sem resolver a insegurança alimentar, será difícil construir uma paz sustentável, e sem paz a probabilidade de acabar com a fome global é mínima. A situação exige uma ação urgente, decisiva e sustentada.

A notícia boa é que é possível começar a quebrar as ligações destrutivas entre conflito e fome no meio de um conflito em curso. Mesmo onde existe uma vulnerabilidade extrema, é possível começar a construir resiliência.³ A investigação do Instituto Internacional de Investigação da Paz de Estocolmo (SIPRI) mostra que, especialmente quando se trabalha em conjunto, agentes tais como grupos comunitários, organizações não governamentais (ONG) locais e internacionais, agências das Nações Unidas e Estados podem criar condições para a segurança alimentar e a paz sustentável (Delgado et al. 2019; Delgado 2020; Delgado, Murugani, e Tschunkert 2021). Mesmo intervenções de pequena escala podem contribuir muito para reduzir a vulnerabilidade e fortalecer as bolsas locais de paz.

³ A resiliência pode ser compreendida de forma útil como a capacidade dos indivíduos, famílias, comunidades, cidades, instituições, sistemas e sociedades para prevenir, resistir, absorver, adaptar, responder e recuperar de forma positiva, eficiente e eficaz quando confrontados com uma vasta gama de riscos, mantendo simultaneamente um nível aceitável de funcionamento sem comprometer as perspetivas a longo prazo de desenvolvimento sustentável, paz e segurança, direitos humanos e bem-estar para todos (Nações Unidas 2020).

A Vulnerabilidade dos Sistemas Alimentares

Os sistemas alimentares englobam toda a gente

Os sistemas alimentares nos países afetados por conflitos caracterizam-se por um elevado nível de informalidade, fraqueza estrutural, e vulnerabilidade ao choque. Para apreciar a sua vulnerabilidade, precisamos primeiro de compreender que os sistemas alimentares compreendem tudo e todos ligados à produção, distribuição, consumo, e eliminação de alimentos. É útil pensar nos sistemas alimentares como a combinação de quatro sistemas:

- *o sistema natural da terra, água e clima*, que determina as condições básicas para a produção de alimentos;
- *o sistema agrícola técnico*, incluindo as culturas e o gado criados;
- *o sistema logístico e distributivo* que leva os produtos do ponto de origem para o mercado e para a eliminação de resíduos; e
- *as relações entre os sistemas sociais e económicos* incluindo as internacionais, entre produtores, distribuidores e consumidores.

Porque os sistemas alimentares são também sistemas sociais e refletem as desigualdades encontradas em todas as sociedades, a segurança alimentar é vulnerável a desafios que vão desde as pandemias à violência.

Os conflitos violentos afetam os sistemas alimentares direta e indiretamente - com importantes impactos nas zonas rurais

Nos países afetados por conflitos, cerca de 60% das pessoas vivem em zonas rurais. A agricultura é a base da sua subsistência e os sistemas alimentares tendem a ser localizados e tradicionais (Vos et al. 2020). O conflito violento tem um impacto negativo direto sobre estes sistemas alimentares. Reduz a capacidade das pessoas de produzir, comercializar e comprar alimentos. O conflito violento pode também afetar indiretamente os sistemas alimentares através dos seus impactos na saúde, energia, e sistemas de transporte. Em muitos casos, os efeitos do conflito violento e das alterações climáticas cruzam-se entre si para exacerbar os riscos e vulnerabilidades das comunidades. Do mesmo modo, uma falha no sistema alimentar tem um impacto social. As circunstâncias extremas tendem a reduzir as inibições das pessoas contra o recurso à violência. A insegurança alimentar cria situações que podem agravar-se até à instabilidade e conflito violento, atuando como veículo para indivíduos ou grupos expressarem ressentimentos socioeconómicos e políticos mais amplos.⁴

⁴ Para uma discussão detalhada, consultar Delgado, Murugani, e Tschunkert (2021, nota 11).

Em situações de conflito, os mercados negros florescem

O conflito armado reduz geralmente o funcionamento dos mercados formais e a capacidade e presença do governo nacional nas áreas afetadas por conflitos. Este duplo efeito tem um forte impacto nos sistemas alimentares. Torna os recursos menos disponíveis - incluindo meios de produção agrícolas como sementes e rações - e reduz a capacidade dos governos de utilizar eficazmente medidas como o racionamento e o controlo de preços para mitigar o impacto da violência. O conflito violento torna mais difícil aos agricultores a colocação dos seus produtos no mercado e aumenta os custos para os consumidores. Esta confluência de fatores gera, por sua vez, as condições certas para que os mercados negros floresçam. Em muitos cenários afetados por conflitos, os acordos informais vêm a dominar a maioria das transações ao longo da cadeia de abastecimento (Delgado, Murugani e Tschunkert 2021). Afeganistão, por exemplo, onde os sistemas alimentares têm sido afetados por décadas de conflito armado, há uma falta gritante de mercados formais de fatores de produção

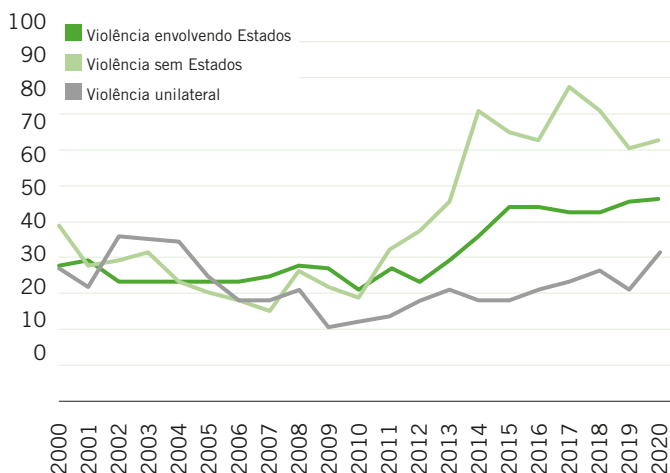
A insegurança alimentar cria queixas que podem transformar-se em instabilidade e conflito violento

agrícola. Estes têm sido contrabandeados de países vizinhos (Hiller, Hilhorst, and Weijs, 2014). Do mesmo modo, desde o colapso do regime de Siad Barre na Somália em 1991, aquele país tem mantido uma economia informal em funcionamento, dominada pelo gado, pelos influxos de remessas do estrangeiro, e pelas transferências de dinheiro. O sector pecuário, que fornece alimentos e rendimentos a mais de 60% da população, tem sido um dos principais contribuintes para a próspera economia não oficial graças às exportações não registadas de gado para a Etiópia e Quênia (Maystadt e Ecker 2014).

Embora os mercados informais possam servir uma função importante para as comunidades sobrecarregadas pelo conflito, podem também aumentar a exposição das famílias a riscos e choques. Isto porque os pequenos produtores não têm acesso a seguros, crédito e fluxos de caixa com os quais possam amortecer o impacto das cadeias de abastecimento pouco fiáveis e dos preços voláteis que caracterizam os mercados informais. Pior, as economias de guerra que os mecanismos informais sustentam podem ter uma influência corrosiva na sustentabilidade da paz, mesmo após a interrupção dos combates (Pugh, Cooper, e Goodhand 2004).

Embora a Venezuela esteja a atravessar uma crise económica e política, e não um conflito armado aberto, representa um outro caso em questão. Até meados da década de 2010, o país beneficiou de abundantes recursos petrolíferos e de uma economia relativamente forte. Quando os preços do petróleo começaram a cair em 2014, a crise resultante agravou rapidamente a insegurança alimentar. O

FIGURA 2.2 NÚMERO DE CONFLITOS ARMADOS, 2000-2020



Fonte: ver UCDP (2020) para dados e definições.

governo respondeu fornecendo embalagens alimentares subsidiadas a famílias vulneráveis. Contudo, funcionários corruptos desviaram aquelas para o mercado negro, exacerbando a escassez de alimentos e permitindo que alguns dos que operam o esquema sobrecarregassem tanto o governo como os consumidores (Pielago 2020). Ao mesmo tempo, tem havido relatos de que o governo está a utilizar os alimentos subsidiados para recompensar a lealdade política (Rendon e Mendales 2018). A crise humanitária impeliu muitos civis para a atividade criminosa para poderem sobreviver e, consequentemente, reforçou as redes criminosas. Como resultado, o crime e a violência na Venezuela aumentaram em espiral, e o alcance dos gangs estende-se agora à vizinha Colômbia e América Central (van Roekel e de Theije 2020).

Enfrentando o problema do agravamento do conflito violento

O número de conflitos violentos está a aumentar

Como proposta geral, é mais provável que a paz seja construída e mantida se estiver ligada a meios de subsistência seguros e à segurança alimentar, e vice-versa (Vos et al. 2020). Contudo, as atuais tendências globais, regionais e nacionais são desencorajadoras e ameaçam a concretização da Fome Zero e outras pretensões dos ODS até 2030. A segurança global tem vindo a deteriorar-se significativamente desde 2010. Em 2020, a nível mundial, houve 56 conflitos armados envolvendo Estados, quer em conflito com outros Estados, quer com forças rebeldes; 72 conflitos violentos em que os Estados não estavam envolvidos (não-estatais); e mais 41 em que o Estado ou uma força rebelde eram os únicos intervenientes e os seus opositores

estavam desarmados (UCDP 2020; Figura 2.2). As três formas de conflito aumentaram significativamente na última década, com os conflitos não-estatais a aumentarem, só por si, 148 por cento. Em 2020, as despesas militares tinham subido ao seu nível mais elevado desde antes do fim da Guerra Fria, tal como o comércio internacional de armas importantes (Wezeman et al. 2020). A natureza cada vez mais tóxica da geopolítica global é evidente na relação triangular entre a China, Rússia, e os Estados Unidos e os seus respetivos aliados (Smith 2018, 2019, 2020, 2021). Este contexto internacional não é propício à cooperação ou à mediação de conflitos.

A recuperação é longa e complexa

A saída e a recuperação de conflitos violentos podem levar décadas. A violência continua no Afeganistão, que tem agora o segundo maior número de pessoas em insegurança alimentar de emergência no mundo (OCHA 2021c). Embora a Somália tenha recuperado gradualmente da insegurança alimentar e da fome em 2011, a insegurança alimentar está de novo a agravar-se, e mais de meio milhão de pessoas estão à beira da fome, em grande parte devido ao conflito (PAM 2021a; FSIN e GNAFC 2021). O desemprego juvenil é elevado (há alguns anos atrás era de 67%) - uma preocupação fundamental, uma vez que os jovens desempregados são um alvo principal para

Em 2020, as despesas militares bem como o comércio internacional de armas importantes tinham subido ao seu nível mais alto desde antes do fim da Guerra Fria.

o recrutamento de extremistas (Banco Mundial 2015). A Síria e o Iémen são outros exemplos de conflitos armados prolongados com crises profundas de insegurança alimentar, problemas de saúde e traumas sociais (PAM 2021b, 2021c). O apoio a estes países tem de responder às necessidades de subsistência das comunidades duramente atingidas e que sofrem há muito, para que possam, a seu tempo, gerar segurança alimentar para si próprias. Caso contrário, o ciclo de injustiças continuará alimentando potencialmente um ressurgimento de conflitos violentos (Strandh e Yusriza 2021; Vos et al. 2020). Devido a este tipo de circuito de retorno e ao risco de reincidência do conflito, o Banco Mundial estima que é necessário uma média de 15-30 anos para que um país afetado por um conflito se eleve do nível do Haiti - que em 2020 ocupava o 170º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano em relação a 189º - para o de um Estado razoavelmente funcional como o Gana, que ocupava o 138º lugar nesse mesmo ano (Banco Mundial 2011; UNDP 2020).

As passagens do conflito ao aumento da insegurança alimentar - e do aumento da insegurança alimentar ao conflito - são únicas para cada caso e muitas vezes complexas. Isto porque, como os exemplos

citados mostram, existem muitas causas subjacentes tanto à insegurança alimentar como ao conflito, interagindo em diferentes combinações. A capacidade das pessoas e comunidades para enfrentarem as ameaças à sua subsistência é também específica a cada cenário. Quebrar as ligações entre conflito e fome e aproveitar plenamente o potencial dos sistemas alimentares para contribuir para a paz exigirá boas provas contextuais, um conhecimento bem fundamentado do cenário, e cooperação entre os agentes da paz, humanitários, e de desenvolvimento.

Fazer Progressos Pacificadores

As provas mostram que os progressos são possíveis

A investigação demonstra que o progresso é possível mesmo nas circunstâncias mais desfavoráveis. A investigação do SIPRI sobre o impacto do Programa Alimentar Mundial (PAM) nas perspectivas de paz sugere que, mesmo num ambiente global hostil, podem ser feitos esforços para alavancar sistemas alimentares resilientes para ajudar a promover a paz (Delgado et al. 2019). A intensificação destes esforços poderá gerar progressos tangíveis, se não o cumprimento da mais alta ambição.

No nordeste da Nigéria, muitas comunidades encontram-se em áreas controladas por grupos armados não estatais. Aqueles que conseguiram escapar fugiram na sua maioria para cidades de guarnição cercadas por trincheiras defensivas. Tendo perdido o acesso aos seus meios de subsistência, dependem da ajuda alimentar. O risco da fome está a aumentar constantemente. No entanto, as organizações humanitárias estão a implementar intervenções de pequena escala para aumentar a resiliência, permitindo às famílias ter culturas alimentares nas trincheiras. Embora a maioria dos agregados familiares ainda dependa da ajuda alimentar, esta prática ajuda-os a satisfazer as suas necessidades alimentares imediatas e evita a perda de competências de uma geração para a outra. Mantém o emprego e contribui para um sentido de envolvimento da comunidade. Além disso, a investigação do SIPRI sugere que gerar esperança em melhores meios de subsistência na área ajuda a evitar o recrutamento por grupos armados não estatais (Delgado, Tschunkert, e Riquier).

Descobertas semelhantes surgiram em áreas remotas da Colômbia. Na sequência dos acordos de paz de 2016 entre o governo colombiano e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), intervenções de subsistência em pequena escala ajudaram à reintegração de antigos combatentes rebeldes. A produção local de alimentos para animais aumentou a viabilidade da criação de pequenos animais de quinta. Os ex-combatentes e os agricultores locais receberam formação sobre práticas agrícolas resistentes ao clima e sobre comercialização. O dinheiro recebido através dos projetos foi destinado a salários, e ganhos adicionais foram reinvestidos em trabalhos comunitários. Estas atividades geraram emprego bem como um sentido de compromisso entre ex-combatentes, que são cruciais para manter a sua motivação de se manterem como parte do processo de paz, especialmente dado que alguns grupos armados não estatais continuam a oferecer alternativas

lucrativas. O envolvimento ativo dos ex-combatentes nos projetos, as suas capacidades de liderança e o seu empenho foram importantes catalisadores para o envolvimento mais amplo da comunidade e elementos críticos no processo de reconciliação e reincorporação. Além disso, a intervenção aumentou o valor económico dos produtos locais perecíveis; gerou mercados locais numa área largamente isolada de mercados mais vastos, permitindo aos membros da comunidade diversificar a produção e aumentar o rendimento, a ingestão nutricional e a segurança alimentar; e tornou as comunidades mais resistentes ao impacto das alterações climáticas. (Delgado 2020)

A compreensão do contexto local é crucial. A forma como a paz é compreendida pode variar dramaticamente ao longo das linhas étnicas, sectárias, regionais, ou políticas, onde as perceções de riscos e ressentimentos podem diferir.

Tipos semelhantes de ações podem ajudar a construir sistemas alimentares locais sustentáveis e equitativos também em áreas urbanas afetadas pela violência. O desenvolvimento de capacidades e a formação de competências para jovens vulneráveis em áreas controladas por gangues em São Salvador, que envolveu a ligação com restauradores e retalhistas, teve um efeito amortecedor no recrutamento de gangues. Vale a pena notar, contudo, que o desenvolvimento de capacidades e a formação de competências para dar aos jovens a oportunidade de obter emprego pode ter a consequência não intencional de servir como um fator impulsionador da migração irregular para o estrangeiro. Um cozinheiro em El Salvador ganha em média 300 dólares por mês, enquanto um emprego semelhante nos Estados Unidos paga em média 500 dólares por semana. A nível nacional, em El Salvador, mais de 360.000 jovens entram anualmente no mercado de trabalho, enquanto apenas 127.000 empregos são criados anualmente (CEPAL 2019). Embora a migração económica em si mesma possa ser positiva, a migração irregular pode expor os indivíduos a graves violações dos seus direitos humanos e civis nos países de trânsito e de destino (Delgado 2019).

Estes exemplos ilustram alguns dos meios para reforçar os sistemas alimentares e ajudar a gerar condições conducentes à paz. Sistemas alimentares sustentáveis e equitativos oferecem segurança alimentar e nutricional, ao mesmo tempo que limitam os impactos ambientais negativos. São socialmente inclusivos e melhoram o bem-estar geral. Contribuem assim para a resiliência de todas as comunidades, o que permite que estas respondam bem a desafios como as alterações climáticas, eventos climáticos extremos, choques económicos e o risco de conflitos violentos (CIAT 2019; Policy Link 2021).

O facto de os sistemas alimentares serem sistemas sociais (bem como sistemas naturais, agrícolas e logísticos) significa que o seu reforço exige muito mais do que conhecimentos técnicos e recursos. Especialmente para aqueles que realizam ou apoiam intervenções a partir do estrangeiro, o conhecimento contextual e a sensibilidade ao risco de conflitos são atributos essenciais.

Consequências involuntárias apresentam riscos

Embora o progresso seja sempre possível, é sempre necessário ter cuidado. O risco de consequências involuntárias, verificado com os projetos alimentares de São Salvador, repete-se de formas diferentes em muitos lugares. Nos projetos agrícolas colombianos, a reincorporação de ex-combatentes pode acabar por depender de mudanças sociais fundamentais; se isso não acontecer, podem ocorrer contratempos. Além disso, as intervenções baseadas em projetos podem

*É importante saber
o que funcionou noutros contextos,
o que não funcionou,
e o que causou problemas. É aqui
que entram as parcerias.*

ser insustentáveis e gerar dependência da ajuda. O reforço da segurança alimentar aumenta as perspectivas de paz, mas não a garante; qualquer regresso a um conflito violento gera vulnerabilidade à insegurança alimentar - e o risco de um regresso a um conflito violento está sempre presente. Um estudo do Banco Mundial concluiu que dos 103 países que viveram uma guerra civil nos 65 anos após 1945, apenas 44 evitaram recaídas depois de a paz ter sido acordada; de facto, a maioria das guerras civis hoje em dia são, de uma forma ou de outra, a continuação de conflitos anteriores (Walter 2011). Todos os que estão a tentar construir a paz fariam bem em prestar atenção a estes riscos. Na Colômbia rural, uma comunidade que tinha integrado antigos combatentes ansiava por melhores infraestruturas. No entanto, rejeitaram cautelosamente a construção de uma estrada para a comunidade por receio de ataques de retaliação de outros grupos armados não estatais (Delgado 2020).

Combater o Conflito e a Fome em Conjunto

As complexidades dos sistemas alimentares e dos ambientes de conflito e de construção da paz apresentam muitas dificuldades. É difícil para as organizações e instituições individuais que trabalham nos campos da segurança alimentar e da construção da paz terem plenamente em conta a diversidade dos agentes, a multiplicidade de níveis e processos, e os efeitos dos circuitos de retorno. A escala da tarefa, contudo, não constitui motivo para não tentar. A um nível

modesto de ambição, o desafio consiste em assegurar que a assistência alimentar seja prestada de uma forma sensível ao risco de conflito. Mais ambiciosamente, ao trabalhar para alcançar os objetivos interligados de segurança alimentar sustentável e paz sustentável, o desafio não é simplesmente evitar fazer mal, mas fazer bem. Este trabalho exige a integração de uma perspectiva de construção da paz no esforço de criar sistemas alimentares resilientes e uma perspectiva de segurança alimentar na construção da paz. Para avançarmos por esse percurso, vemos quatro prioridades.

Prioridade 1: Adotar uma abordagem flexível e ágil

A compreensão do contexto local é crucial. A forma como a paz é compreendida pode variar dramaticamente ao longo das linhas étnicas, sectárias, regionais ou políticas, onde as percepções de riscos e ressentimentos podem diferir (Kanbur, Rajaram, e Varshney 2010; McKeown, Cavdar, e Taylor 2019). A utilização de uma definição de paz de um grupo pode criar ressentimentos com outro. Os desafios na construção da paz também evoluem com o tempo, e são identificadas novas preocupações. Simultaneamente, surgem novos desafios para a comunidade - um evento climático extremo, uma recessão económica, um conflito violento numa área vizinha, uma pandemia - e as respostas a eles podem ser decisivas para sustentar ou minar as perspectivas de paz. Do mesmo modo, os sistemas alimentares são altamente contextuais, enfrentam desafios em evolução para alcançar a segurança, e devem, portanto, ser apoiados com flexibilidade e capacidade de resposta. Por último, tanto os sistemas alimentares como a paz são gerados pela intersecção de diferentes processos e dinâmicas e são desafiados por um conjunto de diferentes fatores de risco. Assim, a ação de apoio à construção da paz como parte das intervenções de segurança alimentar deve ser flexível, ágil, e capaz de se adaptar às circunstâncias e preocupações em mudança.

Prioridade 2: Trabalhar em parceria

Embora a compreensão do contexto local seja crucial, isso não é suficiente. É também importante saber o que tem funcionado noutros contextos, o que não tem funcionado e o que tem causado problemas. É aqui que entram as parcerias. Os conhecimentos das pessoas, grupos e organizações que conhecem verdadeiramente a localidade devem ser reunidos com os conhecimentos gerados através da investigação e ação numa série de contextos diferentes. Os governos nacionais e as organizações internacionais, sejam ONG ou agências da ONU, não podem ser bem-sucedidos sem parceiros locais, sendo igualmente improvável que os parceiros locais sejam bem-sucedidos por si próprios. Nenhuma pessoa ou organização pode saber ou fazer tudo isto - a resposta é trabalhar em conjunto.

É importante, contudo, a forma como as parcerias são concebidas. Com demasiada frequência, os governos nacionais e as agências internacionais conduzem o seu próprio planeamento estratégico e envolvem grupos locais apenas como parceiros de implementação. Para serem mais eficazes, as parcerias devem envolver parceiros

locais na fase de concepção de estratégias e de projetos, bem como durante a implementação e o acompanhamento.

Prioridade 3: Prosseguir formas integrativas de trabalho

Se a paz é uma condição prévia para a segurança alimentar, enquanto a segurança alimentar é uma condição prévia para a paz, e a resiliência face às alterações climáticas reforça ambas, faz sentido encontrar formas de trabalhar as três questões ao mesmo tempo. Trabalhar em

Governos, agências de auxílio, e doadores que afirmam querer uma abordagem integradora devem reexaminar a forma como atribuem o financiamento e tentar novos modelos de financiamento mais integrados.

parceria torna isto mais fácil. Uma forma de o fazer num país afetado por um conflito é institucionalizar a cooperação sob a forma de polos alimentares e de paz. Esta proposta de polos, que surgiu na construção da Cimeira do Sistema Alimentar das Nações Unidas de 2021 atrairia as organizações - de comunidades, de governos provinciais e nacionais, e de agentes internacionais - que estão a trabalhar para combater a insegurança alimentar e construir a paz. O objetivo é reuni-los a todos, permitir o acesso aos recursos, e encorajar e incentivar a cooperação. Esta abordagem ligaria não só diferentes agentes, mas também diferentes questões e problemas de forma frutuosa.

Muitas questões ainda estão por resolver para tornar este conceito viável. A ligação entre os diferentes agentes e intervenientes - uma parte essencial do conceito - só funcionará se houver suficiente respeito mútuo e uniformidade de objetivos. O movimento em prol da paz e da segurança alimentar dependerá do que o relatório seminal de 2011 do Banco Mundial *Conflito, Paz, e Desenvolvimento* designado por “coligações suficientemente inclusivas” (Banco Mundial 2011). Contudo, não é fácil avaliar se as coligações e parcerias são

suficientemente inclusivas em abstrato. É preciso testar a experiência: saberemos que são adequadamente constituídas se funcionarem. Reunir os agentes em polos alimentares e de paz não garante a consolidação da paz e da segurança alimentar sustentável. Os polos são apenas um mecanismo para alcançar o que é fundamental - parcerias de igual para igual envolvendo todos os que precisam de ser envolvidos.

Prioridade 4: Decompor os silos de financiamento

A ênfase deste ensaio na intersecção de riscos é cada vez mais amplamente aceite. Nenhuma conferência internacional sobre estas questões está completa sem que vários ministros e altos funcionários digam que todos devemos decompor- ou romper os silos no nosso pensamento e nas nossas ações entre questões diferentes, mas evidentemente relacionadas. O facto de esta exortação ser um cliché não a torna falsa ou desinteressante. Tais afirmações são óbvias, mas não geram qualquer ação. Porque não? Uma grande parte da resposta é porque o financiamento ainda está em silo. Governos, agências de ajuda e doadores que afirmam querer uma abordagem integradora devem reexaminar a forma como atribuem o financiamento e tentar novos modelos de financiamento mais integrados que orientem o financiamento precisamente para os pontos de intersecção. Para tal, precisam de um mecanismo que seja capaz de agir também sobre esses pontos de intersecção - como os centros de alimentação e paz.

Conclusão

Com flexibilidade, agilidade, sensibilidade às perceções locais e respeito pelo conhecimento, com uma nova ênfase na parceria, e com uma ação integradora através de centros de alimentação e paz, apoiados por financiamento à altura, podemos ver um caminho para a construção da resiliência da segurança alimentar. As mudanças transformativas são constituídas por etapas concretas imediatas, estruturadas de acordo com prioridades claras. O contexto global não é útil, mas são possíveis ações para quebrar o círculo vicioso entre conflito e fome.

Welthungerhilfe, com o seu mandato de trabalho tanto na assistência humanitária como na cooperação para o desenvolvimento, opera em muitos países afetados por conflitos violentos. Um desses países é o Sudão, onde décadas de conflito, associadas a recessões económicas, levaram a uma fome generalizada. Com uma pontuação de 25,1 IGF em 2021, o Sudão sofre de um grave nível de fome e ocupa o 95º lugar entre 116 países. Um recorde de 9,8 milhões de pessoas no Sudão - um quinto da população analisada - enfrentou elevados níveis projetados de insegurança alimentar aguda entre junho e setembro de 2021 e necessita de assistência urgente. Prevê-se que o Norte de Darfur seja a área mais afetada (IPC 2021b).

Operar no Sudão exige uma compreensão clara das causas históricas do conflito e dos seus motores, que são complexos, politizados e com vários níveis, abrangendo ao mesmo tempo as dimensões local, nacional, regional e internacional. O país tem um grande número de pessoas deslocadas internamente (PDI) e refugiados de países vizinhos (OIM e PAM 2021; ACNUR 2021). Tensões relativas aos escassos meios de subsistência e a terras surgiram entre comunidades de acolhimento e pessoas deslocadas, bem como entre pastores e agricultores, particularmente ao longo das rotas migratórias. Secas, desertificação e inundações estão a contribuir para novos conflitos num ambiente em que os recursos e oportunidades já se encontram sob tensão (OCHA 2020).

É agora amplamente reconhecido que não pode haver segurança alimentar e nutricional sem paz. Para reforçar a resiliência e alcançar a segurança alimentar e nutricional, a Welthungerhilfe esforça-se por adotar uma abordagem sistémica aos sistemas alimentares, inclusive em cenários de conflito como o do Sudão. A organização funciona ao longo donexo humanidade-desenvolvimento-construção da paz para proporcionar alívio e recuperação em caso de choques e tensões agudos, reforçando ao mesmo tempo a resiliência e a subsistência das comunidades de acolhimento, PDI e refugiados. Colocando as comunidades no centro do seu trabalho, o programa da Welthungerhilfe também apoia iniciativas de construção da paz a nível comunitário.

O Darfur do Norte é a região de foco das operações da Welthungerhilfe no Sudão, juntamente com os estados de Gedaref, Kassala e Mar Vermelho. A Welthungerhilfe responde às necessidades humanitárias mais críticas das comunidades de acolhimento, PDI e refugiados através de assistência em dinheiro e vales, proteção, abrigo, artigos não alimentares e água, saneamento e higiene. Liga essas intervenções com outras destinadas a melhorar a segurança humana, a resiliência, a segurança alimentar e nutricional, e os meios de subsistência, bem

como contribuindo para a construção da paz e coesão social. As atividades incluem escolas de campo de agricultores e pastores e formação para grupos de mulheres sobre processamento alimentar, hortas familiares, nutrição saudável, e geração de rendimentos. Uma intervenção piloto destinada a melhorar a segurança alimentar e nutricional e a reduzir a rivalidade sobre os recursos naturais levou à introdução da produção hidropónica de forragens e vegetais nos campos de PDI no Darfur do Norte. Este programa melhorou o acesso a alimentos nutritivos e criou oportunidades de rendimento sustentável, mesmo quando há escassez de terra e água, e representa assim uma solução adaptada ao contexto existente.

A Welthungerhilfe também ajuda a promover o diálogo pacífico, a coexistência, e a reconciliação no Darfur do Norte através de mecanismos de resolução baseados na comunidade (CBRM), que reúnem comunidades pastoris e agricultores de diversas etnias ao longo das rotas migratórias. Os CBRM visam jovens em risco de se envolverem em violência, bem como mulheres, cuja participação é crucial para a mitigação e resolução de disputas dentro e entre comunidades. Os CBRM oferecem atividades de consciencialização para as rotas migratórias, reabilitação de rotas migratórias, e sensibilização das comunidades. O projeto da Welthungerhilfe ligou os CBRM aos ministérios governamentais relevantes, instituições legais, à Comissão de Ajuda Humanitária do Sudão, e aos serviços de segurança, dando às comunidades rurais um melhor acesso às vias legais de resolução de conflitos e aos recursos. No entanto, a situação permanece volátil, com surtos de instabilidade política e violência, para além das catástrofes naturais e da pandemia. Com a recente evolução política a desestabilizar o sistema judicial oficial, os CBRM tornaram-se mais importantes do que nunca. A Welthungerhilfe procura aumentar a inclusão de jovens, mulheres, e comunidades marginalizadas nos CBRM.

A resiliência do povo haitiano face à instabilidade ambiental, social, económica e política é tão extraordinária como a dimensão dos desafios que enfrentam diariamente. Tendo trabalhado no Haiti durante mais de 27 anos, a Concern Worldwide aprendeu uma série de lições sobre a melhor forma de ajudar as pessoas a construir resiliência aos choques e tensões que as rodeiam. O seu trabalho de construção de resiliência tem-se concentrado especialmente nos centros urbanos do Haiti, onde vive a maioria dos haitianos.

A urbanização crescente no Haiti levou a uma elevada concentração da população na área metropolitana de Port-au-Prince, onde os bairros de lata em expansão e o elevado desemprego exercem uma enorme pressão sobre as limitadas infraestruturas sociais e serviços básicos da zona. Desde muito antes do catastrófico terramoto de 2010, os haitianos têm sofrido com condições de vida degradadas, oportunidades educativas limitadas e perspectivas económicas fracas. Nos últimos meses, o contexto sociopolítico e económico do país deteriorou-se ainda mais, deixando as comunidades marginalizadas ainda mais vulneráveis a choques sociais e naturais. Uma das zonas onde a Concern Worldwide trabalha é Cité Soleil, um município marginalizado e estigmatizado na zona de Port-au-Prince com uma população de mais de 265.000 habitantes. Ao longo de 2021, as tensões locais têm sido elevadas. A escassez de combustível, as interrupções de trânsito e o encerramento de empresas e escolas reduziram os meios de subsistência das famílias mais pobres. Segundo a Coordenação Nacional para a Segurança Alimentar (CNSA), 46% da população - 4,4 milhões de haitianos - estão em situação de insegurança alimentar e necessitam de uma ação humanitária urgente. Em Cité Soleil, à data da redação do presente relatório, 55% das famílias encontram-se em crise alimentar ou emergência alimentar, e estima-se que 96.031 pessoas se encontrem em situação de insegurança alimentar (CNSA 2021).

Neste cenário, onde a fome e os conflitos colidem, a programação integrada da Concern Worldwide consiste numa série de intervenções que funcionam de forma holística. A sua abordagem dá prioridade ao trabalho com e através de facilitadores locais e trabalhadores de saúde comunitários, e coloca uma forte ênfase nas suas relações com as instituições locais. A sua colaboração com a escola profissional “Haiti Tec” e o centro de formação “Centre Animation Paysanne et d’Action Communautaire (CAPAC)”, por exemplo, tem encorajado estas instituições a fazer investimentos adicionais em comunidades vulneráveis. No âmbito da sua abordagem de adaptação, a Concern Worldwide procura utilizar a tecnologia da melhor forma possível, incluindo a utilização de telemóveis para distribuir vouchers ou transmitir emissões de rádio sobre boas práticas de saúde e nutrição.

O programa urbano integrado da Concern Worldwide foi concebido para satisfazer as necessidades básicas das pessoas, ao mesmo tempo que reforça a sua capacidade para satisfazer as suas necessidades futuras. Fornece às pessoas os meios para comprar alimentos, assegurando ao mesmo tempo que os mercados têm produtos de alta qualidade de fornecedores locais pré-aprovados. Ajuda a promover boas práticas nutricionais e de saúde para que as pessoas possam alcançar tanto a segurança alimentar como a segurança nutricional, que são especialmente críticas neste momento.

Apesar do contexto desafiante e das necessidades crescentes, a Concern Worldwide - trabalhando em colaboração com parceiros e comunidades locais - teve um impacto positivo nas famílias que vivem em Cité Soleil. A sua programação ajudou a melhorar a segurança alimentar de 3.000 das famílias mais vulneráveis e em insegurança alimentar da comunidade. As suas intervenções contribuíram para melhorar o acesso das famílias aos alimentos, reduzir o número de famílias que recorrem a estratégias negativas de sobrevivência, e melhorar o comportamento nutricional das pessoas, incluindo o seu consumo de frutas e legumes e a sua diversidade alimentar. Desde o início da programação de segurança alimentar da organização em Cité Soleil, a percentagem da população com uma pontuação de consumo alimentar aceitável aumentou de 39% para 73%, e a percentagem da população alvo que relata um fraco consumo alimentar caiu de 25% para apenas 2,1%. Face aos inúmeros desafios enfrentados pelo povo do Haiti, é fundamental que estes ganhos sejam protegidos e desenvolvidos ao longo dos meses e anos vindouros.



Uma mulher rega legumes na horta comunitária na aldeia de Toungaïlli, região de Tahoua, Níger. A volatilidade climática e o conflito afetam diretamente os meios de subsistência agrícola de milhares de comunidades. Uma agricultura resiliente e inteligente do ponto de vista climático é, portanto, fundamental para melhorar a segurança alimentar e nutricional.

RECOMENDAÇÕES POLÍTICAS

O sucesso da Cimeira dos Sistema Alimentares da ONU, recentemente concluída, deve ser julgado pela forma como gera ações concretas e transformadoras a longo prazo para chegar à Fome Zero, para respeitar, proteger e cumprir o direito à alimentação, e para não deixar ninguém para trás à luz do conflito, das alterações climáticas, e da pandemia da COVID-19. Embora a resolução de conflitos acabe por exigir soluções políticas e mudanças sociais, integrar uma perspectiva de construção da paz na criação de sistemas alimentares resilientes e uma perspectiva de segurança alimentar na construção da paz pode ajudar a avançar tanto a segurança alimentar e nutricional sustentável como a paz duradoura.

1 Construir a resiliência dos sistemas alimentares para enfrentar simultaneamente os impactos dos conflitos e das alterações climáticas e para garantir a segurança alimentar e nutricional

- Governos e doadores devem promover intervenções em cenários de conflito que associem necessidades de subsistência imediatas e a longo prazo, bem como a reconciliação e a construção da paz.
- Em zonas afetadas por conflitos que não têm acesso a mercados mais vastos, os governos e doadores devem promover práticas agrícolas resistentes ao clima e diversificadas e reforçar os mercados locais para gerar emprego ao longo da cadeia de valor alimentar, permitindo aos membros da comunidade diversificar a sua produção, melhorar o seu rendimento e aumentar a sua ingestão nutricional e segurança alimentar.
- Medidas de proteção social, tais como assistência em numerário e cupões, contribuem para a resiliência das economias alimentares rurais e das famílias afetadas por choques e fatores de stress.

2 Basear as ações numa compreensão profunda do contexto, e reforçar as iniciativas inclusivas e lideradas localmente

- Os atores humanitários, de desenvolvimento e de construção da paz devem empenhar-se numa análise sistémica e contínua do contexto. Todos os programas e intervenções devem identificar as causas e os intervenientes em qualquer conflito e devem conceber uma programação com uma compreensão das relações de poder existentes, colocando as pessoas afetadas no centro.
- As parcerias devem reunir os intervenientes locais, nacionais e internacionais. Todos os intervenientes devem trabalhar com estruturas locais, que têm o potencial de fornecer o apoio mais eficaz e atempado possível, devem incorporar entendimentos locais de paz, podem aumentar a legitimidade, propriedade, e sustentabilidade das intervenções.
- Todos os intervenientes devem abordar a necessidade de transparência, responsabilidade e participação inclusiva daqueles que são mais vulneráveis. Tal inclui assegurar a participação significativa das mulheres em todas as atividades, incluindo os esforços de construção da paz.

3 Compromisso de planeamento e financiamento flexível, baseado nas necessidades, trans-setorial e plurianual

- Os doadores, agências da ONU, organizações não governamentais (ONG), e agentes locais devem esforçar-se por construir e manter relações entre setores e a longo prazo. Isto requer investimentos plurianuais dos doadores no desenvolvimento a longo prazo e na construção da paz que sejam adaptáveis aos contextos altamente fluidos e dinâmicos de conflito e crise. As prioridades de financiamento devem seguir uma abordagem flexível e ágil que reflita as perceções, aspirações e preocupações locais.
- O papel de todos os intervenientes em todo onexo humanidade-desenvolvimento-construção da paz deve ser claramente definido e suficientemente apoiado. O financiamento deve ser baseado nas necessidades e não ficar preso a agendas políticas ou de segurança.

4 Abordar o conflito a nível político, reforçar o direito internacional e garantir a responsabilização pelas violações de direitos

- Os Estados devem estar à altura da sua responsabilidade de pôr fim a crises prolongadas, mas os países doadores, as principais agências da ONU e os organismos regionais devem também abordar os conflitos e as suas consequências, inclusive através de uma perspectiva de segurança alimentar e nutricional.
- Dadas as violações generalizadas do direito à alimentação durante o conflito, o uso recorrente da fome como método de guerra e a negação do acesso humanitário, é vital que a ONU e os seus Estados membros reforcem o direito humanitário internacional e julguem e sancionem rigorosamente a fome como um crime de guerra.

5 Liderar o caminho para mudar profundamente os nossos sistemas alimentares

- Os governos devem acompanhar ativamente a Cimeira dos Sistemas Alimentares da ONU, abordando os desafios estruturais - incluindo desigualdades, falhas de mercado, riscos para a saúde, e ameaças ambientais e climáticas - inerentes aos nossos sistemas alimentares. As ações devem colocar as pessoas vulneráveis no centro das políticas alimentares e basear-se nos compromissos existentes, tais como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, o Acordo de Paris sobre as alterações climáticas e os tratados de direitos humanos.
- A governação alimentar multilateral deve ser alicerçada nos direitos humanos e na participação significativa da sociedade civil e das comunidades.
- Os governos devem utilizar as próximas oportunidades, incluindo a Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas de 2021 (COP 26) e a Cimeira de Tóquio sobre Nutrição para o Crescimento de 2021, para reforçar os seus compromissos para alcançar o objetivo da Fome Zero, investindo na nutrição e na resiliência em contextos frágeis e afetados por conflitos.

APÊNDICES



Um pequeno agricultor vende cebolas num mercado em Luweero, Uganda. Em muitas áreas, as perturbações nos sistemas alimentares desencadeadas pela pandemia COVID-19 minaram a subsistência dos pequenos agricultores. A construção de sistemas alimentares resilientes requer não só o aumento da produtividade agrícola mas também o reforço do transporte, armazenamento e distribuição de alimentos.

O CONCEITO DE ÍNDICE GLOBAL DA FOME

O Índice Global da Fome (IGF) é uma ferramenta concebida para medir e acompanhar a fome de forma abrangente a nível global, regional e nacional.¹ Os resultados do IGF são calculados todos os anos para avaliar os progressos e retrocessos no combate à fome. O IGF foi concebido para aumentar a sensibilização e compreensão da luta contra a fome, fornecer uma forma de comparar os níveis de fome entre países e regiões, e chamar a atenção para as áreas do mundo onde os níveis de fome são mais elevados e onde a necessidade de esforços adicionais para eliminar a fome é maior.

Medir a fome é complicado. Ao utilizar a informação do IGF de forma mais eficaz, ajuda a compreender como são calculadas as pontuações do IGF e o que elas podem e não podem dizer-nos.

Construção do IGF

Como são calculadas as pontuações do IGF?

As pontuações do IGF são calculadas utilizando um processo em três etapas que se baseia em dados disponíveis de várias fontes para captar a natureza multidimensional da fome (Figura A.1).

Em primeiro lugar, para cada país, são determinados valores para quatro indicadores:

- 1. SUBALIMENTAÇÃO:** a percentagem da população subalimentada (ou seja, cuja ingestão calórica é insuficiente);
- 2. EMACIAÇÃO INFANTIL:** a percentagem de crianças com menos de cinco anos que apresentam emaciação (ou seja, que têm baixo peso para a sua altura, refletindo subnutrição aguda);
- 3. RAQUITISMO INFANTIL:** a percentagem de crianças com menos de cinco anos que são raquíticas (ou seja, que têm baixa altura para a sua idade, refletindo subnutrição crónica); e
- 4. ATRASO NO CRESCIMENTO DAS CRIANÇAS:** a taxa de mortalidade de crianças menores de cinco anos (em parte, um reflexo da mistura fatal de nutrição inadequada e ambientes insalubres).²

Em segundo lugar, cada um dos quatro indicadores recebe uma pontuação padronizada numa escala de 100 pontos com base no nível mais elevado observado para o indicador, numa escala global nas últimas décadas.

Terceiro, as pontuações padronizadas são agregadas para calcular a pontuação IGF de cada país, com cada uma das três dimensões (abastecimento alimentar inadequado; mortalidade infantil; e subnutrição infantil, que é composta igualmente por raquitismo e

emaciação infantil) com igual peso (a fórmula para calcular as pontuações do IGF) são apresentadas no Apêndice B).

Este processo em três etapas resulta em pontuações do IGF numa Escala de Gravidade IGF de 100 pontos, onde 0 é a melhor pontuação

CAIXA A.1 O QUE SE ENTENDE POR “FOME”?

O problema da fome é complexo, e são utilizados diferentes termos para descrever as suas várias formas.

Fome é geralmente entendida como referência à angústia associada à falta de calorias suficientes. A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) define a privação alimentar, ou subalimentação, como o consumo habitual de muito poucas calorias para fornecer a energia dietética mínima de que um indivíduo necessita para viver uma vida saudável e produtiva, dado o sexo, a idade, a estatura e o nível de atividade física dessa pessoa.³

Subnutrição vai além das calorias e significa deficiências em qualquer ou todas as seguintes: energia, proteínas, e/ou vitaminas e minerais essenciais. A subalimentação é o resultado de uma ingestão inadequada de alimentos, quer em termos de quantidade ou qualidade, má utilização de nutrientes devido a infeções ou outras doenças, ou uma combinação destas causas imediatas. Estas, por sua vez, resultam de uma série de fatores subjacentes, incluindo a insegurança alimentar das famílias; práticas inadequadas de saúde materna ou de cuidados infantis; ou acesso inadequado a serviços de saúde, água potável e saneamento.

Desnutrição refere-se mais amplamente tanto à subnutrição (problemas causados por deficiências) como à sobrenutrição (problemas causados por dietas desequilibradas que envolvem o consumo excessivo de calorias em relação às necessidades, com ou sem baixo consumo de alimentos ricos em micronutrientes. A sobrenutrição, que resulta em excesso de peso, obesidade e doenças não transmissíveis, é cada vez mais comum em todo o mundo, com implicações para a saúde humana, despesas governamentais e desenvolvimento de sistemas alimentares. Embora a sobrenutrição seja uma preocupação importante, o IGF concentra-se especificamente em questões relacionadas com a subnutrição.

Neste relatório, “fome” refere-se ao índice baseado nos quatro indicadores. No seu conjunto, os indicadores componentes refletem deficiências em calorias, bem como em micronutrientes.

³ A necessidade média mínima de energia dietética varia de país para país - desde cerca de 1.660 a mais de 2.050 quilocalorias (geralmente, embora incorretamente, referidas como calorias) por pessoa por dia para todos os países com dados disponíveis em 2020 (FAO 2021).

¹ Para mais informações sobre o conceito do IGF, consultar Wiesmann (2006) e Wiesmann et al. (2015).

² Segundo Black et al. (2013), a subnutrição é responsável por 45 por cento das mortes entre crianças com menos de cinco anos de idade.

FIGURA A.1 COMPOSIÇÃO DO ÍNDICE GLOBAL DA FOME



Fonte: Wiesmann et al. (2015).

Nota: Os valores de cada um dos quatro indicadores são padronizados. Ver Apêndice B para conhecer a fórmula IGF completa e Apêndice C para conhecer as fontes de dados. ODS = Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

(sem fome) e 100 é a pior. Na prática, nenhum destes extremos é alcançado. Um valor de 0 significaria que um país não tinha pessoas subnutridas na população, nenhuma criança com menos de cinco anos de idade que apresentasse sintomas de emaciação e raquitismo, e nenhuma criança que morresse antes do seu quinto aniversário. Um valor de 100 significaria que a subnutrição de um país, a emaciação infantil, o raquitismo infantil e os níveis de mortalidade infantil estavam, cada um deles, aproximadamente nos níveis mais elevados observados em todo o mundo nas últimas décadas. A Escala de Gravidade IGF na p. 55 mostra a gravidade da fome - de *baixa a extremamente alarmante* - associada com a gama de possíveis pontuações do IGF.

Porque incorpora o IGF quatro indicadores diferentes?

A utilização desta combinação de indicadores para medir a fome oferece várias vantagens. Os indicadores incluídos na fórmula do IGF refletem deficiências calóricas, bem como uma nutrição deficiente. O indicador de subalimentação capta a situação da fome da população como um todo, enquanto os indicadores específicos para crianças refletem o estado nutricional dentro de um subconjunto particularmente vulnerável da população para quem a falta de energia dietética, proteínas e/ou micronutrientes (vitaminas e minerais essenciais) leva a um elevado risco de doença, desenvolvimento físico e cognitivo deficiente, e morte. A inclusão tanto da emaciação como do raquitismo infantil permite que o IGF documente tanto a subnutrição aguda como crónica. Ao combinar múltiplos indicadores, o índice minimiza os efeitos de erros de medição aleatórios.

De onde vêm os dados de base para os quatro indicadores?

Os dados utilizados no cálculo das pontuações do IGF provêm de várias agências da ONU e de outras agências multilaterais. Os dados sobre subalimentação são fornecidos pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). Os dados sobre a mortalidade infantil provêm do Grupo Interagências das Nações Unidas para a Estimativa da Mortalidade Infantil (IGME da ONU). Os dados sobre emaciação e raquitismo infantil são retirados da base de dados conjunta da UNICEF, da Organização Mundial da Saúde (OMS), e do Banco Mundial, bem como da Base de Dados Global sobre Crescimento e Desnutrição Infantil da OMS, dos relatórios mais recentes dos Inquéritos Demográficos e Sanitários (DHS) e dos Estudos Agrupados de Indicadores Múltiplos (MICS), e das tabelas estatísticas da UNICEF.

As pontuações do IGF aqui apresentadas refletem os últimos dados revistos disponíveis para os quatro indicadores.⁴ Quando não havia dados originais disponíveis, foram feitas estimativas para os indicadores do IGF com base nos dados mais recentes disponíveis. (O Apêndice C fornece informação mais detalhada sobre as fontes de dados para as pontuações do IGF de 2000, 2006, 2012, e 2021.)

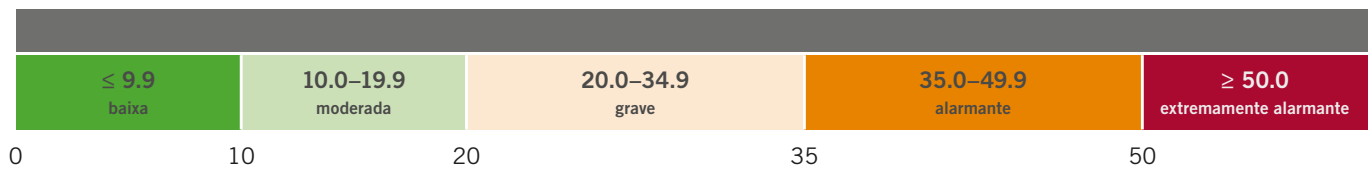
Compreender o IGF

Porque é que a pontuação do IGF de um determinado país é tão alta (ou tão baixa)?

A chave para compreender a pontuação do IGF de um país reside nos valores indicadores desse país, especialmente quando comparados com os valores indicadores para outros países no relatório (ver Apêndice D para estes valores). Para alguns países, as pontuações elevadas são determinadas por altas taxas de subalimentação, refletindo uma falta de calorias para grandes faixas da população. Para outros, as pontuações elevadas resultam de elevados níveis de emaciação infantil, refletindo a subnutrição aguda; o raquitismo infantil, refletindo subnutrição crónica; e/ou a mortalidade infantil, refletindo os níveis de fome e nutrição infantil, para além de outros desafios extremos que a população enfrenta. Em termos gerais, portanto, uma pontuação elevada de IGF pode ser prova de falta de alimentos, uma dieta de má qualidade, práticas inadequadas de cuidados infantis, um ambiente insalubre, ou todos estes fatores.

Embora esteja para além do âmbito deste relatório fornecer uma explicação detalhada das circunstâncias enfrentadas por cada país com uma pontuação do IGF, o Capítulo 1 descreve a situação em países selecionados. Além disso, este relatório oferece outras vias para examinar a situação de fome e nutrição de um país: as classificações dos países baseadas em pontuações do IGF em 2021 aparecem no Quadro 1.1; as pontuações do IGF de anos selecionados para cada país aparecem no Apêndice E; e as comparações regionais aparecem no Apêndice F.

⁴ Para cálculos anteriores do IGF, consultar von Grebmer et al. (2020, 2019, 2018, 2017, 2016, 2015, 2014, 2013, 2012, 2011, 2010, 2009, 2008); IFPRI, WHH, e Concern Worldwide (2007); e Wiesmann, Weingärtner e Schöninger (2006)



Fonte: Autores.

Será que o IGF 2021 reflete a situação em 2021?

O IGF utiliza os dados mais atualizados disponíveis para cada um dos indicadores do IGF, o que significa que as pontuações são tão atuais quanto os dados. Para o cálculo das pontuações do IGF de 2021, os dados de subnutrição são de 2018-2020; os dados de raquitismo e emaciação infantil são de 2016-2020, sendo os dados mais atuais desse intervalo utilizados para cada país; e os dados de mortalidade infantil são de 2019. Em 2021, devido à pandemia da COVID-19, os valores de alguns dos indicadores componentes do IGF, e por sua vez as pontuações do IGF, são suscetíveis de piorar, mas quaisquer alterações que ocorram em 2021 ainda não estão refletidas nos dados e pontuações no relatório deste ano.

Como posso comparar os resultados do IGF ao longo do tempo?

Cada relatório inclui pontuações do IGF e dados indicadores para três anos de referência, para além do ano focal. Neste relatório, as pontuações do IGF 2021 podem ser diretamente comparadas com as pontuações do IGF dadas para três anos de referência-2000, 2006, e 2012 (Apêndice E). Os anos de referência são escolhidos para fornecer uma avaliação do progresso ao longo do tempo, assegurando ao mesmo tempo que não há sobreposição no intervalo de anos a partir dos quais os dados são obtidos.

Posso comparar as pontuações e os valores dos indicadores IGF neste relatório com os resultados de relatórios anteriores?

Não—As pontuações do IGF são comparáveis dentro de cada relatório anual, mas não entre relatórios de anos diferentes. Os dados atuais e históricos em que se baseiam as pontuações do IGF estão continuamente a ser revistos e melhorados pelas agências das Nações Unidas que os compilam, e o relatório anual do IGF reflete estas mudanças. A comparação das pontuações entre relatórios pode criar a impressão de que a fome mudou positiva ou negativamente num país específico de ano para ano, enquanto em alguns casos a mudança pode refletir parcial ou totalmente uma revisão dos dados.

Além disso, a metodologia de cálculo das pontuações do IGF foi revista no passado e poderá ser revista novamente no futuro. Em 2015, por exemplo, a metodologia do IGF foi alterada para incluir dados sobre raquitismo e emaciação infantil e para padronizar os valores (ver Wiesmann et al. 2015). Esta alteração causou uma grande mudança nas pontuações do IGF, e a Escala de Gravidade do IGF foi modificada para refletir esta mudança. Desde 2015, quase todos os países têm tido pontuações de IGF muito mais elevadas em comparação com as suas pontuações de 2014 e anteriores. Isto não significa necessariamente que os seus níveis de fome tenham aumentado em 2015 - as pontuações mais elevadas refletem apenas a revisão da metodologia.

Posso comparar as classificações do IGF neste relatório com as dos relatórios anteriores para compreender como a situação num país mudou ao longo do tempo em relação a outros países?

Não—tal como as pontuações do IGF e os valores dos indicadores, as classificações de um ano do relatório não podem ser comparadas com as de outro. Para além das revisões de dados e metodologias acima descritas, todos os anos são incluídos diferentes países na classificação. Isto deve-se em parte à disponibilidade de dados - o conjunto de países para os quais existem dados suficientes para calcular as pontuações de IGF varia de ano para ano. Se a classificação de um país muda de um ano para o outro, isto pode dever-se, em parte, ao facto de estar a ser comparado com um grupo diferente de países. Além disso, o sistema de classificação foi alterado em 2016 para incluir todos os países no relatório e não apenas aqueles com

uma pontuação do IGF igual ou superior a 5. Isto acrescentou muitos países com pontuações baixas à classificação que não tinham sido anteriormente incluídos.

Por que razão alguns países não têm uma pontuação IGF?

Uma vez que os dados para os quatro indicadores da fórmula do IGF não estão disponíveis para todos os países, as pontuações do IGF não puderam ser calculadas para alguns. Contudo, sempre que possível, os países com dados incompletos são provisoriamente categorizados de acordo com a Escala de Gravidade IGF com base em dados existentes e relatórios complementares (ver Caixa 1.4 no Capítulo 1). Vários destes países estão a sofrer perturbações ou conflitos violentos, o que afeta a disponibilidade de dados, bem como a situação alimentar e nutricional do país. É possível que um ou mais destes países tenham uma pontuação de IGF mais alta do que a Somália - o país com a pontuação de IGF mais alta de 2021 - se houver dados suficientes disponíveis.

Do mesmo modo, os resultados do IGF não são calculados para alguns países de elevado rendimento onde a prevalência da fome é muito baixa. Embora a insegurança alimentar seja uma séria preocupação para segmentos da população em certos países de elevado rendimento, os dados representativos a nível nacional sobre a emaciação e o raquitismo infantil não são recolhidos regularmente na maioria dos países de elevado rendimento. Além disso, embora os dados sobre mortalidade infantil estejam normalmente disponíveis para estes países, a mortalidade infantil não reflete a subnutrição nos países de alto rendimento na mesma medida em que o faz nos países de baixo e médio rendimento.

Finalmente, as pontuações do IGF não são calculadas para certos países com populações pequenas (como Belize) ou para entidades ou territórios não independentes (como o Sara Ocidental).

Como são determinadas as designações provisórias de gravidade para países com dados incompletos?

Para cada país com valores atualizados de raquitismo, emaciação, e mortalidade infantil, estes dados foram utilizados para determinar o intervalo em que o valor de subalimentação do país teria de cair para cada categoria de gravidade do IGF. A última prevalência conhecida de subalimentação do país e a prevalência de subalimentação da sub-região em que se localiza foram utilizadas para determinar a gama mais plausível de valores de subalimentação para o período 2018-2020 e, portanto, para determinar a sua designação provisória de gravidade. A última classificação de gravidade do IGF conhecida de cada país foi também utilizada como ponto de referência na avaliação. Em casos ambíguos, os autores designaram o nível de fome do país na categoria inferior.

Em alguns casos não foi sequer possível determinar uma designação provisória de gravidade, como se o país nunca tivesse tido anteriormente uma prevalência de valor de subalimentação, pontuação do IGF, ou designação de IGF desde que o primeiro relatório do IGF foi publicado em 2006. Também, num caso, a Líbia, foi determinado que a situação no país tinha mudado de tal forma desde a sua última inclusão num relatório de IGF em 2014, que não forneceu uma referência suficiente para a classificação. Nos casos do Sudão do Sul e da República Árabe da Síria, não havia dados disponíveis para três dos quatro indicadores do IGF. Contudo, uma revisão das informações relevantes nas edições de 2019, 2020, e 2021 do *Relatório Global sobre Crises Alimentares* e consultas com peritos em insegurança alimentar e nutricional nestes países tornou claro que as designações de *alarmantes* eram justificadas.

FÓRMULA DE CÁLCULO DAS PONTUAÇÕES DO ÍNDICE GLOBAL DA FOME

As pontuações do IGF são calculadas utilizando um processo com três etapas:

Primeiro, os valores para os quatro indicadores são determinados a partir dos dados disponíveis para cada país. Os indicadores são:

- A percentagem da população que está subnutrida,
- A percentagem de crianças com menos de cinco anos que sofrem de emaciação (baixo peso para a altura),
- A percentagem de crianças com menos de cinco anos que sofrem de raquitismo (baixa altura para idade), e
- A percentagem de crianças que morre antes dos cinco anos de idade (mortalidade infantil)

PASSO 1 Determinar valores para cada um dos indicadores:

- PUN: proporção da população subalimentada (em %)
- CWA: prevalência de emaciação em crianças com menos de cinco anos de idade (em %)
- CST: prevalência de raquitismo em crianças com menos de cinco anos (em %)
- CM: proporção de crianças que morrem antes dos cinco anos de idade (em %)

Em segundo lugar, cada um dos quatro indicadores recebe uma pontuação padronizada baseada em limiares estabelecidos ligeiramente acima dos valores mais elevados observados a nível mundial para esse indicador desde 1988.¹

Por exemplo, o valor mais alto de subalimentação estimado neste período é de 76,5%, pelo que o limiar de padronização foi fixado um pouco mais acima, em 80%. Num determinado ano, se um país tiver uma prevalência de subalimentação de 40 por cento, a sua pontuação padronizada de subalimentação para esse ano é de 50. Por outras palavras, esse país está aproximadamente a meio da tabela entre não ter quaisquer casos de subalimentação e atingir os níveis máximos observados

PASSO 2 Indicadores padronizados:

$$\begin{aligned} \text{PUN padronizado} &= \frac{\text{PUN}}{80} \times 100 \\ \text{CWA padronizado} &= \frac{\text{CWA}}{30} \times 100 \\ \text{CST padronizado} &= \frac{\text{CST}}{70} \times 100 \\ \text{CM padronizado} &= \frac{\text{CM}}{35} \times 100 \end{aligned}$$

Em terceiro lugar, as pontuações padronizadas são agregadas para calcular a pontuação do IGF para cada país. A subalimentação e a mortalidade infantil contribuem cada uma com um terço da pontuação do IGF, enquanto os indicadores de subnutrição infantil - emaciação e raquitismo infantil - contribuem cada um com um sexto da pontuação.

PASSO 3 Indicadores agregados:

$$\begin{aligned} &\frac{1}{3} \times \text{PUN padronizado} \\ &+ \frac{1}{6} \times \text{CWA padronizado} \\ &+ \frac{1}{6} \times \text{CST padronizado} \\ &+ \frac{1}{3} \times \text{CM padronizado} \\ &= \text{Pontuação do IGF} \end{aligned}$$

Este cálculo resulta em pontuações do IGF numa escala de 100 pontos, onde 0 é a melhor pontuação (sem fome) e 100 é a pior. Na prática, nenhum destes extremos é alcançado. Um valor de 100 significaria que a subalimentação, a emaciação, o raquitismo e os níveis de mortalidade infantil de um país atingem exatamente os limiares definidos ligeiramente acima dos níveis mais elevados observados em todo o mundo nas últimas décadas. Um valor de 0 significaria que na população de um país não existiriam pessoas subalimentadas, nenhuma criança com menos de cinco anos de idade sofreria de emaciação ou raquitismo, e nenhuma criança teria morrido antes do seu quinto aniversário.

¹ Os limiares de normalização são fixados ligeiramente acima dos valores mais elevados observados, a fim de permitir a possibilidade de estes valores poderem ser os valores mais elevados observados para permitir a possibilidade de estes valores poderem ser excedidos no futuro.

² O limiar de subalimentação é de 80, com base no máximo observado de 76,5%; o limiar de emaciação infantil é de 30, com base no máximo observado de 26%; o limiar de atraso de crescimento das crianças é de 70, com base no máximo observado de 68,2%, e o limiar de mortalidade infantil é de 35, com base no máximo observado de 32,6%.

FONTES DE DADOS PARA OS COMPONENTES DO ÍNDICE GLOBAL DA FOME, 2000, 2006, 2012, AND 2021

IGF	Número de países com pontuação do IGF	Indicadores	Anos de Referência	Fontes de dados
2000	112	Porcentagem de subalimentados na população ^a	2000–2002 ^b	FAO 2021
		Porcentagem de emaciação em crianças com menos de cinco anos	1998–2002 ^c	UNICEF, OMS, e Banco Mundial 2021a; OMS 2021; ^d e estimativas dos autores
		Porcentagem de raquitismo em crianças com menos de cinco anos	1998–2002 ^c	UNICEF, OMS, e Banco Mundial 2021a; OMS 2021; ^d e estimativas dos autores
		Mortalidade de menores de cinco anos	2000	UN IGME 2020a
2006	115	Porcentagem de subalimentados na população ^a	2005–07 ^b	FAO 2021
		Porcentagem de emaciação em crianças com menos de cinco anos	2004–08 ^e	UNICEF, OMS, e Banco Mundial 2021a; OMS 2021; ^d e estimativas dos autores
		Porcentagem de raquitismo em crianças com menos de cinco anos	2004–08 ^e	UNICEF, OMS, e Banco Mundial 2021a; OMS 2021; ^d e estimativas dos autores
		Mortalidade de menores de cinco anos	2006	UN IGME 2020a
2012	116	Percentage of undernourished in the population ^a	2011–13 ^b	FAO 2021
		Porcentagem de emaciação em crianças com menos de cinco anos	2010–14 ^f	UNICEF, OMS, e Banco Mundial 2021a; OMS 2021; ^d e estimativas dos autores
		Porcentagem de raquitismo em crianças com menos de cinco anos	2010–14 ^f	UNICEF, OMS, e Banco Mundial 2021a; OMS 2021; ^d e estimativas dos autores
		Mortalidade de menores de cinco anos	2012	UN IGME 2020a
2021	116	Percentage of undernourished in the population ^a	2018–20 ^b	FAO 2021
		Porcentagem de emaciação em crianças com menos de cinco anos	2016–20 ^g	UNICEF, OMS, e Banco Mundial 2021a; OMS 2021; ^d e estimativas dos autores
		Porcentagem de raquitismo em crianças com menos de cinco anos	2016–20 ^g	UNICEF, OMS, e Banco Mundial 2021a; OMS 2021; ^d e estimativas dos autores
		Mortalidade de menores de cinco anos	2019	UN IGME 2020a

^a Proporção da população com deficiência calórica crónica.

^b Média ao longo de um período de três anos.

^c Dados recolhidos dos anos mais próximos de 2000; quando estavam disponíveis dados de 1998 e 2002 ou 1999 e 2001, foi utilizada uma média.

^d OMS 2021 é a principal fonte de dados e a UNICEF, OMS e Banco Mundial 2021; UNICEF 2021, 2013 e 2009; e MEASURE DHS 2021 são fontes de dados complementares.

^e Dados recolhidos dos anos mais próximos de 2006; nos casos em que estavam disponíveis dados de 2004 e 2008 ou 2005 e 2007, foi utilizada uma média.

^f Dados recolhidos dos anos mais próximos de 2012; nos casos em que estavam disponíveis dados de 2010 e 2014 ou 2011 e 2013, foi utilizada uma média.

^g Os últimos dados recolhidos durante este período.

DADOS SUBJACENTES AO CÁLCULO DAS PONTUAÇÕES DOS ÍNDICES GLOBAIS DE FOME DE 2000, 2006, 2012 E 2021

Guia para as cores apresentadas no Apêndice D

As cores apresentadas na tabela representam as seguintes categorias:

■ = Muito baixa □ = Baixa □ = Média □ = Alta ■ = Muito alta

Baseiam-se em limiares para os diferentes valores indicadores, como se segue:

Categoria	Subalimentação	Raquitismo	Emaciação	Mortalidade antes dos cinco
Muito Baixa	<5%	<2.5%	<2.5%	<1%
Baixa	5–<15%	2.5–<10%	2.5–<5%	1–<4%
Média	15–<25%	10–<20%	5–<10%	4–<7%
Alta	25–<35%	20–<30%	10–<15%	7–<10%
Muito Alta	≥35%	≥30%	≥15%	≥10%

Nota: Os valores dos limiares para a prevalência da subalimentação são adaptados da FAO (2015). Os valores dos limiares para o raquitismo e a emaciação são de de Onis et al. (2019). Os valores dos limiares para a mortalidade de menores de cinco anos são adaptados dos indicados no IGME da ONU (2020a), mas condensados nas cinco categorias indicadas.

DADOS SUBJACENTES AO CÁLCULO DAS PONTUAÇÕES DO ÍNDICE GLOBAL DA FOME DE 2000, 2006, 2012, E 2021

País	Proporção de subalimentados na população (%)				Prevalência de emaciação em crianças com menos de cinco anos (%)				Prevalência de raquitismo em crianças com menos de cinco anos (%)				Taxa de mortalidade de menores de cinco anos (%)			
	'00-'02	'05-'07	'11-'13	'18-'20	'98-'02	'04-'08	'10-'14	'16-'20	'98-'02	'04-'08	'10-'14	'16-'20	2000	2006	2012	2019
Afganistão	47.8	33.3	28.2	25.6	11.7 *	8.6	9.5	5.1	51.2 *	59.3	40.4	38.2	12.9	10.4	8.0	6.0
Albânia	4.9	8.8	3.5	3.9	12.2	7.3	3.8 *	1.6	39.2	26.7	17.4 *	11.3	2.7	1.9	1.1	1.0
Argélia	8.0	6.4	3.3	<2.5	3.1	4.1	4.1	2.7	23.6	15.4	11.7	9.8	4.0	3.2	2.6	2.3
Angola	67.5	49.3	16.3	17.3	11.4 *	8.2	5.8 *	4.9	46.8 *	29.2	32.9 *	37.6	20.4	15.6	10.5	7.5
Argentina	3.0	3.4	3.1	3.9	1.7 *	1.2	1.6 *	1.6	9.5 *	8.2	7.5 *	7.9	2.0	1.6	1.3	0.9
Armênia	26.1	9.3	3.6	3.4	2.5	5.4	4.1	4.4	17.3	17.9	20.9	9.4	3.1	2.3	1.7	1.2
Azerbaijão	17.0	2.8	<2.5	<2.5	9.0	6.8	4.9	3.8 *	24.2	26.5	17.1	12.9 *	7.5	4.9	3.3	2.0
Bahrein	—	—	—	—	9.8 *	8.0 *	7.0 *	6.6 *	5.5 *	4.6 *	4.3 *	3.9 *	1.2	1.0	0.8	0.7
Bangladesh	15.9	13.8	15.5	9.7	12.5	11.9	14.8	9.8	51.1	45.1	40.8	28.0	8.7	6.1	4.4	3.1
Bielorrússia	<2.5	<2.5	<2.5	<2.5	2.3 *	2.2	1.9 *	2.0 *	6.1 *	4.5	3.4 *	3.3 *	1.3	0.8	0.5	0.3
Benim	17.2	11.0	7.9	7.6	9.0	5.0	4.5	5.0	36.2	37.4	34.0	32.2	13.9	12.0	10.6	9.0
Butão	—	—	—	—	2.5	4.5	5.9	3.8 *	47.7	34.9	33.5	22.4 *	7.7	5.4	3.8	2.8
Bolívia (Plurinat. Estado de)	27.9	24.6	16.5	12.6	1.6	1.6	1.5	2.0	33.2	29.8	18.2	16.1	7.6	5.3	3.7	2.6
Bósnia-Herzegovina	3.2	<2.5	<2.5	<2.5	7.4	4.0	2.3	2.8 *	12.1	11.8	8.9	8.1 *	1.0	0.9	0.7	0.6
Botswana	23.7	27.5	29.7	29.3	5.9	7.3	5.9 *	5.0 *	29.1	28.9	21.4 *	17.6 *	6.9	4.0	3.7	4.2
Brasil	10.7	6.2	3.1	<2.5	2.4 *	1.8	1.7 *	1.5 *	10.0 *	7.0	6.9 *	6.4 *	3.5	2.3	1.7	1.4
Bulgária	4.0	5.1	4.0	3.0	4.9 *	4.7	6.3	4.6 *	11.0 *	9.2	7.0	6.7 *	1.7	1.2	1.0	0.7
Burquina Faso	22.6	17.1	12.7	14.4	15.5	11.9 *	10.7	8.1	41.4	33.9 *	32.8	23.8	17.9	14.7	11.2	8.8
Burundi	—	—	—	—	8.1	9.0	6.0	4.8	64.0	57.7	57.6	54.0	15.5	11.7	8.0	5.6
Cabo Verde	14.5	11.4	16.0	15.4	3.8 *	3.3 *	2.2 *	2.0 *	15.1 *	11.2 *	9.0 *	7.8 *	3.8	2.8	2.4	1.5
Camboja	23.6	15.6	12.0	6.2	17.1	8.5	11.0	8.9 *	49.0	42.8	39.8	28.9 *	10.6	6.0	3.8	2.7
Camarões	22.9	14.1	5.8	5.3	6.2	7.6	5.7	4.3	38.2	37.6	32.6	28.9	14.3	12.4	10.2	7.5
República Centro-Africana	39.2	37.7	32.8	48.2	10.4	12.1	7.4	5.3	44.4	43.6	39.7	40.0	17.0	16.0	13.9	11.0
Chade	38.8	38.4	33.6	31.7	13.9	16.2	16.3	13.0	38.9	44.4	38.7	35.1	18.5	16.4	14.1	11.4
Chile	3.4	3.1	3.2	3.4	0.5	0.5	0.3	0.3 *	3.0	2.2	1.8	1.7 *	1.1	0.9	0.8	0.7
China	10.0	6.1	<2.5	<2.5	2.5	2.9	1.9	1.9	17.8	11.7	8.1	4.8	3.7	2.2	1.4	0.8
Colômbia	8.7	11.4	10.1	8.8	1.0	1.6	0.9	1.6	18.2	16.0	12.6	12.7	2.5	2.1	1.7	1.4
Comores	—	—	—	—	13.3	9.6	11.2	8.8 *	46.9	49.8	31.1	36.0 *	10.0	9.4	7.9	6.3
Congo (República do)	27.0	36.6	33.0	37.7	10.0 *	8.0	6.0	7.2 *	30.2 *	31.2	24.4	25.3 *	11.4	7.9	5.9	4.8
Costa Rica	4.7	3.9	3.8	3.1	2.1 *	1.7 *	1.4 *	1.8	11.0 *	8.0 *	5.9 *	9.0	1.3	1.1	1.0	0.9
Costa do Marfim	20.4	20.2	21.9	14.9	6.9	14.0	7.6	6.1	31.2	39.0	29.9	21.6	14.2	12.2	10.0	7.9
Croácia	6.8	<2.5	<2.5	<2.5	1.3 *	1.2 *	1.2 *	1.2 *	1.3 *	1.0 *	1.0 *	0.9 *	0.8	0.6	0.5	0.5
Cuba	<2.5	<2.5	<2.5	<2.5	2.4	2.7	2.2 *	2.0	7.0	7.5	6.2 *	7.1	0.9	0.7	0.6	0.5
Rep. Dem. do Congo	38.2	38.5	41.5	41.7	15.9	10.4	8.3	6.4	44.4	45.8	43.0	41.8	16.0	13.2	10.7	8.5
Djibouti	42.0	27.3	20.8	16.2	19.4	17.0	21.5	15.7 *	27.1	33.0	33.5	27.4 *	10.1	8.6	7.2	5.7
República Dominicana	20.4	16.4	9.7	8.3	1.5	1.7	2.4	1.3 *	7.7	8.4	7.1	4.8 *	4.1	3.6	3.3	2.8
Equador	21.0	22.8	9.1	12.4	2.7	2.1	2.4	3.7	27.9	25.9	25.4	23.0	2.9	2.2	1.7	1.4
Egito	5.2	6.0	5.2	5.4	7.0	5.3	9.5	5.5 *	24.4	23.9	22.3	22.2 *	4.7	3.4	2.6	2.0
El Salvador	7.2	9.4	10.5	8.5	1.5	1.6	2.1	1.1 *	32.3	20.8	13.6	14.7 *	3.3	2.4	1.7	1.3
Guiné Equatorial	—	—	—	—	9.2	2.8	3.1	3.7 *	42.7	35.0	26.2	25.7 *	15.6	13.0	10.4	8.2
Eritreia	—	—	—	—	15.0	—	14.6	—	43.0	—	52.5	—	8.5	6.5	5.1	4.0
Estônia	3.6	<2.5	<2.5	<2.5	1.7 *	1.5 *	1.5 *	1.5 *	1.6 *	1.3 *	1.3 *	1.1 *	1.1	0.6	0.4	0.2
Eswatini	10.5	10.2	18.0	11.6	1.7	2.9	1.4	1.3 *	36.5	29.2	28.2	28.5 *	11.0	10.9	7.1	4.9
Etiópia	47.0	35.6	25.3	16.2	12.4	12.4	9.8	6.8	57.4	50.0	44.4	36.8	14.0	10.3	7.3	5.1
Fiji	4.0	3.7	3.4	5.6	7.9 *	6.3	6.3 *	5.5 *	5.6 *	7.5	3.9 *	3.2 *	2.3	2.3	2.4	2.6
Gabão	10.7	14.8	17.3	15.7	4.2	3.9 *	3.4	3.3 *	25.9	21.1 *	17.0	17.6 *	8.4	7.2	5.7	4.2
Gâmbia	17.8	20.7	13.0	13.6	9.1	7.4	9.5	5.1	24.1	27.7	21.1	17.5	11.3	8.6	6.7	5.2
Geórgia	7.7	4.0	4.3	8.7	3.1	3.0	0.5 *	0.6	16.1	14.6	6.3 *	5.8	3.7	2.1	1.2	1.0
Gana	14.9	10.6	7.2	6.1	9.9	6.0	6.2	6.8	30.6	27.9	22.8	17.5	9.9	8.0	6.3	4.6
Guatemala	22.2	17.8	17.0	16.8	3.7	2.0 *	1.7 *	1.4 *	51.0	50.9 *	45.8 *	39.5 *	5.2	4.1	3.2	2.5
Guiné	—	—	—	—	10.3	11.0	7.6	9.2	46.9	39.3	32.8	30.3	16.4	13.1	11.3	9.9
Guiné-Bissau	—	—	—	—	11.8	7.7 *	6.2	6.5	33.8	31.7 *	26.4	27.9	17.3	13.7	10.3	7.8
Guiana	6.5	7.1	5.9	5.2	12.1	8.3	6.4	6.5	13.9	17.9	11.3	9.1	4.6	4.0	3.6	2.9
Haiti	53.2	54.2	47.7	46.8	5.5	10.2	5.1	3.7	28.8	29.6	22.0	21.9	10.4	8.7	7.6	6.3
Honduras	21.9	21.8	13.4	13.5	1.3	1.4	1.4	1.0 *	35.5	29.8	22.6	21.1 *	3.7	2.8	2.2	1.7
Índia	18.4	19.6	15.0	15.3	17.1	20.0	15.1	17.3	54.2	47.8	38.7	34.7	9.2	7.1	5.2	3.4
Indonésia	19.2	19.0	9.4	6.5	5.5	14.8	13.5	10.2	42.4	40.1	36.4	30.8	5.2	4.0	3.1	2.4
Irão (República Islâmica do)	4.8	5.5	6.2	5.5	6.1	4.8	4.0	3.9 *	20.4	7.1	6.8	7.9 *	3.4	2.4	1.8	1.4
Iraque	22.4	25.1	37.1	37.5	6.6	5.8	6.5	3.0	28.1	27.5	22.1	12.6	4.4	3.9	3.3	2.6
Jamaica	7.4	7.7	10.1	7.7	3.0	3.7	3.0	3.3	7.2	7.5	6.8	9.3	2.2	2.0	1.7	1.4
Jordânia	9.7	5.7	8.5	9.5	2.5	2.2 *	2.4	1.8 *	11.7	9.6 *	7.8	7.5 *	2.7	2.3	1.9	1.6
Cazaquistão	6.5	6.3	2.8	<2.5	2.5	4.9	4.1	4.2 *	13.2	17.5	13.1	9.1 *	4.2	2.9	1.6	1.0
Quênia	32.2	26.1	24.9	24.8	7.4	6.9	6.3	4.8 *	40.8	40.3	26.3	25.0 *	9.9	7.2	5.5	4.3
Coreia (RPD)	35.7	36.1	42.7	42.4	12.2	8.5	4.0	2.5	51.0	43.1	27.9	19.1	6.0	3.2	2.6	1.7
Kuwait	2.6	<2.5	<2.5	<2.5	2.2	2.8	2.4	2.5	4.0	4.6	4.3	6.4	1.2	1.1	1.0	0.8
Quirguistão	15.1	9.7	8.1	7.2	3.3 *	3.4	2.8	2.0	22.9 *	18.1	17.9	11.8	5.0	3.8	2.6	1.8
Laos RPD	31.2	20.6	14.5	5.3	17.5	7.4	5.9	9.0	47.5	47.7	44.2	33.1	10.6	8.2	6.2	4.6
Letônia	4.6	<2.5	<2.5	<2.5	1.9 *	1.6 *	1.6 *	1.6 *	4.9 *	3.4 *	3.3 *	3.1 *	1.4	1.0	0.7	0.4

DADOS SUBJACENTES AO CÁLCULO DAS PONTUAÇÕES DO ÍNDICE GLOBAL DA FOME DE 2000, 2006, 2012, E 2021

País	Proporção de subalimentados na população (%)				Prevalência de emaciação em crianças com menos de cinco anos (%)				Prevalência de raquitismo em crianças com menos de cinco anos (%)				Taxa de mortalidade de menores de cinco anos (%)			
	'00-'02	'05-'07	'11-'13	'18-'20	'98-'02	'04-'08	'10-'14	'16-'20	'98-'02	'04-'08	'10-'14	'16-'20	2000	2006	2012	2019
Líbano	7.8	10.5	14.9	9.3	4.8 *	6.6	4.1 *	3.8 *	15.9 *	16.5	12.4 *	13.0 *	2.0	1.3	0.9	0.7
Lesoto	20.0	12.8	11.8	23.5	6.6 *	5.6	3.3	2.1	43.4 *	43.3	36.4	34.6	10.7	11.4	9.6	8.6
Libéria	36.6	35.3	36.3	38.9	7.4	7.9	5.6	3.4	45.3	39.6	32.1	29.8	18.8	12.1	9.6	8.5
Líbia	—	—	—	—	9.4 *	6.5	10.2	8.2 *	34.2 *	21.0	38.1	29.4 *	2.8	2.2	1.5	1.2
Lituânia	<2.5	<2.5	<2.5	<2.5	2.1 *	1.8 *	1.6 *	1.5 *	5.1 *	3.7 *	3.2 *	2.7 *	1.1	0.9	0.5	0.4
Madagáscar	33.8	31.0	29.7	43.2	9.8 *	15.1	7.5	6.4	54.8 *	52.7	48.9	41.6	10.7	8.1	6.4	5.1
Malawi	23.6	20.8	15.9	17.3	6.8	4.2	3.9	0.6	54.7	53.1	44.8	40.9	17.3	10.4	7.1	4.2
Malásia	2.5	3.4	2.8	3.2	15.3	13.2	10.8 *	9.7	20.7	17.5	18.8 *	21.8	1.0	0.8	0.8	0.9
Maldivas	—	—	—	—	13.4	11.9 *	10.7 *	9.1	31.9	22.1 *	16.8 *	15.3	3.9	1.9	1.2	0.8
Mali	16.2	11.9	4.7	10.4	12.6	15.4	8.8	9.3	42.5	37.6	26.8	26.4	18.7	15.1	12.1	9.4
Mauritânia	8.3	8.8	7.0	9.1	15.3	13.6	11.7	11.5	38.6	31.5	23.2	22.8	11.3	10.7	9.1	7.3
Maurícias	5.7	5.0	5.6	6.2	14.3 *	13.8 *	11.9 *	10.3 *	12.8 *	11.9 *	10.9 *	10.0 *	1.9	1.5	1.5	1.6
México	3.3	4.1	4.8	7.2	2.0	2.0	1.6	1.4	21.4	15.5	13.6	14.1	2.8	2.2	1.8	1.4
Moldávia (República da)	—	—	—	—	4.2 *	5.8	1.9	2.7 *	13.3 *	10.7	6.4	5.4 *	3.1	1.9	1.6	1.4
Mongólia	31.1	27.4	17.3	4.3	7.1	2.7	1.0	0.9	29.8	27.5	10.8	9.4	6.5	4.1	2.6	1.6
Montenegro	—	3.1	<2.5	<2.5	—	4.2	2.8	2.2	—	7.9	9.4	7.2	—	1.0	0.5	0.2
Marrocos	6.3	5.6	4.9	4.2	4.1 *	10.8	2.3	2.6	24.8 *	23.1	14.9	15.1	4.9	3.8	2.9	2.1
Moçambique	36.5	32.4	21.0	31.2	8.1	4.2	6.1	4.1 *	50.7	43.5	42.9	37.6 *	17.0	12.6	9.6	7.4
Myanmar	37.6	24.8	11.2	7.6	10.7	8.9 *	7.9	6.7	40.8	38.9 *	35.1	26.7	8.9	7.4	5.8	4.5
Namíbia	13.5	20.1	29.6	19.8	10.0	7.6	7.1	6.7 *	29.3	29.2	22.7	17.7 *	7.5	6.6	5.2	4.2
Nepal	23.5	15.9	8.1	4.8	11.3	12.7	11.2	12.0	57.1	49.2	40.1	31.5	8.1	5.8	4.2	3.1
Nicarágua	27.5	22.2	17.8	19.3	2.3	0.9	2.2	1.1 *	25.1	20.9	17.3	15.6 *	3.8	2.8	2.2	1.7
Níger	—	—	—	—	16.2	12.1	15.8	9.8	53.5	52.9	41.7	47.1	22.5	16.0	10.8	8.0
Nigéria	8.9	6.7	8.8	14.6	12.6 *	9.8 *	10.2	6.5	47.8 *	41.6 *	35.8	31.5	18.3	15.1	13.2	11.7
Macedónia do Norte	7.5	4.4	3.7	2.7	1.7	3.4	1.8	3.4	8.0	11.3	4.9	4.3	1.6	1.3	1.0	0.6
Omã	12.3	9.6	7.3	8.2	7.8	9.3 *	7.5	9.3	15.8	14.7 *	14.1	11.4	1.6	1.2	1.1	1.1
Paquistão	21.1	16.4	15.9	12.9	14.1	12.6 *	12.7	7.1	41.4	43.2 *	44.3	37.6	10.7	9.4	8.3	6.7
Panamá	24.5	18.5	9.1	7.5	1.5 *	1.2	1.2 *	1.0 *	21.9 *	19.0	15.9 *	15.8	2.6	2.2	1.9	1.5
Papua Nova Guiné	26.3	27.3	21.3	24.6	8.1 *	4.4	14.1	6.8 *	47.9 *	43.9	49.5	39.7 *	7.1	6.3	5.5	4.5
Paraguai	10.5	9.7	7.7	9.2	1.6	1.1	2.6	1.0	13.6 *	17.5	10.7	5.6	3.4	2.9	2.4	1.9
Peru	21.5	15.7	6.7	8.7	1.1	1.0	0.6	0.4	31.3	29.2	18.4	12.2	3.8	2.5	1.8	1.3
Filipinas	18.7	14.0	13.7	9.4	8.0	6.6	7.0	5.6	38.3	32.0	33.4	30.3	3.8	3.4	3.1	2.7
Catar	—	—	—	—	5.1 *	4.1 *	3.6 *	3.7 *	2.1 *	1.5 *	1.2 *	1.9 *	1.2	1.0	0.9	0.7
Roménia	<2.5	<2.5	<2.5	<2.5	4.3	2.9 *	2.9 *	2.9 *	12.8	10.5 *	9.5 *	8.2 *	2.1	1.7	1.1	0.7
Federação Russa	4.0	<2.5	<2.5	<2.5	4.6 *	3.8 *	3.8 *	4.1 *	17.0 *	13.0 *	12.1 *	12.5 *	1.9	1.3	1.0	0.6
Ruanda	38.5	33.7	34.3	35.2	8.7	4.9	2.4	1.1	47.9	51.4	43.8	33.1	17.9	9.8	5.2	3.4
Árabe Saudita	4.9	4.5	5.4	3.9	7.7 *	11.8	5.8 *	5.3 *	10.9 *	9.3	7.3 *	6.4 *	2.2	1.5	1.0	0.7
Senegal	24.0	15.5	12.0	7.5	10.0	8.7	8.7	8.1	26.0	19.9	15.5	18.3	12.9	8.5	6.0	4.5
Sérvia	—	<2.5	2.7	3.9	—	4.5	3.7	2.6	—	8.1	6.3	5.4	—	0.8	0.7	0.5
Serra Leoa	50.7	43.7	24.3	26.2	11.6	10.2	6.0	5.4	35.5	45.0	30.9	29.5	22.8	19.0	14.6	10.9
Eslováquia	6.1	5.6	3.4	4.0	2.1 *	2.0 *	1.8 *	1.8 *	5.8 *	4.6 *	4.0 *	3.8 *	1.0	0.8	0.7	0.6
Ilhas Salomão	13.3	12.8	17.1	16.5	6.2 *	4.3	6.0 *	5.7 *	34.2 *	32.8	31.3 *	28.9 *	3.0	2.8	2.4	2.0
Somália	57.9	58.2	79.7	59.5	19.3	13.3	16.2 *	13.1 *	29.2	42.0	37.4 *	31.9 *	17.1	17.1	14.7	11.7
África do Sul	3.9	3.5	4.0	6.5	4.5	4.8	3.4 *	3.4	30.1	24.9	22.2 *	21.4	7.1	7.9	4.1	3.4
Sudão do Sul	—	—	—	—	—	—	22.7	—	—	—	31.3	—	—	—	9.8	9.6
Sri Lanka	16.9	14.1	10.3	6.8	15.9	15.2	21.3	15.1	18.3	18.1	14.6	17.3	1.7	1.4	1.1	0.7
Sudão	21.5	17.6	13.4	12.3	—	—	15.8	12.6 *	—	—	36.2	31.4 *	—	—	7.2	5.8
Suriname	11.8	8.8	8.2	8.7	7.0	4.9	5.0	5.5	14.1	10.6	8.8	8.3	3.1	2.6	2.2	1.8
República Árabe da Síria	—	—	—	—	4.9	10.3	11.5	—	24.3	28.7	27.9	—	2.3	1.9	2.2	2.2
Taijiquistão	—	—	—	—	9.4	7.8	9.9	5.6	42.1	36.2	26.9	17.5	8.4	5.2	4.1	3.4
Tanzânia (Rep. Unida da)	33.0	30.2	27.2	25.1	5.6	3.5	5.3	3.5	48.3	44.4	36.2	31.8	12.9	8.9	6.5	5.0
Tailândia	17.3	10.6	8.8	8.2	7.3 *	4.7	6.7	7.7	21.6 *	15.7	16.4	13.4	2.2	1.6	1.2	0.9
Timor-Leste	41.5	31.9	31.0	22.6	13.7	21.3	9.9	11.5 *	55.7	57.2	51.7	52.2 *	—	7.7	5.7	4.4
Togo	31.3	27.2	19.5	20.4	12.4	15.5	5.5	5.7	33.2	29.9	26.2	23.8	11.8	9.9	8.3	6.7
Trinidad e Tobago	10.0	10.5	7.2	6.7	5.2	5.4 *	6.4	5.3 *	5.3	6.2 *	9.2	6.0 *	2.8	2.6	2.2	1.8
Tunísia	4.4	4.3	3.1	3.0	2.9	3.4	2.8	2.1	16.8	9.0	10.1	8.4	3.0	2.1	1.8	1.7
Turquia	<2.5	<2.5	<2.5	<2.5	3.0	1.0	1.9	1.7	18.8	13.9	10.0	6.0	3.9	2.5	1.6	1.0
Turquemenistão	6.8	4.0	5.0	4.1	7.1	7.2	5.1 *	4.1	28.1	18.9	12.6 *	7.2	7.0	4.9	4.2	4.2
Uganda	—	—	—	—	5.0	6.2	4.2	3.5	44.9	38.4	33.7	28.9	14.6	10.0	6.8	4.6
Ucrânia	3.0	<2.5	<2.5	<2.5	8.2	2.2 *	2.3 *	2.2 *	22.9	17.2 *	16.5 *	16.5 *	1.8	1.4	1.1	0.8
Uruguai	3.6	3.7	<2.5	<2.5	2.3	2.5	1.3	1.4	12.8	10.8	10.7	6.9	1.7	1.3	1.0	0.7
Uzbequistão	17.9	12.6	<2.5	<2.5	9.0	4.4	4.1 *	1.8	24.9	19.6	15.6 *	10.8	6.2	4.4	2.9	1.7
Venezuela (Rep. Boliv. da)	14.9	7.0	3.2	27.4	3.9	4.8	3.4 *	5.2 *	17.4	16.2	10.7 *	23.7 *	2.2	1.8	1.7	2.4
Vietname	19.7	15.3	9.3	6.7	9.0	9.1	6.7	5.8	42.9	33.8	26.7	23.8	3.0	2.4	2.2	2.0
Iémen	26.7	26.6	33.3	45.4	15.2 *	13.8	14.8	15.1 *	52.0 *	57.0	46.5	51.4 *	9.5	6.8	5.5	5.8
Zâmbia	—	—	—	—	5.0	5.6	6.2	4.2	59.2	45.8	40.0	34.6	15.2	9.9	7.5	6.2
Zimbabué	—	—	—	—	8.3	7.2	3.2	2.9	33.8	35.3	32.2	23.5	9.3	9.4	7.4	5.5

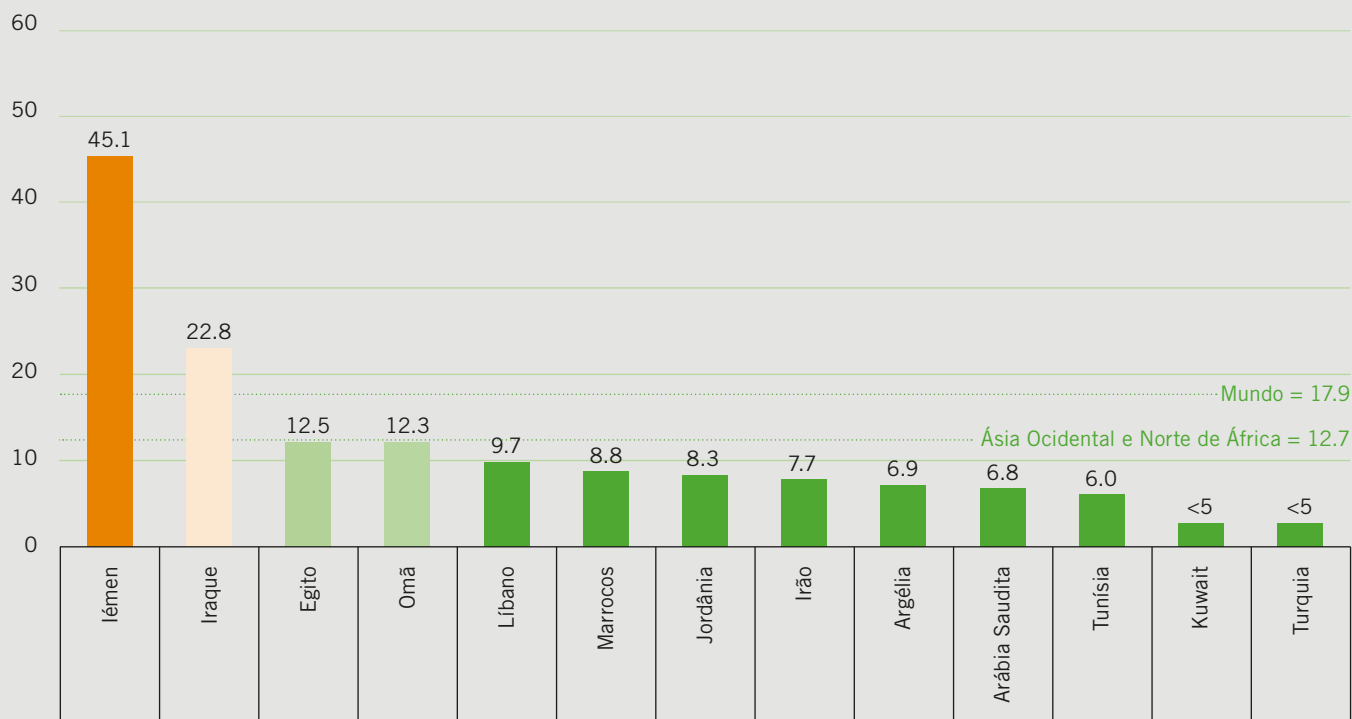
Nota: As cores apresentadas na tabela representam as seguintes categorias: ■ = Muito baixa ■ = Baixa ■ = Média ■ = Alta ■ = Muito alta. Para mais informações, ver página 57.
 — = Dados não disponíveis ou não apresentados. Alguns países não existem com as suas fronteiras atuais no ano ou período de referência em questão. *Estimativas do IGF.

PONTUAÇÕES DO ÍNDICE GLOBAL DA FOME DE 2000, 2006, 2012, E 2021, E VARIAÇÃO DESDE 2000

País	com dados	2000	2006	2012	2021	Alteração absoluta desde 2000	Alteração % desde 2000	País	com dados	2000	2006	2012	2021	Alteração absoluta desde 2000	Alteração % desde 2000
		'98-'02	'04-'08	'10-'14	'16-'20					'98-'02	'04-'08	'10-'14	'16-'20		
Afeganistão		50.9	42.7	34.3	28.3	-22.6	-44.4	Líbano		11.6	13.2	12.3	9.7	-1.9	-16.4
Albânia		20.7	15.9	8.8	6.2	-14.5	-70.0	Lesoto		32.5	29.6	24.6	27.4	-5.1	-15.7
Argélia		14.5	11.7	8.9	6.9	-7.6	-52.4	Libéria		48.1	40.0	35.0	33.3	-14.8	-30.8
Angola		65.0	46.9	27.8	26.0	-39.0	-60.0	Líbia		—	—	—	—	—	—
Argentina		6.4	5.6	5.2	5.3	-1.1	-17.2	Lituânia		<5	<5	<5	<5	—	—
Arménia		19.3	13.3	10.4	7.2	-12.1	-62.7	Madagáscar		42.8	41.6	34.3	36.3	-6.5	-15.2
Azerbaijão		25.0	15.9	10.6	7.5	-17.5	-70.0	Malawi		43.1	33.5	26.2	21.3	-21.8	-50.6
Bahrein		—	—	—	—	—	—	Malásia		15.4	13.7	12.4	12.8	-2.6	-16.9
Bangladesh		34.0	28.9	28.6	19.1	-14.9	-43.8	Maldivas		—	—	—	—	—	—
Bielorrússia		<5	<5	<5	<5	—	—	Mali		41.7	36.8	24.8	24.7	-17.0	-40.8
Benim		34.0	27.7	24.0	22.2	-11.8	-34.7	Mauritânia		31.9	28.9	23.6	22.6	-9.3	-29.2
Butão		—	—	—	—	—	—	Maurícias		15.2	14.0	13.0	12.2	-3.0	-19.7
Bolívia (Estado Plurinac. da)		27.7	23.3	15.6	12.7	-15.0	-54.2	México		10.2	8.6	7.8	8.5	-1.7	-16.7
Bósnia e Herzegovina		9.3	6.7	<5	<5	—	—	Moldávia (Rep. da)		—	—	—	—	—	—
Botswana		26.7	26.2	24.3	23.2	-3.5	-13.1	Mongólia		30.2	23.4	12.8	6.1	-24.1	-79.8
Brasil		11.5	7.4	5.5	<5	—	—	Montenegro		—	6.5	<5	<5	—	—
Bulgária		8.6	8.1	7.8	6.1	-2.5	-29.1	Marrocos		15.5	17.5	9.6	8.8	-6.7	-43.2
Burkina Faso		44.9	35.8	29.7	24.5	-20.4	-45.4	Moçambique		48.0	38.2	31.5	31.3	-16.7	-34.8
Burundi		—	—	—	—	—	—	Myanmar		39.8	31.6	22.9	17.5	-22.3	-56.0
Cabo Verde		15.4	11.9	12.3	10.8	-4.6	-29.9	Namíbia		25.3	25.8	26.6	20.2	-5.1	-20.2
Cambodja		41.1	27.1	24.2	17.0	-24.1	-58.6	Nepal		37.4	30.9	23.1	19.1	-18.3	-48.9
Camarões		35.7	30.9	23.1	18.6	-17.1	-47.9	Nicarágua		22.3	17.4	14.9	14.0	-8.3	-37.2
República Centro-Africana		48.9	48.0	40.5	43.0	-5.9	-12.1	Níger		—	—	—	—	—	—
Chade		50.8	51.2	45.7	39.6	-11.2	-22.0	Nigéria		39.5	32.5	30.4	28.3	-11.2	-28.4
Chile		<5	<5	<5	<5	—	—	Macedónia do Norte		7.5	7.7	<5	<5	—	—
China		13.3	9.0	<5	<5	—	—	Omã		14.7	13.8	11.6	12.3	-2.4	-16.3
Colômbia		10.9	11.4	9.3	8.9	-2.0	-18.3	Paquistão		36.7	33.1	32.1	24.7	-12.0	-32.7
Comores		—	—	—	—	—	—	Panamá		18.7	15.0	10.1	8.9	-9.8	-52.4
Congo (República do)		34.9	34.6	28.5	30.3	-4.6	-13.2	Papua Nova Guiné		33.6	30.3	33.7	27.8	-5.8	-17.3
Costa Rica		7.0	5.5	<5	5.3	-1.7	-24.3	Paraguai		11.7	11.6	9.5	7.5	-4.2	-35.9
Costa do Marfim		33.3	37.1	30.0	22.3	-11.0	-33.0	Peru		20.6	16.4	9.2	8.0	-12.6	-61.2
Croácia		<5	<5	<5	<5	—	—	Filipinas		25.0	20.4	20.5	16.8	-8.2	-32.8
Cuba		<5	<5	<5	<5	—	—	Catar		—	—	—	—	—	—
Rep. Dem. do Congo		50.6	45.3	42.3	39.0	-11.6	-22.9	Roménia		7.9	5.9	5.0	<5	—	—
Djibuti		44.3	36.9	35.4	27.4	-16.9	-38.1	Federação Russa		10.1	7.1	6.4	6.2	-3.9	-38.6
República Dominicana		15.1	13.2	10.2	8.0	-7.1	-47.0	Ruanda		49.3	38.3	31.0	26.4	-22.9	-46.5
Equador		19.7	18.9	12.8	14.0	-5.7	-28.9	Arábia Saudita		11.0	12.1	8.2	6.8	-4.2	-38.2
Egito		16.3	14.4	15.2	12.5	-3.8	-23.3	Senegal		34.0	24.1	19.2	16.3	-17.7	-52.1
El Salvador		14.7	12.0	10.4	8.9	-5.8	-39.5	Sérvia		—	6.1	5.3	<5	—	—
Guiné Equatorial		—	—	—	—	—	—	Serra Leoa		57.7	52.7	34.7	31.3	-26.4	-45.8
Eritreia		—	—	—	—	—	—	Eslováquia		6.0	5.3	<5	<5	—	—
Estónia		<5	<5	<5	<5	—	—	Ilhas Salomão		20.0	18.2	20.2	18.8	-1.2	-6.0
Eswatini		24.5	23.2	21.8	17.0	-7.5	-30.6	Somália		58.1	57.9	65.1	50.8	-7.3	-12.6
Etiópia		53.5	43.4	33.5	24.1	-29.4	-55.0	África do Sul		18.1	17.6	12.7	12.9	-5.2	-28.7
Fiji		9.6	9.0	8.1	8.6	-1.0	-10.4	Sudão do Sul		—	—	—	—	—	—
Gabão		21.0	20.2	18.6	16.6	-4.4	-21.0	Sri Lanka		21.9	20.0	20.6	16.0	-5.9	-26.9
Gâmbia		29.0	27.5	22.1	17.6	-11.4	-39.3	Sudão		—	—	29.8	25.1	—	—
Geórgia		12.3	8.8	<5	6.3	-6.0	-48.8	Suriname		15.1	11.4	10.4	10.4	-4.7	-31.1
Gana		28.4	22.0	17.9	14.9	-13.5	-47.5	República Árabe da Síria		—	—	—	—	—	—
Guatemala		28.4	24.6	22.0	19.6	-8.8	-31.0	Tajiquistão		—	—	—	—	—	—
Guiné		—	—	—	—	—	—	Tanzânia (Rep. Unida da)		40.6	33.6	29.1	24.7	-15.9	-39.2
Guiné-Bissau		—	—	—	—	—	—	Tailândia		18.5	12.3	12.4	11.7	-6.8	-36.8
Guiana		17.1	15.6	12.1	10.7	-6.4	-37.4	Timor-Leste		—	46.1	36.2	32.4	—	—
Haiti		42.0	43.6	35.2	32.8	-9.2	-21.9	Togo		39.1	36.5	25.3	23.7	-15.4	-39.4
Honduras		21.8	19.6	13.8	12.8	-9.0	-41.3	Trinidad e Tobago		11.0	11.3	10.8	8.9	-2.1	-19.1
Índia		38.8	37.4	28.8	27.5	-11.3	-29.1	Tunísia		10.3	7.8	7.0	6.0	-4.3	-41.7
Indonésia		26.1	29.5	23.0	18.0	-8.1	-31.0	Turquia		10.2	6.5	5.0	<5	—	—
Irão (República Islâmica do)		13.5	8.9	8.1	7.7	-5.8	-43.0	Turquemenistão		20.1	14.8	11.9	9.7	-10.4	-51.7
Iraque		23.9	23.9	27.5	22.8	-1.1	-4.6	Uganda		—	—	—	—	—	—
Jamaica		8.6	9.0	9.1	8.6	0.0	0.0	Ucrânia		13.0	7.1	6.9	6.8	-6.2	-47.7
Jordânia		10.8	8.1	8.5	8.3	-2.5	-23.1	Uruguai		7.4	6.7	5.0	<5	—	—
Cazaquistão		11.2	12.3	8.1	6.4	-4.8	-42.9	Uzbequistão		24.3	16.6	9.5	5.9	-18.4	-75.7
Quênia		36.7	31.2	25.4	23.0	-13.7	-37.3	Venezuela (Rep. Boliv. da)		14.6	11.2	7.4	22.2	7.6	52.1
Coreia (RPD)		39.5	33.1	29.1	25.2	-14.3	-36.2	Vietname		26.3	21.8	16.0	13.6	-12.7	-48.3
Kuwait		<5	<5	<5	<5	—	—	Iémen		41.0	38.8	38.4	45.1	4.1	10.0
Quirguistão		18.3	13.9	11.7	8.6	-9.7	-53.0	Zâmbia		—	—	—	—	—	—
Laos RPD		44.1	31.9	25.7	19.5	-24.6	-55.8	Zimbabué		—	—	—	—	—	—
Letónia		5.5	<5	<5	<5	—	—								

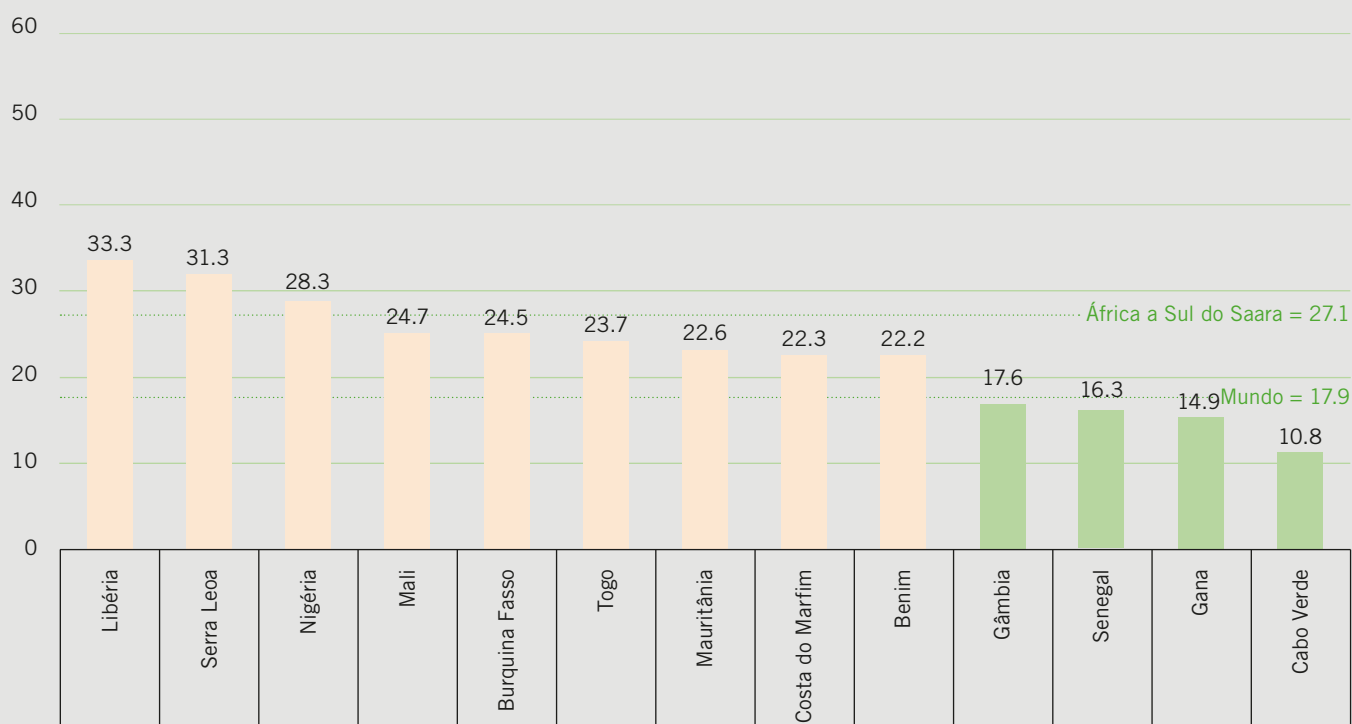
Nota: - = Os dados não estão disponíveis ou não são apresentados. Ver Caixa 1.4 para designações provisórias da gravidade da fome para alguns países com dados incompletos. Alguns países não existiam com as suas fronteiras atuais no ano ou período de referência dado. ■ = baixo ■ = moderado ■ = grave ■ = alarmante ■ = extremamente alarmante

ÁSIA OCIDENTAL E NORTE DE ÁFRICA



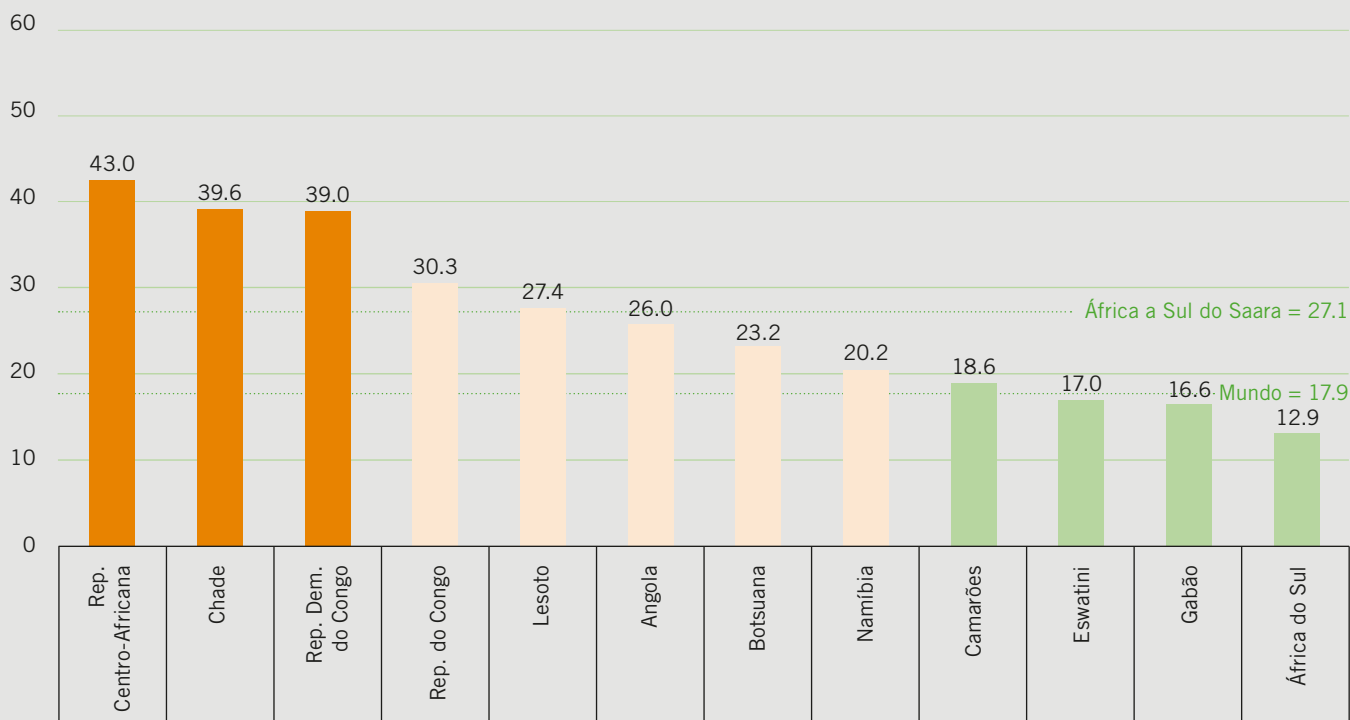
Nota: o Bahrein, a Líbia, o Qatar, e a República Árabe da Síria encontram-se na região da Ásia Ocidental e Norte de África, mas não são apresentados, devido à insuficiência de dados para o cálculo das pontuações do IGF. Os dados e os valores dos indicadores provisórios existentes para estes países foram incluídos no cálculo das pontuações regionais e globais de IGF. Ver Caixa 1.3 sobre designações provisórias da gravidade da fome para países com dados incompletos. Os países com pontuação do IGF inferior a 5 são apresentados por ordem alfabética.

ÁFRICA OCCIDENTAL



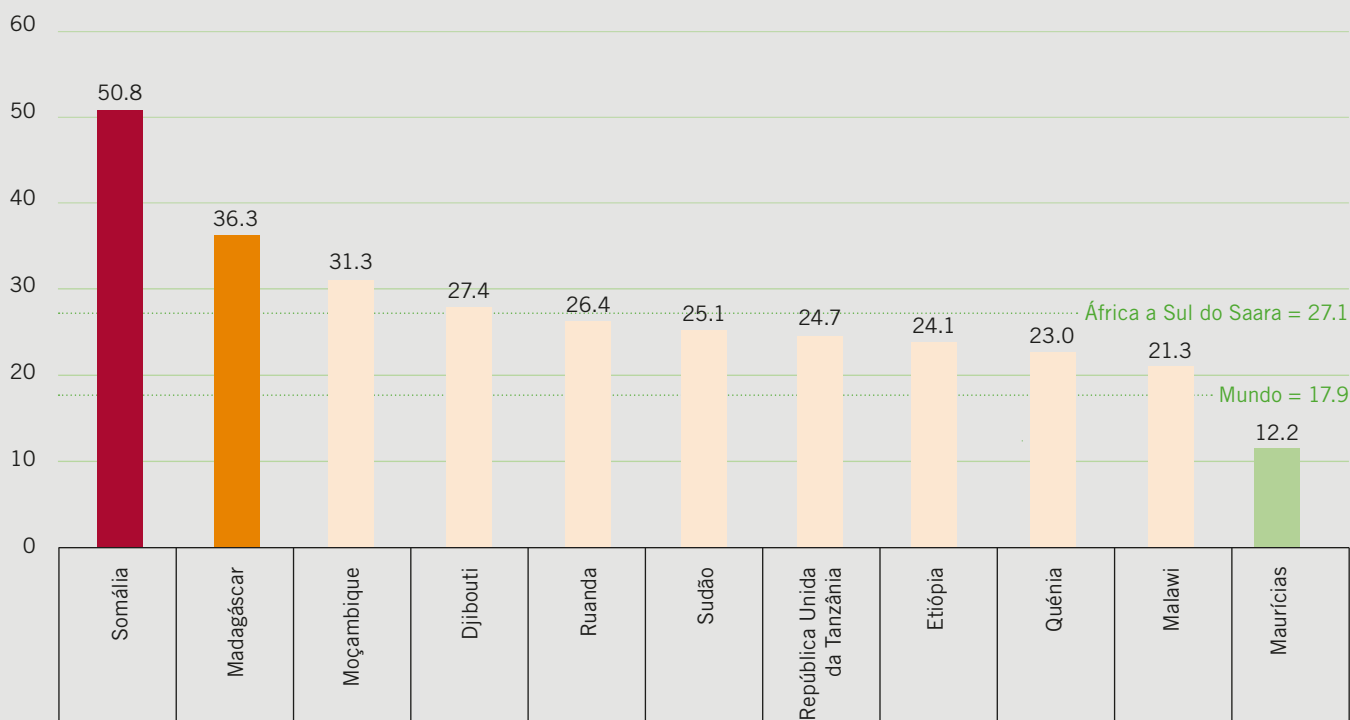
Nota: A Guiné, a Guiné-Bissau e o Níger estão na sub-região da África Ocidental, mas não são apresentados, devido à insuficiência de dados para o cálculo das pontuações do IGF. Dados e valores de indicadores provisórios existentes para estes países foram incluídos no cálculo das pontuações regionais e globais do IGF. Ver Caixa 1.3 sobre designações provisórias da gravidade da fome para países com dados incompletos.

ÁFRICA CENTRAL E AUSTRAL



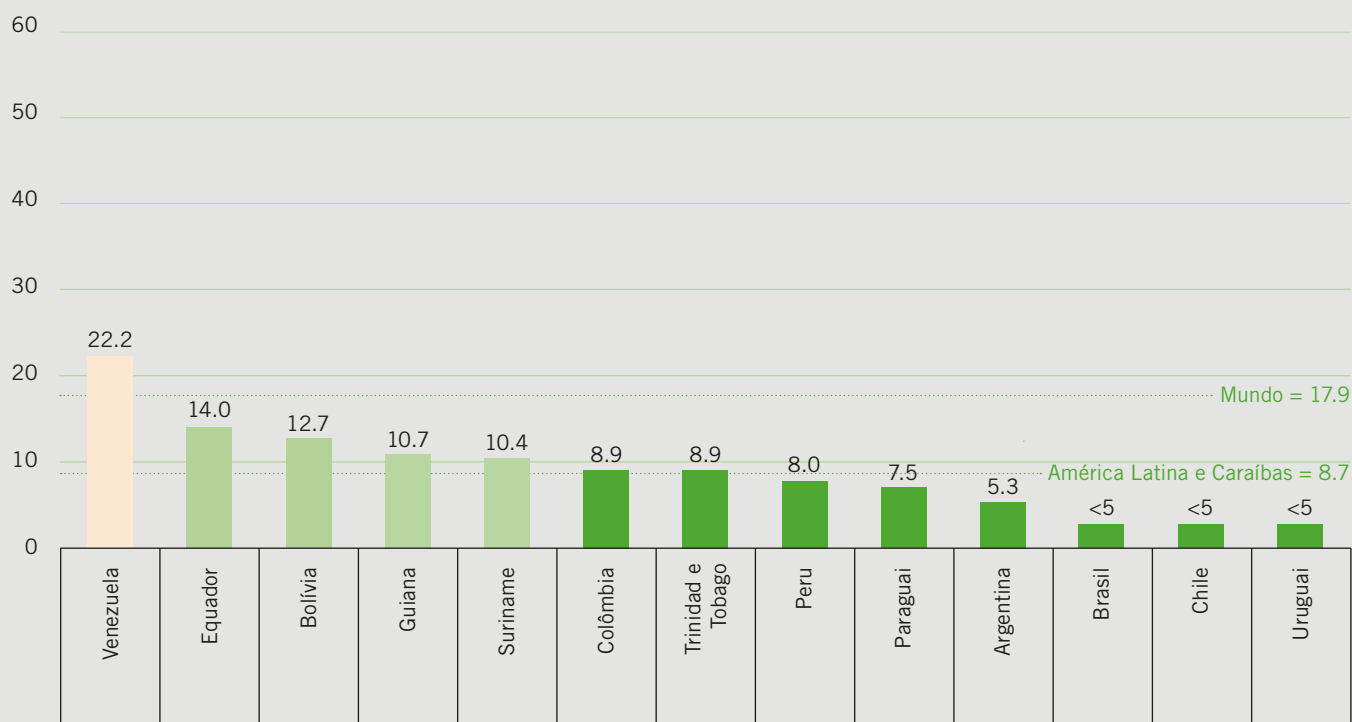
Nota: A Guiné Equatorial encontra-se na sub-região da África Central, mas não é apresentada, devido à insuficiência de dados para o cálculo das pontuações do IGF. Os dados e valores dos indicadores provisórios existentes para estes países foram incluídos no cálculo das pontuações regionais e globais do IGF. Ver Caixa 1.3 sobre designações provisórias da gravidade da fome para países com dados incompletos.

ÁFRICA ORIENTAL



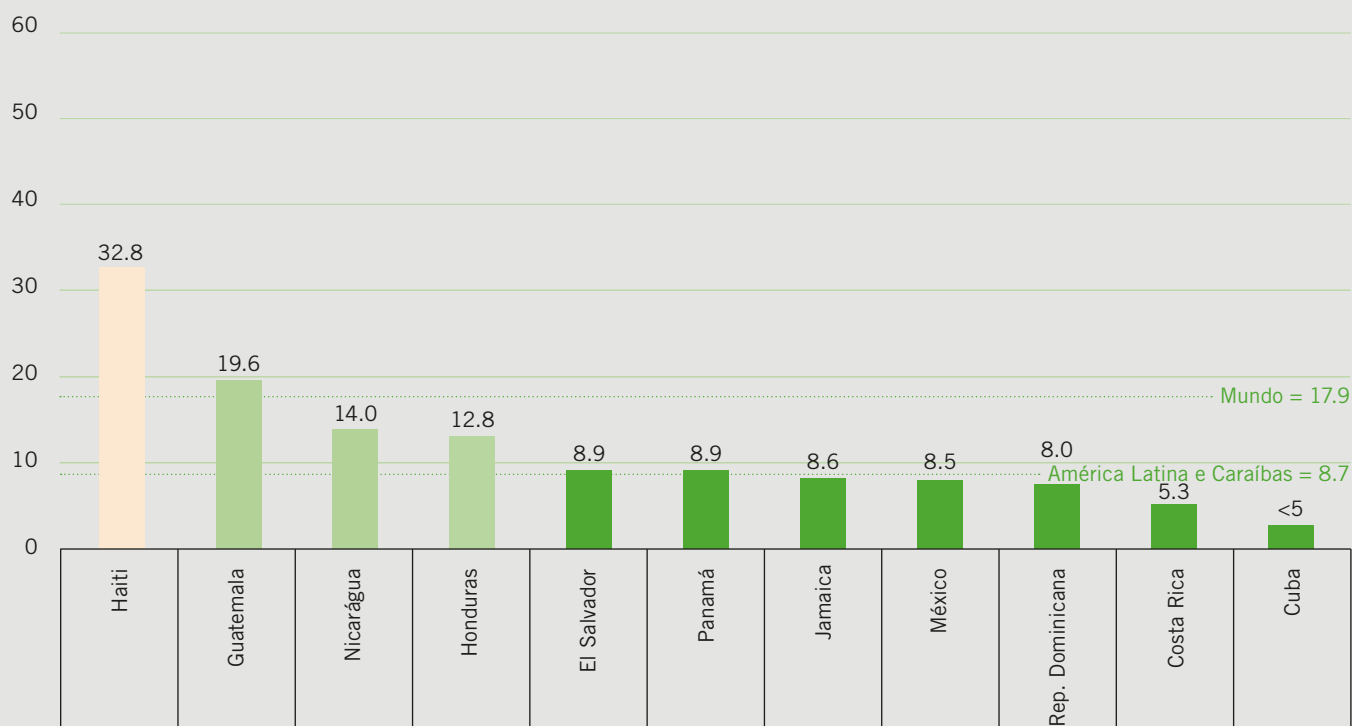
Nota: O Burundi, as Comores, a Eritreia, o Sudão do Sul, o Uganda, a Zâmbia e o Zimbabué estão na sub-região da África Oriental mas não são apresentados, devido à insuficiência de dados para o cálculo das pontuações do IGF. Os dados e valores dos indicadores provisórios existentes para estes países foram incluídos no cálculo das pontuações regionais e globais do IGF. Ver Caixa 1.3 sobre as designações provisórias da gravidade da fome para países com dados incompletos.

AMÉRICA DO SUL

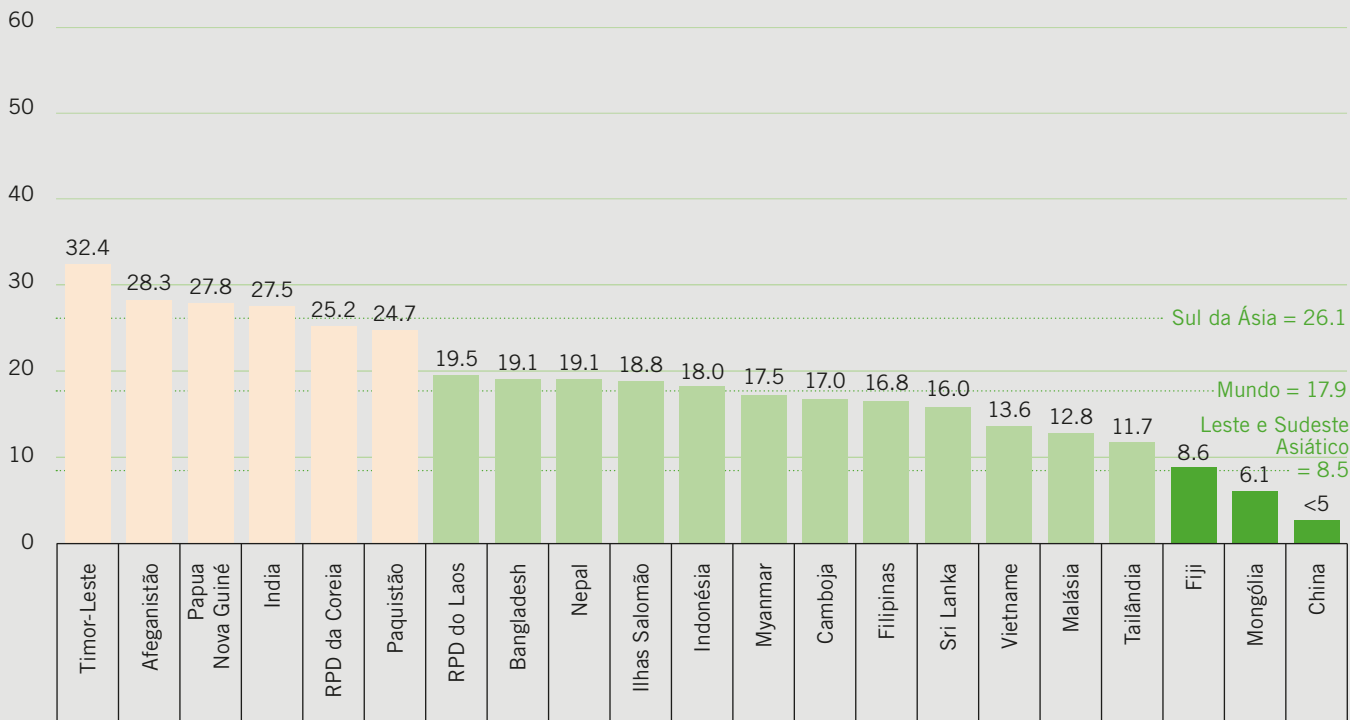


Nota: Os países com pontuações de IGF inferiores a 5 são apresentados por ordem alfabética.

AMÉRICA CENTRAL E CARAÍBAS

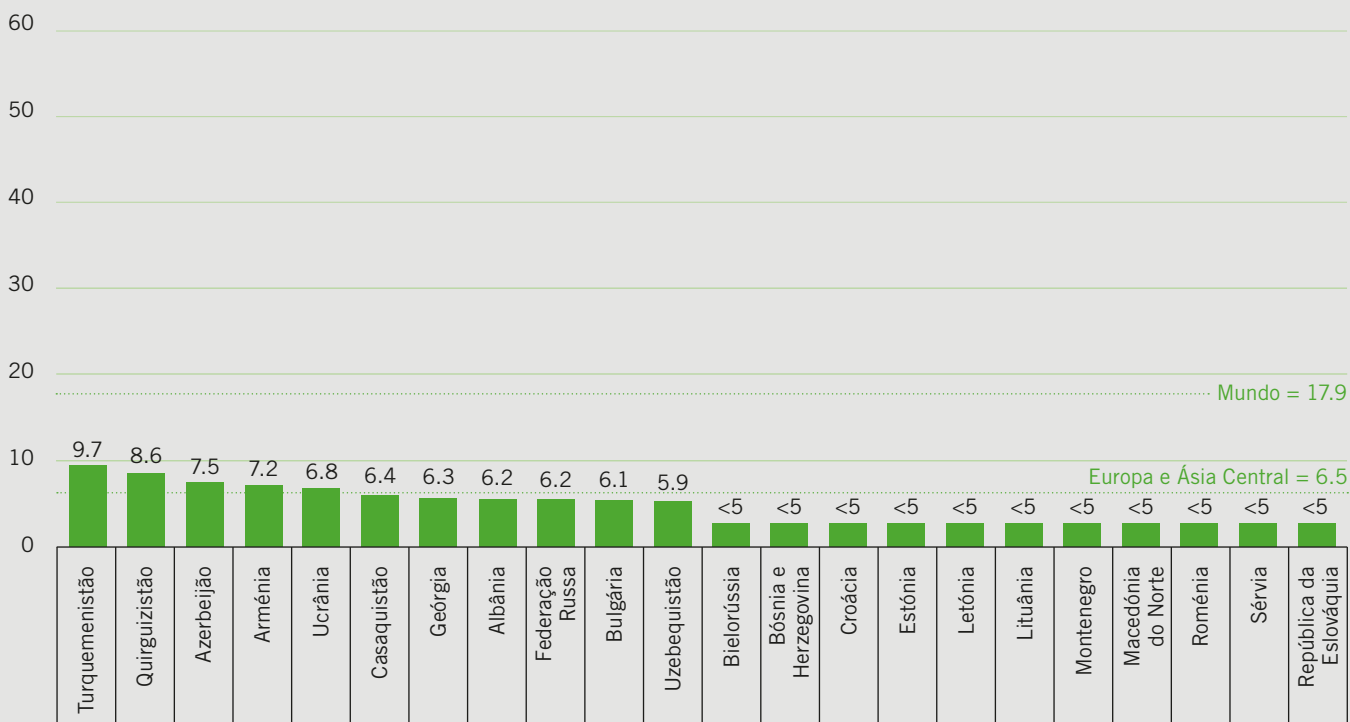


SUL, LESTE E SUDESTE ASIÁTICO



Nota: o Afeganistão, o Bangladesh, o Butão, a Índia, as Maldivas, o Nepal, o Paquistão e o Sri Lanka estão no Sul da Ásia para efeitos da Figura 1.1, enquanto que os restantes países estão no Leste e Sudeste Asiático. O Butão e as Maldivas não são apresentados, devido à insuficiência de dados para o cálculo das pontuações do IGF. Os dados e os valores dos indicadores provisórios existentes para estes países foram incluídos no cálculo das pontuações regionais e globais do IGF. Ver Caixa 1.3 sobre designações provisórias da gravidade da fome para países com dados incompletos.

EUROPA E ÁSIA CENTRAL



Nota: A República da Moldávia e o Tajiquistão encontram-se na região da Europa e Ásia Central, mas não são apresentados, devido à insuficiência de dados para o cálculo das pontuações do IGF. Dados e valores dos indicadores provisórios existentes para estes países foram incluídos no cálculo das pontuações regionais e globais do IGF. Ver Caixa 1.3 sobre designações provisórias da gravidade da fome para países com dados incompletos. Países com pontuação do IGF inferior a 5 são apresentados por ordem alfabética.

BIBLIOGRAFIA

A

ACLED (Armed Conflict Location and Event Data Project). 2021a. ACLED 2020: *The Year in Review*. acleddata.com/acleddatanew/wp-content/uploads/2021/03/ACLEDAnnualReport2020_WebMar2021_PubUpd.pdf.

-----, 2021b. Number of Reported Fatalities by Country-Year. Accessed May 11, 2021. <https://acleddata.com/curated-data-files/>.

Adelaja, A., and J. George. 2019. "Effects of Conflict on Agriculture: Evidence from the Boko Haram Insurgency." *World Development* 117 (May): 184–195.

Adjognon, G. S., J. R. Bloem, and A. Sanoh. 2021. "The Coronavirus Pandemic and Food Security: Evidence from Mali." *Food Policy* 101 (May): 102050.

Adong, A., L. Kornher, O. K. Kirui, and J. von Braun. 2021. "Conflict Exposure and Food Consumption Pathways during and after Conflict: Evidence from Northern Uganda." *World Development* 147 (2): 105636.

Akseer, N., A. Rizvi, Z. Bhatti, J. K. Das, K. Everett, A. Arur, M. Chopra, and Z. A. Bhutta. 2019. "Association of Exposure to Civil Conflict with Maternal Resilience and Maternal and Child Health and Health System Performance in Afghanistan." *JAMA Network Open* 2 (11): e1914819–e1914819.

Alliance2015. 2021. *Covid-19 and Community Resilience: A Multi-country Study*. Brussels. www.alliance2015.org/wp-content/uploads/2021/02/DEF_ENG_report_ENG_alliance_A4.pdf.

Amare, M., K. A. Abay, L. Tiberti, and J. Chamberlin. 2021. "COVID-19 and Food Security: Panel Data Evidence from Nigeria." *Food Policy* 101 (May): 102099.

Arias, M. A., A. M. Ibanez, and A. Zambrano. 2019. "Agricultural Production amid Conflict: Separating the Effects of Conflict into Shocks and Uncertainty." *World Development* 119 (1): 165–184.

B

Bene, C., D. Bakker, M. Chavarro Rodriguez, B. Even, J. Melo, and A. Sonneveld. 2021. *Impacts of COVID-19 on People's Food Security: Foundations for a More Resilient Food System*. Report prepared for the CGIAR COVID-19 Hub Working Group 4, CGIAR. ebrary.ifpri.org/utills/getfile/collection/p15738coll2/id/134298/file/134509.pdf.

Binns, C., and W. Y. Low. 2021. "The Rich Get Richer and the Poor Get Poorer: The Inequality of COVID-19." *Asia Pacific Journal of Public Health* 33 (2–3): 185–187.

Black, R. E., C. G. Victora, S. P. Walker, Z. A. Bhutta, P. Christian, M. de Onis, M. Ezzati, et al. 2013. "Maternal and Child Undernutrition and Overweight in Low-Income and Middle-Income Countries." *Lancet* 832 (9890): 427–451.

Bonis-Profumo, G., R. McLaren, and J. Fanzo. 2019. "Ravaged Landscapes and Climate Vulnerability: The Challenge in Achieving Food Security and Nutrition in Post-Conflict Timor-Leste." In D. Barling and J. Fanzo, eds., *Advances in Food Security and Sustainability*, vol. 4, 97–132. Cambridge, MA: Academic Press.

Brown, M. E., D. Backer, T. Billing, P. White, K. Grace, S. Doocy, and P. Huth. 2020. "Empirical Studies of Factors Associated with Child Malnutrition: Highlighting the Evidence about Climate and Conflict Shocks." *Food Security* 12 (16): 1241–1252.

Bruck, T., and M. d'Errico. 2019. "Food Security and Violent Conflict: Introduction to the Special Issue." *World Development* 117 (May): 167–171.

Bundervoet, T. 2010. "Assets, Activity Choices, and Civil War: Evidence from Burundi." *World Development* 38 (7): 955–965.

Burzynska, K., and G. Contreras. 2020. "Gendered Effects of School Closures during the COVID-19 Pandemic." *Lancet* 395 (10242): 1968.

C

Casale, D., and D. Posel. 2021. "Gender Inequality and the COVID-19 Crisis: Evidence from a Large National Survey during South Africa's Lockdown." *Research in Social Stratification and Mobility* 71.

CIAT (International Center for Tropical Agriculture). 2019. "Sustainable Food Systems." <https://ciat.cgiar.org/about/strategy/sustainable-food-systems/#:~:text=CIAT%20definition%20of%20sustainable%20food,and%20improving%20socio%20economic%20welfare>.

Clayton, M., A. Abdi Ibrahim, and B. Yusuf. 2019. *The 2017 Pre-Famine Response in Somalia*. London: Overseas Development Institute. cdn.odi.org/media/documents/12592.pdf. CNSA (National Coordination for Food Security of Haiti). 2021. Bulletin: Panier Alimentaire et Conditions de Sécurité Alimentaire, May. Port-au-Prince: CNSA, Ministry of Agriculture, Natural Resources, and Rural Development of Haiti (MARNDR).

CNSA (National Coordination for Food Security of Haiti). 2021. *Bulletin: Panier Alimentaire et Conditions de Sécurité Alimentaire*, May. Port-au-Prince: CNSA, Ministry of Agriculture, Natural Resources, and Rural Development of Haiti (MARNDR).

D

Day, A. 2020. *Hybrid Conflict, Hybrid Peace: How Militias and Paramilitary Groups Shape Post-Conflict Transitions*. New York: United Nations University. collections.unu.edu/eserv/UNU:7631/HybridConflictFullReport.pdf.

Delgado, C. 2019. *The World Food Programme's Contribution to Improving the Prospects for Peace in El Salvador*. Stockholm: Stockholm International Peace Research Institute.

-----, 2020. *The World Food Programme's Contribution to Improving the Prospects for Peace in Colombia*. Stockholm: Stockholm International Peace Research Institute. <https://www.sipri.org/publications/2020/other-publications/world-food-programmes-contribution-improvingprospects-peace-colombia>.

Delgado, C., S. Jang, G. Milante, and D. Smith. 2019. *The World Food Programme's Contribution to Improving the Prospects for Peace*. Stockholm: Stockholm International Peace Research Institute. <https://www.sipri.org/publications/2019/other-publications/world-food-programmescontribution-improving-prospects-peace>.

Delgado, C., K. Tschunkert, and M. Riquier. 2021. *The World Food Programme's Contribution to Improving the Prospects for Peace in Nigeria*. Stockholm: Stockholm International Peace Research Institute. Forthcoming.

Delgado, C., V. Murugani, and K. Tschunkert. 2021. *Food Systems in Conflict and Peacebuilding Settings: Pathways and Interconnections*. SIPRI Policy Paper. Stockholm: Stockholm International Peace Research Institute.

de Onis, M., E. Borghi, M. Arimond, P. Webb, T. Croft, K. Saha, et al. 2019. "Prevalence Thresholds for Wasting, Overweight and Stunting in Children under 5 Years." *Public Health Nutrition* 22 (1): 175–179.

Dunn, G. 2018. "The Impact of the Boko Haram Insurgency in Northeast Nigeria on Childhood Wasting: A Double-Difference Study." *Conflict and Health* 12 (1): 1–12.

E

Ecker, O., J. F. Maystadt, and Z. Guo. 2019. *Can Unconditional Cash Transfers Mitigate the Impact of Civil Conflict on Acute Child Malnutrition in Yemen? Evidence from the National Social Protection Monitoring Survey*. Middle East and North Africa Regional Program Working Paper 17. Washington, DC: International Food Policy Research Institute.

ECLAC (United Nations Economic Commission for Latin America and the Caribbean). 2019. *Plan de Desarrollo Integral [Integral development plan] El Salvador-Guatemala-Honduras-Mexico*. Mexico City.

F

FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations). 2015. FAO Hunger Map 2015. <http://www.fao.org/3/a-i4674e.pdf>.

----- 2020. *Strengthening the Capacity for Monitoring Food Security and Sustainable Agriculture in the Context of Sustainable Development Goals (SDGs) 2 and 12*. Bangkok: FAO Regional Office for Asia and the Pacific. www.fao.org/3/cb0801en/CB0801EN.pdf.

----- 2021. Data: Suite of Food Security Indicators. Accessed July 12, 2021. www.fao.org/faostat/en/#data/FS.

FAO, IFAD (International Fund for Agricultural Development), UNICEF (United Nations Children's Fund), WFP (World Food Programme), and WHO (World Health Organization). 2017. *The State of Food Security and Nutrition in the World 2017: Building Resilience for Peace and Food Security*. Rome: FAO. <http://www.fao.org/3/a-i7695e.pdf>.

FAO, IFAD, UNICEF, WFP, and WHO. 2021. *The State of Food Security and Nutrition in the World 2021: Transforming Food Systems for Food Security, Improved Nutrition and Affordable Healthy Diets for All*. Rome: FAO. <https://doi.org/10.4060/cb4474en>.

FAO, UNICEF, WFP, and WHO. 2021. *Asia and the Pacific Regional Overview of Food Security and Nutrition 2020: Maternal and Child Diets at the Heart of Improving Nutrition*. Bangkok: FAO. www.unicef.org/leap/media/7616/file/Asia%20and%20the%20Pacific%20Regional%20Overview%20of%20Food%20Security%20and%20Nutrition%202020.pdf.

FEWS NET (Famine Early Warning Systems Network). 2021. Acute Food Insecurity: Near Term (May 2021). Accessed July 21, 2021. [fews.net](http://www.fews.net).

FSIN (Food Security Information Network). 2019. *2019 Global Report on Food Crises: Joint Analysis for Better Decisions*. https://www.fsinplatform.org/sites/default/files/resources/files/GRFC%202019_Full%20Report.pdf.

FSIN and GNAFC (Global Network against Food Crises). 2020. *Global Report on Food Crises 2020: Joint Analysis for Better Decisions*. <https://www.fsinplatform.org/report/global-report-food-crises-2020/>.

----- 2021. *Global Report on Food Crises 2021: Joint Analysis for Better Decisions*. Rome.

H

Haddad, L., and R. Khondker. 2020. "Bangladesh Will Truly Be Seen as a Developed Country When It Vanquishes Undernutrition." February 24. www.gainhealth.org/media/news/bangladesh-will-truly-be-seen-developed-country-when-it-vanquishes-undernutrition.

Hiller, S., D. Hilhorst, and B. Weijis. 2014. *Value Chain Development in Fragile Settings*. Occasional Paper no. 14. Wageningen, Netherlands: IS Academy on Human Security in Fragile States, Wageningen University.

Holleman, C., J. Jackson, M. V. Sanchez, and R. Vos. 2017. *Sowing the Seeds of Peace for Food Security: Disentangling the Nexus between Conflict, Food Security and Peace*. FAO Agricultural Development Economics Technical Study 2. Rome: Food and Agriculture Organization of the United Nations.

I

Iacoella, F., and N. Tirivayi. 2020. "Child Nutrition during Conflict and Displacement: Evidence from Areas Affected by the Boko Haram Insurgency in Nigeria." *Public Health* 183 (June): 132–137.

IDMC (Internal Displacement Monitoring Centre). 2021. *Global Report on Internal Displacement 2021: Internal Displacement in a Changing Climate*. Geneva. www.internal-displacement.org/sites/default/files/publications/documents/grid2021_idmc.pdf#page=16?v=1.

IFAD (International Fund for Agricultural Development). 2019. *Democratic Republic of the Congo: Country Strategic Opportunities Programme, 2019–2024*. Rome. webapps.ifad.org/members/eb/127/docs/EB-2019-127-R-21-Rev-1.pdf.

IFPRI (International Food Policy Research Institute), WHH (Welthungerhilfe), and Concern Worldwide. 2007. *The Challenge of Hunger 2007: Global Hunger Index: Facts, Determinants, and Trends*. Washington, DC, Bonn, and Dublin.

IHE (Institut Haitien de l'Enfance) and ICF. 2018. *Enquête Mortalité, Morbidité et Utilisation des Services (EMMUS-VI 2016-2017)*. Petion-Ville, Haiti, and Rockville, MD.

IOM (International Organization for Migration) and WFP (World Food Programme). 2021. *Life amidst a Pandemic: Hunger, Migration and Displacement in the East and Horn of Africa*. Nairobi. <https://data2.unhcr.org/en/documents/download/87687>.

IPC (Integrated Food Security Phase Classification). 2021a. *Central African Republic: Projection Update April to August 2021*. reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/IPC_CAR_AcuteFoodInsec_2021AprilAug_ProjectionUpdate_Englishsummary.pdf.

----- 2021b. *Sudan: IPC Acute Food Insecurity Analysis: April 2021–February 2022*. http://www.ipcinfo.org/fileadmin/user_upload/ipcinfo/docs/IPC_Sudan_AcuteFoodInsecurity_2021Apr2022Feb_report.pdf.

J

Jochum, B. 2020. "Peter Maurer on the Climate Emergency, New Funding and the Decarbonisation of the ICRC." *Geneva Solutions*, October 9. <https://genesolutions.news/climate/peter-maurer-on-the-climate-emergency-funding-and-the-decarbonisation-of-the-icrc>.

K

Kadir, A., S. Shenoda, J. Goldhagen, and S. Pitterman. 2018. "The Effects of Armed Conflict on Children." *Pediatrics* 142 (6): e20182585.

Kanbur, R., P. K. Rajaram, and A. Varshney. 2010. "Ethnic Diversity and Ethnic Strife: An Interdisciplinary Perspective." *World Development* 39 (2): 147–158. doi:10.1016/j.worlddev.2009.11.034.

Kim, C., C. Alvarez, A. Sattar, A. Bandyopadhyay, C. Azzari, A. Moltedo, and B. Haile. 2021. "Production, Consumption, and Food Security in Viet Nam Diagnostic Overview." International Food Policy Research Institute and Food and Agriculture Organization of the United Nations, Washington, DC, and Rome. inddex.nutrition.tufts.edu/sites/default/files/Vietnam%20Diagnostic%20Overview%20Sept%2023%5B%5D.pdf.

Kinyoki, D. K., G. M. Moloney, O. A. Uthman, N. B. Kandala, E. O. Odundo, A. M. Noor, and J. A. Berkley. 2017. "Conflict in Somalia: Impact on Child Undernutrition." *BMJ Global Health* 2 (2): e000262.

Kuhnt, J., and S. Vollmer. 2017. "Antenatal Care Services and Its Implications for Vital and Health Outcomes of Children: Evidence from 193 Surveys in 69 Low-Income and Middle Income Countries." *BMJ Open* 7 (11): e017122.

M

Martin-Shields, C. P., and W. Stojetz. 2019. "Food Security and Conflict: Empirical Challenges and Future Opportunities for Research and Policy Making on Food Security and Conflict." *World Development* 119 (July): 150–164.

Masson-Delmotte, V., P. Zhai, A. Pirani, S. L. Connors, C. Pean, S. Berger, N. Caud, et al. 2021. *Climate Change 2021: The Physical Science Basis*. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge, UK: Cambridge University Press (in press).

Maystadt, J. F., and Ecker, O. 2014. "Extreme Weather and Civil War: Does Drought Fuel Conflict in Somalia through Livestock Price Shocks?" *American Journal of Agricultural Economics* 96 (4): 1157–1182.

Mbow, C., C. Rosenzweig, L.G. Barioni, T.G. Benton, M. Herrero, M. Krishnapillai, E. Liwenga, et al. 2019. "Food Security." In P.R. Shukla, J. Skea, E. Calvo Buendia, V. Masson-Delmotte, H.-O. Portner, D.C. Roberts, P. Zhai, eds., *Climate Change and Land: An IPCC Special Report on Climate Change, Desertification, Land Degradation, Sustainable Land Management, Food Security, and Greenhouse Gas Fluxes in Terrestrial Ecosystems*. In press.

McKeown, S., D. Cavdar, and L. K. Taylor. 2019. "Youth Identity, Peace, and Conflict: Insights from Conflict and Diverse Settings." In N. Balvin and D. J. Christie, eds., *Children and Peace*, 189–202. Cham, Switzerland: Springer.

MEASURE DHS. 2021. "Demographic and Health Surveys." Calverton, MD, USA. Accessed May 24, 2021. <http://www.dhsprogram.com>.

Messer, E., and M. J. Cohen. 2007. "Conflict, Food Insecurity, and Globalization." *Food, Culture and Society* 10 (2): 297–315.

N

Ntambara, J., and M. Chu. 2021. "The Risk to Child Nutrition during and after COVID-19 Pandemic: What to Expect and How to Respond." *Public Health Nutrition* 24 (11): 3530–3536.

O

OCHA (United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs). 2020. *Sudan: Floods Flash Update No. 6* [EN/AR]. New York. <https://reliefweb.int/report/sudan/sudan-floods-flash-update-no-6-enar>.

-----, 2021a. *Global Humanitarian Overview 2021*. Geneva.

-----, 2021b. "Under-Secretary-General for Humanitarian Affairs Mark Lowcock at the ODI Humanitarian Policy Group/Institute for Security Studies webinar, 'The Climate Crisis and Humanitarian Need: Taking Action to Support the World's Most Vulnerable Communities.'" Press release, April 29. Geneva. <https://reliefweb.int/report/world/under-secretary-general-humanitarian-affairs-mark-lowcock-odi-humanitarian-policy-group>.

-----, 2021c. *Humanitarian Response Plan: Afghanistan: 2018–2021*. Geneva. <https://www.humanitarianresponse.info/en/operations/afghanistan/document/afghanistan-humanitarian-response-plan-2018-2021-2021-revision>.

Osendarp, S., J. K. Akuoku, R. E. Black, D. Headey, M. Ruel, N. Scott, M. Shekar, et al. 2021. "The COVID-19 Crisis Will Exacerbate Maternal and Child Undernutrition and Child Mortality in Low- and Middle-Income Countries." *Nature Food* 2: 476–484.

P

Pettersson, T., and M. Oberg. 2020. "Organized Violence, 1989–2019." *Journal of Peace Research* 57 (4): 597–613.

Pielago, B. S. 2020. "Uncovering the Five Major Causes of the Food Crisis in Venezuela." *Glocality* 3 (1): art. 4, 1–8.

Policy Link. 2021. "Equitable Food Systems Resource Guide." <https://www.policylink.org/food-systems/equitable-food-systems-resource-guide#:~:text=It%20is%20a%20system%20that,appropriate%20food%3B%20and%20environmental%20sustainability>.

Prendergast, A. J. 2015. "Malnutrition and Vaccination in Developing Countries." *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences* 370 (1671): 20140141.

Pugh, M. C., N. Cooper, and J. Goodhand. 2004. *War Economies in a Regional Context: Challenges of Transformation*. New York: International Peace Academy.

R

Raiser, K., U. Kornek, C. Flachsland, and W. F. Lamb. 2020. "Is the Paris Agreement Effective? A Systematic Map of the Evidence." *Environmental Research Letters* 15 (8): 083006.

Rao, N. 2020. "The Achievement of Food and Nutrition Security in South Asia Is Deeply Gendered." *Nature Food* 1 (4): 206–209.

Rendon, M., and J. Mendales. 2018. "The Maduro Diet: Food v. Freedom in Venezuela." Center for Strategic and International Studies, July 9. <https://www.csis.org/analysis/maduro-diet-food-v-freedom-venezuela>.

Riddell, H. 2020. "Somalia Facing Potentially Devastating Three-Pronged Threat to Food Security." World Bank blogs, May 15. <https://blogs.worldbank.org/african/somalia-facing-potentially-devastating-three-pronged-threat-food-security>.

S

Salami, B., S. Iwuagwu, O. Amodu, M. Tulli, C. Ndikom, H. Gommaa, T. Lavin, and M. Kariwo. 2020. "The Health of Internally Displaced Children in Sub-Saharan Africa: A Scoping Review." *BMJ Global Health* 5 (8): e002584.

Save the Children. 2020. *Stop the War on Children: Killed and Maimed: A Generation of Violations against Children in Conflict*. London. resourcecentre.savethechildren.net/node/18486/pdf/killed_and_maimed_a_generation_of_violations_final.pdf.

Sedik, T. S., and R. Xu. 2020. "A Vicious Cycle: How Pandemics Lead to Economic Despair and Social Unrest." IMF Working Paper WP/20/216. Washington, DC: International Monetary Fund.

Semba, B. 2021. "The Young Are Key to Avoiding Old Mistakes in Central African Republic." *New Humanitarian*, May 24. www.thenewhumanitarian.org/opinion/2021/5/24/to-stop-conflict-in-central-african-republic-speak-with-youth.

SIPRI (Stockholm International Peace Research Institute). 2020. "A Conversation with UN High Commissioner for Refugees Filippo Grandi and SIPRI Director Dan Smith." August 31. <https://www.youtube.com/watch?v=JQh36jtGytA>.

Smith, D. 2018. "International Stability and Human Security in 2017." In *SIPRI Yearbook 2018: Armaments, Disarmament and International Security*. Oxford, UK: Oxford University Press.

-----, 2019. "International Stability and Human Security in 2018." In *SIPRI Yearbook 2019: Armaments, Disarmament and International Security*. Oxford, UK: Oxford University Press.

-----, 2020. "International Stability and Human Security in 2019." In *SIPRI Yearbook 2020: Armaments, Disarmament and International Security*. Oxford, UK: Oxford University Press.

-----, 2021. "International Stability and Human Security in 2020." In *SIPRI Yearbook 2021: Armaments, Disarmament and International Security*. Oxford, UK: Oxford University Press.

Strandh, V., and B. Yusrizza. 2021. "War Widows' Everyday Understandings of Peace in Aceh, Indonesia." *Journal of Peacebuilding and Development* 16 (1): 102–106.

Sulser, T. B., K. Wiebe, S. Dunston, N. Cenacchi, A. Nin-Pratt, D. Mason-D'Croz, R. Robertson, et al. 2021. *Climate Change and Hunger: Estimating Costs of Adaptation in the Agrifood System*. Food Policy Report. Washington, DC: International Food Policy Research Institute. ebrary.ifpri.org/utils/getfile/collection/p15738coll2/id/134423/filename/134634.pdf.

T

Tandon, S., and T. Vishwanath. 2020. "The Evolution of Poor Food Access over the Course of the Conflict in Yemen." *World Development* 130 (C): 104922.

U

UCDP (Uppsala Conflict Data Program). 2020. Home page. Accessed June 30, 2021. <https://www.ucdp.uu.se>.

UNDP (United Nations Development Programme). 2020. *Human Development Report 2020: The Next Frontier: Human Development and the Anthropocene*. New York. hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2020.pdf.

UNHCR (United Nations High Commissioner for Refugees). 2021. *Sudan Country Refugee Response Plan: January–December 2021*. Geneva. <https://reporting.unhcr.org/sites/default/files/Sudan%20-%20Country%20Refugee%20Response%20Plan%20-%20January-December%202021.pdf>.

UNICEF (United Nations Children's Fund). 2009. "Childinfo: Nutritional Status." Updated November 2009. Accessed June 14, 2015. <http://data.unicef.org/nutrition/malnutrition>.

-----, 2013. "Childinfo: Nutritional Status." Updated February 2013. Accessed March 26, 2014. www.childinfo.org/malnutrition_nutritional_status.php.

-----, 2021. "Childinfo: Multiple Indicator Cluster Surveys (MICS)." Accessed May 26, 2021. <https://mics.unicef.org/surveys>.

UNICEF, WHO, and World Bank. 2021a. Joint Child Malnutrition Estimates. Accessed May 24, 2021. <https://data.unicef.org/resources/dataset/malnutrition-data/>.

-----, 2021b. *Levels and Trends in Child Malnutrition: Key Findings of the 2021 Edition of the Joint Child Malnutrition Estimates*. Geneva: WHO. www.who.int/publications/i/item/9789240025257.

UN IGME (UN Inter-agency Group for Child Mortality Estimation). 2020a. "Child Mortality Estimates Info, Under-five Mortality Estimates." Accessed May 24, 2021. www.childmortality.org.

-----, 2020b. *Levels and Trends in Child Mortality: Report 2020*. New York: UNICEF. childmortality.org/reports.

-----, 2021. *Subnational Under-Five Mortality Estimates, 1990–2019: Estimates Developed by the United Nations Inter-agency Group for Child Mortality Estimation*. New York: UNICEF.

United Nations. 2020. *United Nations Common Guidance on Helping Build Resilient Societies*. New York.

V

van Roekel, E., and M. de Theije. 2020. "Hunger in the Land of Plenty: The Complex Humanitarian Crisis in Venezuela." *Anthropology Today* 36 (2): 8–12.

von Grebmer, K., H. Fritschel, B. Nestorova, T. Olofinbiyi, R. Pandya-Lorch, and Y. Yohannes. 2008. *Global Hunger Index: The Challenge of Hunger 2008*. Bonn, Washington, DC, and Dublin: Welthungerhilfe, International Food Policy Research Institute, and Concern Worldwide.

von Grebmer, K., B. Nestorova, A. Quisumbing, R. Fertziger, H. Fritschel, R. Pandya-Lorch, and Y. Yohannes. 2009. *2009 Global Hunger Index: The Challenge of Hunger: Focus on Financial Crisis and Gender Inequality*. Bonn, Washington, DC, and Dublin: Welthungerhilfe, International Food Policy Research Institute, and Concern Worldwide.

von Grebmer, K., M. T. Ruel, P. Menon, B. Nestorova, T. Olofinbiyi, H. Fritschel, Y. Yohannes et al. 2010. *2010 Global Hunger Index: The Challenge of Hunger: Focus on the Crisis of Child Undernutrition*. Bonn, Washington, DC, and Dublin: Deutsche Welthungerhilfe, International Food Policy Research Institute, and Concern Worldwide.

von Grebmer, K., M. Torero, T. Olofinbiyi, H. Fritschel, D. Wiesmann, Y. Yohannes, L. Schofield, and C. von Oppeln. 2011. *2011 Global Hunger Index: The Challenge of Hunger: Taming Price Spikes and Excessive Food Price Volatility*. Bonn, Washington, DC, and Dublin: Deutsche Welthungerhilfe, International Food Policy Research Institute, and Concern Worldwide.

von Grebmer, K., C. Ringler, M. W. Rosegrant, T. Olofinbiyi, D. Wiesmann, H. Fritschel, O. Badiane et al. 2012. *2012 Global Hunger Index: The Challenge of Hunger: Ensuring Sustainable Food Security under Land, Water, and Energy Stresses*. Bonn, Washington, DC, and Dublin: Welthungerhilfe, International Food Policy Research Institute, and Concern Worldwide.

von Grebmer, K., D. Headey, C. Béné, L. Haddad, T. Olofinbiyi, D. Wiesmann, H. Fritschel et al. 2013. *2013 Global Hunger Index: The Challenge of Hunger: Building Resilience to Achieve Food and Nutrition Security*. Bonn, Washington, DC, and Dublin: Welthungerhilfe, International Food Policy Research Institute, and Concern Worldwide.

von Grebmer, K., A. Saltzman, E. Birol, D. Wiesmann, N. Prasai, S. Yin, Y. Yohannes et al. 2014. *2014 Global Hunger Index: The Challenge of Hidden Hunger*. Bonn, Washington, DC, and Dublin: Welthungerhilfe, International Food Policy Research Institute, and Concern Worldwide.

von Grebmer, K., J. Bernstein, A. de Waal, N. Prasai, S. Yin, and Y. Yohannes. 2015. *2015 Global Hunger Index: Armed Conflict and the Challenge of Hunger*. Bonn, Washington, DC, and Dublin: Welthungerhilfe, International Food Policy Research Institute, and Concern Worldwide.

von Grebmer, K., J. Bernstein, D. Nabarro, N. Prasai, S. Amin, Y. Yohannes, A. Sonntag et al. 2016. *2016 Global Hunger Index: Getting to Zero Hunger*. Bonn, Washington, DC, and Dublin: Welthungerhilfe, International Food Policy Research Institute, and Concern Worldwide.

von Grebmer, K., J. Bernstein, N. Hossain, T. Brown, N. Prasai, Y. Yohannes, F. Patterson et al. 2017. *2017 Global Hunger Index: The Inequalities of Hunger*. Bonn, Washington, DC, and Dublin: Welthungerhilfe, International Food Policy Research Institute, Concern Worldwide.

von Grebmer, K., J. Bernstein, L. Hammond, F. Patterson, A. Sonntag, L. Klaus, J. Fahlbusch et al. 2018. *2018 Global Hunger Index: Forced Migration and Hunger*. Bonn and Dublin: Welthungerhilfe and Concern Worldwide.

von Grebmer, K., J. Bernstein, R. Mukerji, F. Patterson, M. Wiemers, R. Ni Chéilleachair, C. Foley et al. 2019. *2019 Global Hunger Index: The Challenge of Hunger and Climate Change*. Bonn and Dublin: Welthungerhilfe and Concern Worldwide.

von Grebmer, K., J. Bernstein, R. Alders, O. Dar, R. Kock, F. Rampa, M. Wiemers et al. 2020. *2020 Global Hunger Index: One Decade to Zero Hunger: Linking Health and Sustainable Food Systems*. Bonn: Welthungerhilfe; and Dublin: Concern Worldwide.

Vos, R., J. Jackson, S. James, and M. V. Sánchez. 2020. "Refugees and Conflict-Affected People: Integrating Displaced Communities into Food Systems." In *2020 Global Food Policy Report: Building Inclusive Food Systems*. Washington, DC: International Food Policy Research Institute.

W

Wagner, Z., S. Heft-Neal, Z. A. Bhutta, R. E. Black, M. Burke, and E. Bendavid. 2018. "Armed Conflict and Child Mortality in Africa: A Geospatial Analysis." *Lancet* 392 (10150): 857–865.

Wali, N., K. E. Agho, and A. Renzaho. 2020. "Factors Associated with Stunting among Children under 5 Years in Five South Asian Countries (2014–2018): Analysis of Demographic Health Surveys." *Nutrients* 12 (12): 3875.

Walter, B. 2011. "Conflict Relapse and the Sustainability of Post-Conflict Peace." Input paper to *World Development Report 2011: Conflict, Peace, and Development*. Washington, DC: World Bank. <https://web.worldbank.org/archive/website01306/web/conflict-relapse-and-sustainability-of-post-conflict-peace.html>.

Wezeman, P. D., A. Fleurant, A. Kuimova, D. Lopes da Silva, N. Tian, and S. T. Wezeman. 2020. *Trends in International Arms Transfers*, 2019. SIPRI Fact Sheet. Stockholm: Stockholm International Peace Research Institute. https://www.sipri.org/sites/default/files/2020-03/fs_2003_at_2019.pdf.

WFP (World Food Programme). 2021a. "The Invisible Crisis: WFP Chief Appeals for the World Not to Look Away as Families Starve in Madagascar." News release, June 23. www.wfp.org/news/invisible-crisis-wfp-chief-appeals-world-not-look-away-families-starve-madagascar.

-----, 2021b. "Somalia." <https://www.wfp.org/countries/somalia>. Accessed June 10, 2021.

-----, 2021c. "Southern Madagascar on Brink of Famine, Warns WFP." News release, April 29. www.wfp.org/news/southern-madagascar-brink-famine-warns-wfp.

-----, 2021d. "Syria Emergency." <https://www.wfp.org/emergencies/syria-emergency>.

Accessed July 16, 2021.

-----, 2021e. "Yemen Emergency." <https://www.wfp.org/emergencies/yemen-emergency>.

Accessed July 16, 2021.

WFP USA. 2021. "Hungriest People Live in Just Ten Countries. Why?" <https://www.wfpusa.org/articles/60-percent-of-the-worlds-hungry-live-in-just-8-countries-why/>.

WHO (World Health Organization). 2020. *Pulse Survey on Continuity of Essential Health Services during the COVID-19 Pandemic: Interim Report, 27 August 2020*. Geneva. <http://go.nature.com/3jtva12>.

-----, 2021. Global Database on Child Growth and Malnutrition. Accessed May 24, 2021. www.who.int/teams/nutrition-and-food-safety/databases/nutgrowthdb.

Wiesmann, D. 2006. *A Global Hunger Index: Measurement Concept, Ranking of Countries, and Trends*. Food Consumption and Nutrition Division Discussion Paper 212. Washington, DC: International Food Policy Research Institute.

Wiesmann, D., L. Weingärtner, and I. Schöninger. 2006. *The Challenge of Hunger: Global Hunger Index: Facts, Determinants, and Trends*. Bonn and Washington, DC: Welthungerhilfe and International Food Policy Research Institute.

Wiesmann, D., H. K. Biesalski, K. von Grebmer, and J. Bernstein. 2015. *Methodological Review and Revision of the Global Hunger Index*. ZEF Working Paper Series No. 139. Bonn: University of Bonn, Center for Development Research (ZEF).

World Bank. 2011. *World Development Report 2011: Conflict, Security, and Development*. Washington, DC.

-----, 2015. *Somalia Economic Update: Transition amid Risks with a Special Focus on Intergovernmental Fiscal Relations*. Washington, DC.

-----, 2019. "Lifting Cameroon's Most Vulnerable out of Poverty: Building Resilience and Fostering Local Governance to Address the Root Causes of Fragility and Conflict in Northern Regions of Cameroon." Results Briefs, November 8. www.worldbank.org/en/results/2019/11/08/lifting-camerouns-most-vulnerable-out-of-poverty-building-resilience-and-fostering-local-governance-to-address-the-root-causes-of-fragility-and-conflict-in-northern-regions-of-cameroon.

-----, 2020. *Poverty and Shared Prosperity 2020: Reversals of Fortune*. Washington DC.

PARCEIROS



Quem somos

A Concern Worldwide é uma organização não governamental, internacional, humanitária, dedicada à redução do sofrimento e que trabalha para a eliminação final da pobreza extrema nos países mais pobres do mundo.

O que fazemos

A nossa missão é ajudar as pessoas que vivem em extrema pobreza a alcançarem grandes melhorias nas suas vidas que duram e se espalham sem o apoio permanente da Concern. Para alcançar esta missão, comprometemo-nos num trabalho de desenvolvimento a longo prazo, construímos resiliência, respondemos a situações de emergência, e procuramos abordar as causas profundas da pobreza através do nosso trabalho de educação e advocacia para o desenvolvimento. Em 2020, a Concern ajudou 36,9 milhões de pessoas em 23 dos países mais pobres e mais vulneráveis do mundo.

A nossa visão

Acreditamos num mundo onde ninguém vive em situação de pobreza, medo ou opressão; onde todos têm acesso a um nível de vida digno e às oportunidades e escolhas essenciais para uma vida longa, saudável e criativa; e onde todos são tratados com dignidade e respeito.



Quem somos

A Welthungerhilfe é uma das maiores organizações não governamentais de desenvolvimento e ajuda humanitária na Alemanha. Foi fundada em 1962 como a secção alemã da Campanha “Freedom from Hunger”, uma das primeiras iniciativas globais de combate à fome, lançada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO).

O que fazemos

Fornecemos ajuda integrada que engloba resposta rápida a emergências, reconstrução, e cooperação para o desenvolvimento a longo prazo. Em 2020, apoiámos 14,3 milhões de pessoas em 35 países através de 539 projetos internacionais.

Como trabalhamos

Porque o nosso objetivo é melhorar de forma sustentável os meios de subsistência a longo prazo, o nosso trabalho centra-se no desenvolvimento de capacidades. O nosso objetivo é reforçar estruturas a partir da base e trabalhar em conjunto com organizações parceiras locais para assegurar o sucesso a longo prazo do nosso trabalho. Além disso, sensibilizamos o público e advogamos junto dos decisores políticos nacionais e internacionais. Assim, esforçamo-nos por abordar as causas profundas da fome e da pobreza de forma sustentável. Numa missão partilhada com muitas outras organizações, o nosso objetivo é tornarmo-nos redundantes.

A nossa visão

Um mundo em que todas as pessoas possam exercer o seu direito de levar uma vida autodeterminada, com dignidade e justiça, livre da fome e da pobreza.

16 ANOS DE RASTREIO DA FOME NO MUNDO

Desde 2006, o Índice Global da Fome tem vindo a informar sobre o estado da fome a nível global, por região e por país.



Estudos de casos nos Países Pós-Conflito do Afeganistão e Serra Leoa



Medidas a serem tomadas para reduzir a Subalimentação Aguda e a Fome Crónica



O Ciclo Vicioso da Fome e da Pobreza



Crise Financeira e Desigualdade de Género



A Crise da Subnutrição Infantil



Controlar os Picos de Preços e a Volatilidade Excessiva dos Preços dos Alimentos



Garantir a Segurança Alimentar Sustentável sob Pressões na Utilização da Terra, da Água e da Energia



Construir Resiliência para Alcançar a Segurança Alimentar e Nutricional



O Desafio da Fome Escondida



Conflito armado e o Desafio da Fome



Atingir o limiar da Fome Zero



As Desigualdades da Fome



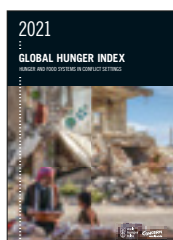
Migração Forçada e Fome



O Desafio da Fome e das Alterações Climáticas



Uma Década até à Fome Zero: Ligar Saúde e Sistemas Alimentares Sustentáveis



Fome e Sistemas Alimentares em Conflito Situações de conflito

Visitar www.globalhungerindex.org para obter:

- Mais informações sobre o Índice Global da Fome de 2021
- Sinopse
- Perfis e vídeos dos países
- Traduções do relatório completo
- Edições passadas do IGF (Índice Global da Fome)

IMPRINT

Deutsche Welthungerhilfe e. V.

Friedrich-Ebert-Straße 1
53173 Bonn, Alemanha
Tel. +49 228-2288-0
Fax +49 228-2288-333
www.welthungerhilfe.de

Secretário-Geral:

Mathias Mogge

Concern Worldwide

52-55 Lower Camden Street
Dublín 2, Irlanda
Tel. +353 1-417-7700
Fax +353 1-475-7362
www.concern.net

Chefe do Executivo:

Dominic MacSorley

Citação recomendada: von Grebmer, K., J. Bernstein, D. Smith, C. Delgado, M. Wiemers, T. Schiffer, A. Hanano, O. Towey, R. Ni Chéilleachair, C. Foley, S. Gitter, K. Ekstrom, and H. Fritschel. 2021. 2021 Global Hunger Index: de 2021: *El Hambre y los Sistemas Alimentarios en Situaciones de Conflicto*. Bonn: Welthungerhilfe; and Dublin: Concern Worldwide.



Design: muelhausmoers corporate communications gmbh, Cologne, Germany.

Impressão: DFS Druck Brecher GmbH, Cologne, Germany.

Autores:

Welthungerhilfe: Miriam Wiemers (Policy Advisor), Tabea Schiffer (Policy and External Relations), Asja Hanano (Head of Policy and External Relations); Concern Worldwide: Olive Towey (Senior Policy Advisor), Réiseal Ni Chéilleachair (Head of International Advocacy), Connell Foley (Director of Strategy, Advocacy, and Learning); Consultores Independentes: Klaus von Grebmer, Jill Bernstein, Heidi Fritschel; Towson University: Seth Gitter e Kierstin Ekstrom. Towson University: Seth Gitter.

Autores convidados:

Caroline Delgado (Investigadora Sênior e Diretora de Programa, Alimentação e Segurança, Instituto Internacional de Investigação da Paz de Estocolmo), Dan Smith (Diretor, Instituto Internacional de Investigação da Paz de Estocolmo)

Editor:

Heidi Fritschel

Número de encomenda: 460-9608

ISBN: 978-1-9161928-5-0

Foto da capa:

Habitantes de Idlib, Síria com um pide - pão tradicional redondo e achatado - durante o mês santo do Ramadão. Agência Anadolu via AFP/Muhammed Said 2021.

Outros créditos das fotografias:

Página 2: Welthungerhilfe/HIHFAD 2019; página 6: Welthungerhilfe 2021; página 24: Welthungerhilfe/Stefanie Glinski 2018; página 34: Concern Worldwide/Ollivier Girard 2021; página 36: Welthungerhilfe/Welthungerhilfe/Papa Shabani 2021

Agradecimentos:

Agradecemos à Divisão de Estatísticas (ESS) da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) bem como à Organização Mundial de Saúde (OMS) pelo seu inestimável apoio ao longo de todo o processo de compilação de dados. Agradecemos ao pessoal da Concern e da Welthungerhilfe pelas suas contribuições. Agradecemos a Gershon Feder por ter conduzido uma revisão por pares deste relatório. Agradecemos a cuidadosa revisão do relatório por parte da Grant Price. Finalmente, agradecemos a Doris Wiesmann pelo seu contínuo apoio e orientação para o IGF.

Renúncia de responsabilidade:

Os limites e nomes mostrados e as designações utilizadas nos mapas não implicam a aprovação ou aceitação oficial pela Welthungerhilfe ou pela Concern Worldwide.

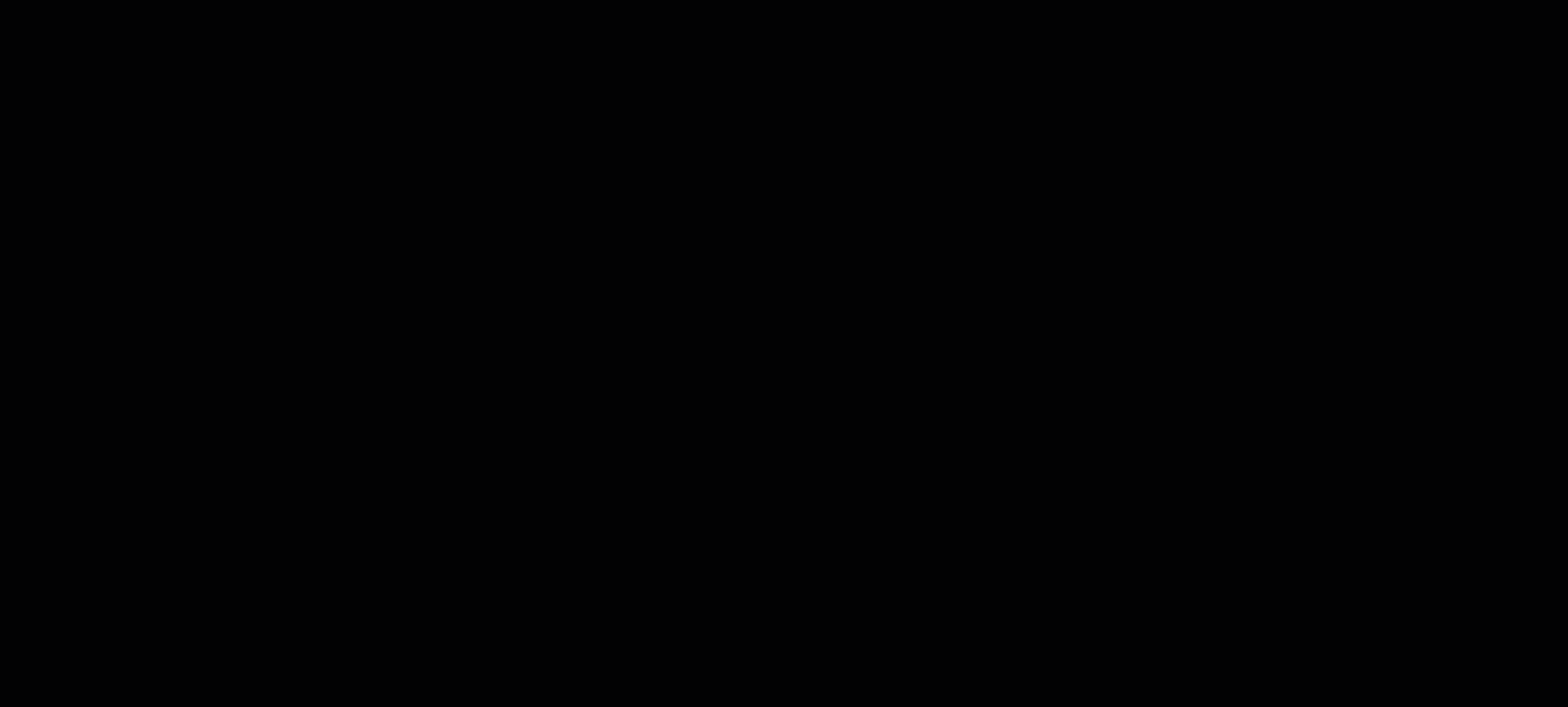


Creative Commons:

Esta publicação está disponível ao abrigo de uma Licença Internacional 4.0 atribuída pela Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0), <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.

Website:

www.globalhungerindex.org



Para mais informações, visite www.globalhungerindex.org.

Alliance 2015

towards the eradication of poverty

Deutsche Welthungerhilfe e. V.

Friedrich-Ebert-Straße 1
53173 Bonn, Alemanha
Tel. +49 228-2288-0
Fax +49 228-2288-333
www.welthungerhilfe.de
Membro da Alliance2015

Concern Worldwide

52-55 Lower Camden Street
Dublin 2, Irlanda
Tel. +353 1-417-7700
Fax +353 1-475-7362
www.concern.net
Membro da Alliance2015

